

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELA CRISTINA DA SILVA

OS FUNDAMENTOS FREUDIANOS E AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE:
CONDIÇÕES, POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES

CURITIBA
2012

ANGELA CRISTINA DA SILVA

OS FUNDAMENTOS FREUDIANOS E AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE:
CONDIÇÕES, POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração em Psicologia, linha de pesquisa Psicologia Clínica, departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba

CURITIBA
2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenâncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação -UFPR

Silva, Angela Cristina da
Os fundamentos freudianos e as aplicações da psicanálise:
condições, possibilidades e implicações / Angela Cristina da
Silva. – Curitiba, 2012.
118 f.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Papel do Psicanalista.
3. Psicanálise – Fundamentos. I. Título.

CDD 150.195

TERMO DE APROVAÇÃO

ANGELA CRISTINA DA SILVA

OS FUNDAMENTOS FREUDIANOS E AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE:
CONDIÇÕES, POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba
Orientador – Departamento de Psicologia, UFPR

Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra
Departamento de Psicologia, UFMG

Profa. Dra. Rosa Maria Marini Mariotto
Departamento de Psicologia, PUC-PR

Profa. Dra. Nadja Nara Pinheiro
Departamento de Psicologia, UFPR

Curitiba, 23 de março de 2012.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba, que recebeu meu projeto e ajudou a transformá-lo neste trabalho, proporcionando um crescimento que não se restringe à obtenção do título acadêmico, mas que se volta, sobretudo, a uma maneira de escrever e produzir a partir da psicanálise. Agradeço pela abertura e pelos limites impostos, pela compreensão e flexibilidade. Agradeço por, de fato, ter me orientado neste processo, tendo feito parte de cada momento dele com pontuações que se demonstraram sempre acertadas.

À minha banca de qualificação que, além do meu orientador, contou com a participação da Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra e do Prof. Dr. Edson Luiz André de Souza que, de maneira tão oportuna e sensível, cooperaram no delineamento final deste trabalho, contribuindo com considerações maiores do que eu imaginava serem possíveis.

À ensinante e Profa. Dra. Rosa Maria Marini Mariotto que, num contexto de formação distante do acadêmico, transmitiu parte dessas “coisas psicanalíticas” de uma maneira que ajudou na compreensão da diferença entre teoria e experiência a partir da psicanálise.

À Profa. Dra. Nadja Nara Pinheiro que, além de membro suplente da banca, acompanhou meu trabalho desde o seu início, tecendo sempre críticas pertinentes e que o engrandeceram.

A todos aqueles que, na minha vida, estando ou não envolvidos com o campo da Psicanálise, ouviram-me falar sobre esta dissertação, as alegrias e angústias resultantes dela. Aqueles que ajudaram em momentos específicos lendo, traduzindo, acrescentando e, antes de tudo, encorajando.

Aos meus pais e irmãs, que personificam o lugar em que aprender e construir é a melhor maneira de continuar aprendendo e construindo.

É o desejo que dá vigor às artes e às ciências, essas artes e essas ciências que constituem a honra e o prestígio das civilizações, testemunho e dádiva muda de amor [...]. Desses desejantes desaparecidos, mensageiros do real (inconscientes disso em seu tempo), que souberam criar obra de amor na linguagem que nos transmitiram, no material que marcaram com sua vontade de sobreviver até nós, recebemos as criações de seu desejo ao encontro do nosso, incitando-nos, por nossa vez, a transmitir por nosso trabalho os frutos do nosso desejo, espreitados pela solidão que somos todos.

Françoise Dolto

RESUMO

Por que, dentre tantas formas possíveis de se tomar um sujeito, escolhe-se a psicanálise? A partir desta pergunta, este trabalho delineou-se buscando abarcar as angústias resultantes da atuação profissional no campo da saúde mental. Este questionamento trouxe consigo a necessidade de se pensar quais seriam as implicações decorrentes de situar as condições e possibilidades das aplicações da psicanálise. Grande parte das instituições, dentre elas as de saúde mental, buscam uma verdade sobre o sujeito cujo objetivo final apresenta-se como sendo da ordem da categorização e da padronização. Dessa forma, na construção deste trabalho, compreendeu-se que a aplicação da psicanálise a tais contextos enfrenta um paradoxo próprio da psicanálise, uma vez que seu objetivo é diferente, por ir além da demanda institucional. Assim, buscou-se refletir o lugar que o psicanalista assume a partir dos fundamentos que delimitam o campo da psicanálise, suas possibilidades e implicações, seja em que contexto for. A existência de tais condições resulta de uma conjuntura que não se restringe ao corpo teórico da psicanálise, mas que diz respeito à posição que o analista assume em diferentes campos de atuação. Assim, o primeiro passo foi atentar para o lugar que a questão do fundamento assume na obra freudiana. Uma vez delineada tal importância, buscou-se delimitar os conceitos que, por serem inegociáveis à psicanálise, destacaram-se na exposição atrelados à questão da posição do analista, elemento que, importante para Freud, tornou-se nossa baliza. A partir do conceito do recalque e do determinismo inconsciente e da maneira com que se entrelaçam à posição do analista, foi possível escapar das concepções dogmáticas que nada dizem sobre a psicanálise. Pensamos, portanto, sobre o que é inegociável à psicanálise e a tratamos enquanto uma experiência que faz com que tais conceitos, e também outros, se presentifiquem nesta experiência, de tal modo que foi nos textos em que Freud de fato voltou-se às aplicações da psicanálise ao contexto clínico que buscamos apreender se o autor mantém seu posicionamento. Uma vez mais, foi possível perceber que a posição do analista continua a ser sustentada em sentido estrito, enquanto aspecto fundamental que assume para a transmissão da psicanálise, já que a existência de um analista, tocado por uma experiência própria do determinismo inconsciente e do recalque, o coloca em uma posição que faz com que abdique das certezas totalizantes, das curas, dos bens e dos padrões de comportamento a serem atingidos.

Palavras-chave: Freud. Fundamentos da psicanálise. Aplicações. e posição do analista.

ABSTRACT

Why, among many possible forms of approaching a subject, it is chosen the psychoanalysis? Based on this question, this study was outlined seeking to embrace the anguishes that are results from the professional practice in mental health. This question brought about itself the need to consider what would be the implications of situating the conditions and possibilities of psychoanalysis's applications. Most of the institutions, among them the mental health ones, seek a truth about a subject whose ultimate goal is presented as being of the categorization and standardization order. Thus, in the construction of this work, it was understood that the application of psychoanalysis to such contexts faces a paradox of psychoanalysis itself, since its purpose is different, once it goes beyond the institutional demand. Hence, it was sought to reflect the place that the psychoanalyst assumes based on the grounds that surround the field of psychoanalysis, its possibilities and implications, whatever the context is. The existence of such conditions results in a conjuncture that is not restricted to the theoretical body of psychoanalysis, but as regards the position that the analyst assumes in different fields. So, the first step was to look for the place that the foundation issue takes on in Freud's work. Once delineated such importance, it was sought to define the concepts which, being non-negotiable to psychoanalysis, stood out in the exhibition linked to the question of the analyst's position, element that, important to Freud, became our base. Based on the concept of repression and the unconscious determinism and the way they intertwine to the analyst position, it was possible to escape from the dogmatic views that say nothing about psychoanalysis. We thought, therefore, on what is nonnegotiable to the psychoanalysis, and treated it as an experience that makes these concepts, as well as others, be represented in this experience, in such a manner that it was in the texts which Freud actually turned to the application of psychoanalysis to the clinical context that we seek to understand if the author maintains his position. Once again, it was possible to identify that the position of the analyst continues to be held in strict sense, while it assumes a fundamental aspect for the transmission of psychoanalysis, since the existence of an analyst, touched by an experience of unconscious determinism and repression, puts the analyst in a position that makes him/her abdicate totalizing certainties, cures, belongings and behavioral patterns to be achieved.

Key-Words: Freud. Psychoanalysis's foundations. Applications. Position of the analyst.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A QUESTÃO DO FUNDAMENTO EM FREUD	19
2.1 FREUD E A PSICANÁLISE	23
2.2 PODE A PSICANÁLISE IR ALÉM?.....	32
2.3 ELA REALMENTE PODE	39
3 SOBRE ESSAS COISAS PSICANALÍTICAS	45
3.1 O RECALQUE E SUA RELAÇÃO COM OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	50
3.2 UM NÃO SABER QUE É UM NÃO QUERER SABER	52
3.2.1 A impossibilidade do eu em escapar a si próprio	54
3.3. OS PONTOS DE ENCONTRO: O RECALCADO É O PROTÓTIPO DO INCONSCIENTE	59
3.4 A TAREFA É LABORIOSA, MAS NÃO IMPOSSÍVEL.....	70
4 AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE	78
4.1 AS ALTERAÇÕES NA TÉCNICA: O RISCO DE NÃO DESCOBRIR NADA ALÉM DO QUE JÁ SABE	80
4.2 A POSIÇÃO DO ANALISTA: UM TRABALHO SEM ATROPELOS QUE OPERA NAS PROFUNDEZAS.....	89
4.3 AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE ENTRARAM EM CENA E REQUERERAM DEBATE	97
5 CONCLUSÕES.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho teoricamente fundamentado a partir de uma leitura que se pretende minuciosa e reflexiva das contribuições de Freud para o campo que chamamos, a partir também do referencial freudiano, de aplicações da psicanálise. Muito antes de as páginas que se seguem começarem a ser escritas, o tema que norteia esse trabalho começou a se apresentar enquanto alvo de dúvidas e questionamentos. Tais questionamentos nada tinham, então, a ver com a necessidade de se construir um trabalho acadêmico, mas diziam respeito a uma prática profissional.

A experiência vivenciada em uma instituição de saúde mental suscitou angústias e indagações a partir do discurso referente ao resultado a ser alcançado e ao bem que o sujeito obterá a partir de um determinado tratamento. Esse resultado, ou este *bem*, tem muito a ver com a padronização de comportamentos, com desempenhos, com as formas de se relacionar, enfim, com categorias específicas a serem atingidas a partir de uma queixa. Pensar a respeito disso demarca pontos que dizem respeito à psicanálise em si e não apenas à psicanálise na instituição, pois não são muros e paredes que a formam e a delimitam, mas sim seus objetivos. A instituição, pública ou privada, atende pessoas com demandas específicas que se reportam a algo que, em algumas dessas instituições, se define como sofrimento.

No que se circunscreve como sofrimento, para os que chegam nestes espaços há algo real e é dele que a psicanálise trata e a ele que dá importância. A ele não podemos dar as costas a despeito da queixa e do discurso institucional. Evadir-se desse discurso, ou de parte dele, possibilita a escuta do sujeito, o que não tem a ver apenas com a psicanálise na instituição, mas com a própria psicanálise. Assim, se é possível realizar uma delimitação para esta pesquisa, esta se faz a partir da reflexão acerca de que condições e possibilidades existem para imersão da psicanálise na instituição e, em contrapartida, que implicações resultam deste atravessamento.

É importante partirmos de uma pergunta, já que a construção de um trabalho inserido dentro de um programa de pós-graduação não prescinde dela, que definiria um questionamento sólido e bem definido. Por outro lado, à medida que as dúvidas relativas à prática profissional se colocavam, tornavam-se mais ruidosas e menos

organizadas as perguntas. Não se apresentavam, portanto, de modo algum, a partir de critérios definitivos, de tal maneira que foi um caminho de idas e vindas este empreendido durante o tempo de elaboração deste trabalho. Ainda assim, uma pergunta costuma ser a melhor maneira de se chegar a uma resposta, e também o melhor jeito de se apresentarem outras tantas perguntas. Esta dissertação, certamente, partiu mais de dúvidas e menos de certezas, que se fazem presentes desde quando foi possível questionar-se acerca das possibilidades e impossibilidades das aplicações da psicanálise às instituições.

A partir do momento em que esta pesquisa de fato iniciou-se, muitos foram os momentos de construção e de desconstrução do projeto do qual partiu. A cada nova modificação realizada, tanto no que dizia respeito às perguntas quanto aos objetivos que a balizavam, menos específicas essas dúvidas se tornavam. O que a princípio pareceu um problema capaz de abater a continuidade do projeto e o ânimo para repensá-lo, apresentou-se, na verdade, como o combustível que faltava para essa pesquisa apresentar-se como uma que se realiza a partir da psicanálise.

Uma pesquisa em psicanálise no contexto universitário encerra em si diversos questionamentos. Exatamente pelo fato de ter a psicanálise nascido longe do ambiente acadêmico e de ter, excetuando-se algumas participações de Freud na Universidade de Viena, com suas Conferências Introdutórias, permanecido dele afastado durante todo o seu desenvolvimento. No entanto, essa é uma realidade que se apresenta e não é nenhuma novidade o fato de que muito se produz conhecimento a partir da psicanálise no ambiente universitário. Mesmo não sendo necessário, especialmente neste trabalho, questionar ou defender essa inserção, parece importante salientá-la, uma vez que Freud previa tal possibilidade em um texto muito conhecido; e em outro texto, ainda mais debatido, falou com bastante entusiasmo acerca das possibilidades de ampliação que à psicanálise se apresentariam. Trata-se aqui, respectivamente, de *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades* (1919a/1996) e *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996).

Quando, no texto de 1914, cerca de vinte anos depois da abertura do campo da psicanálise, Freud dedica-se a elucidar aspectos importantes de seu desenvolvimento, ele também nos oferece algumas das definições sobre o que é e o que não é psicanálise e ainda sobre os contornos que esse campo pode assumir. Desse modo, ver-se-á que esse é um texto posto em discussão em cada um dos

capítulos da dissertação a partir dos diferentes vieses que ele encerra. A leitura deste artigo serviu como ponto de partida à definição, recorrendo aos ensinamentos de Freud, de um caminho que nos aproximou de elaborações frutíferas sobre as possibilidades das aplicações da psicanálise, vislumbrada a partir dos conceitos que a ela são caros.

A partir deste texto, presenciamos a tentativa de Freud em falar sobre a importância que adquiriu e que poderia ainda no futuro adquirir este campo, desde que fossem mantidos firmes os alicerces que o estruturam. Então, quando trata desta importância, Freud afirma as possibilidades que à psicanálise começam a se apresentar e também o fato de não andar atrelado aos limites que alguns poderiam dar a ela. Ele abre assim o campo, afirmando: “existe aí material de trabalho para uma geração de pesquisadores e não duvido de que será realizado tão logo as resistências contra a psicanálise sejam superadas em seu campo de origem” (FREUD, 1914a/1996, p. 47).

Ora, este nosso trabalho é mais uma das muitas pesquisas realizadas de lá para cá. Situa-se em uma das gerações subsequentes que encontraram um vasto campo e muito material sobre o qual se debruçar. É verdade que a psicanálise se popularizou, a despeito disso ser positivo ou negativo, e que muitas das resistências dentro e fora do campo da psicanálise foram superadas. Não fosse verdade, talvez questionarmo-nos sobre as possibilidades e implicações das aplicações da psicanálise a partir de seus próprios fundamentos sequer fosse possível dentro da universidade. Mas é igualmente verdade que as resistências ainda limitam a incidência desta interlocução.

Dentre tais incidências, encontra-se a dúvida que foi anterior ao desenvolvimento destas páginas, dúvida esta que também não se inseriu no contexto universitário, mas no público, na saúde mental. Ainda assim, ela não versava sobre a possibilidade de se realizar um trabalho naquela instituição psiquiátrica específica, mas sobre as possibilidades e impossibilidades de a psicanálise acontecer em contextos a que Freud associou as aplicações dela.

Pensando em Freud e no fato de ele ter sido o primeiro a vislumbrar tais possibilidades de ampliação, a decisão sobre que caminho seguir para tentar chegar a alguma elaboração em torno dos questionamentos empreendidos apóia-se em seus ensinamentos e nos passos que ele deu. Tendo sido este caminho escolhido, foi possível compreender que, antes de nos questionarmos sobre as possibilidades e

impossibilidades de aplicação da psicanálise, era necessário questionar os elementos chamados nesta pesquisa de 'inegociáveis'. Foi buscando tais elementos, a partir de Freud, que foi possível situá-los no que ele delimita como os fundamentos deste campo, onde funda sua estrutura e fixa os alicerces de sua invenção.

Dessa maneira, o questionamento sobre as possibilidades de a psicanálise ser aplicada a terrenos diversos dos de sua origem nos conduziram a perguntar sobre que fundamentos são esses, sem os quais, segundo Freud, estaríamos deteriorando a psicanálise seja em que contexto for. O problema é que, quanto mais corpo tomava esta dissertação, maior se tornava a impressão de que a pergunta norteadora desta pesquisa era: o que é a psicanálise? E sempre que essa pergunta se fazia, o questionamento seguinte era se essa não seria uma pergunta ingênua, do tipo que não se faz em voz alta, porque, ao se fazer, admite-se a própria ignorância.

É porque, quando se faz uma pergunta num contexto acadêmico, parte-se do princípio que se pretende chegar a uma resposta, a uma conclusão. Não é o caso, ainda que a construção desta dissertação tenha ajudado a fornecer algumas pistas neste sentido. Por outro lado, se nos aventuramos a dizer em voz alta isso que aflige, é porque quem nos avaliza é aquele que recorrentemente questionou-se sobre sua prática, sua técnica, sobre a validade dos conceitos por ele formulados. Lendo Freud, percebemos que ele permaneceu sempre se interrogando, conforme o trecho abaixo, que consta de uma correspondência que durou trinta anos, entre ele e o pastor suíço Oskar Pfister: "Na ciência, primeiro é preciso decompor, depois reunir. [...] Na técnica psicanalítica não há necessidade de um trabalho especial de síntese; isto o indivíduo autonomamente providencia melhor que nós" (FREUD a PFISTER, 2009 [1909-1939], p. 83).

Então, que dúvida não é válida se ela nos conduz, e certamente conduziu-nos, a escapar das sínteses, das certezas totalizantes, dos diagnósticos precisos e das adaptações benéficas vivenciadas no cotidiano de uma instituição psiquiátrica? Assim, se questionamo-nos sobre o que funda o campo da psicanálise, se debruçamo-nos sobre aqueles elementos aos quais pode ser atribuída a particularidade de serem inegociáveis, acreditamos que essa é uma dúvida válida que precisa existir, mesmo que as respostas não sejam conclusivas.

No trecho da carta que destacamos acima, Freud afirma que, na psicanálise, não precisamos partir de sínteses e que para a ciência, antes de reunir é preciso

decompor. Freud atrela, assim, o desenvolvimento do campo da psicanálise ao que ele toma por um ideal de ciência. Ora, esta pesquisa, inserida em um dos muitos campos que Freud reconhecia como passível de ampliação para a psicanálise, também parte de decomposições. Freud via a universidade como prescindível à psicanálise, ao mesmo tempo em que vislumbrava nela possibilidade de crescimento e divulgação de suas ideias. Dentro do contexto universitário, toda pesquisa exige uma delimitação, exige uma pergunta norteadora, uma síntese, portanto. Mas vimos que, para Freud, essa é uma contradição não apenas própria à psicanálise, mas à construção do conhecimento.

Por essa razão, a trajetória desta pesquisa data do momento em que a psicanálise começou a se apresentar como o caminho possível para uma prática clínica cujos questionamentos embasaram os primeiros pensamentos, elaborações, angústias e, enfim, *impressões* sobre as ideias que aqui serão desenvolvidas. No que diz respeito a uma pesquisa em psicanálise, isso importa porque a escolha por um tema, a dedicação a ele e a forma como uma pesquisa evolui registram o singular e específico da história analítica de cada um que, a partir dela, pôde desprender-se de um saber fechado e conclusivo. Desse modo, a pesquisa em psicanálise na universidade ocorre a partir de uma tentativa de se articular, dentro das medidas do possível, o discurso da ciência ao da psicanálise. É a essa tentativa que se presta essa dissertação a partir do caminho percorrido para a sua elaboração, buscando, assim, articular estas duas exigências: a da psicanálise e a da universidade.

A história deste projeto e a forma como até aqui sua elaboração tem sido conduzida demonstra que esse é um trabalho que trata essencialmente de começos. Partindo do tema, originado a partir de um percurso acadêmico inquietante que culminou no começo profissional; em seguida, o começo de uma trajetória conceitual e teórica da própria psicanálise, que acolhe o não-saber e a impossibilidade de se seguir colado a um discurso de melhora dos sintomas, pura e simplesmente; também o começo de uma vivência prática diária em que o sofrimento dos que chegam precisa de um lugar depositário diante da babel da prática institucional e das formas diversas em que profissionais de diferentes áreas podem dar ouvidos a tais sofrimentos; finalmente, o começo de uma trajetória de pesquisa em psicanálise dentro da universidade, trajetória que certamente não se encerrará por aqui.

O mais importante é que, tendo esta pesquisa nascido a partir dos já referidos começos, no decorrer da elaboração do projeto, o que se percebeu é que o começo principal de que ela trata é o próprio começo da psicanálise a partir da abertura do campo do inconsciente, enquanto campo de conhecimento, prática e pesquisa. Trata também do que se desenvolveu ulteriormente, ou seja, seus conceitos fundamentais, seus parâmetros inegociáveis e também suas possibilidades de aplicação.

Assim, o trajeto pelo qual se conduziu esta pesquisa mantém a característica de descontinuidade própria da pesquisa em psicanálise. Um trajeto que começou com o objetivo principal de extrair as conseqüências possíveis relativas à psicanálise nas instituições. Por extrair as conseqüências possíveis, pode se entender a tentativa de buscar respostas para duas perguntas: o que dá para fazer com a psicanálise no trabalho institucional e o que a instituição pode, em contrapartida, fazer com a psicanálise.

É possível perceber que, em um primeiro momento da pesquisa, o questionamento foi bem otimista. Afinal, quando se questiona sobre o papel do psicanalista nas instituições e sobre as especificidades desta prática neste contexto, pressupõe-se a possibilidade de a psicanálise acontecer nas instituições já de antemão. Simultaneamente, quando se questiona o que as instituições podem fazer a partir da psicanálise, pressupõe-se que toda instituição estaria aberta a ela.

O argumento que sustentava tais questionamentos era único e um tanto frágil, já que corria o risco de cair em repetições reducionistas de que o que garante a psicanálise, seja em que contexto for, é a sua ética, a ética do desejo. Tal ética tende a ser compreendida como a possibilidade de o analista atender ao que perpassa o desejo inconsciente e que se coloca constantemente, e que o desejo nem sempre – melhor seria dizer quase nunca – segue a moral e os bens costumes, indo na contramão da instituição. Dessa maneira, o argumento para os pressupostos enunciados no parágrafo anterior sustentar-se-ia na afirmação de que a ética do desejo é a que deve vigorar em primeiro plano em todos os lugares onde se fala em nome da psicanálise, incluindo aqueles locais socialmente concebidos para acolher uma demanda de adaptação do sujeito ao meio, demanda que não seria do sujeito, mas da própria sociedade. Simples assim! Tomando isso como verdadeiro, impossível é não pensar em outra pergunta: *Então, se o que sustenta a psicanálise é sua ética, o que sustenta essa ética?*

Essa pergunta pareceu importante porque, diante do questionamento sobre as especificidades do papel da psicanálise nas instituições, a resposta 'esta especificidade encontra-se em sua ética' assume um risco que vai na contramão das diferenças entre uma pesquisa em psicanálise e outras pesquisas dentro da universidade. Este risco é o da completude, da conclusão, do fechamento do saber. Diante deste, novas reflexões fizeram-se necessárias, possibilitando que um novo questionamento se fizesse: *Será possível que a psicanálise exista dentro das instituições?* E se sim, *de que maneira* isso pode acontecer? E o ponto de sustentação da discussão girou em torno das ditas possibilidades, dos recursos à mão, enfim, das alternativas possíveis ainda apoiando-se na relação existente entre os diferentes caminhos que a psicanálise poderia tomar a partir da baliza da ética que a sustenta. Voltamos ao mesmo lugar.

O momento atual, aquele para o qual hoje o foco se volta na dissertação, configura-se a partir de uma pergunta muito menos ingênua: *Por que, dentre tantas formas possíveis de se tomar um sujeito, escolhe-se a psicanálise?* É, assim, a partir deste questionamento que podemos pensar sobre as possibilidades e implicações das aplicações da psicanálise. As reflexões anteriores acerca do trajeto percorrido por esta pesquisa foram importantes para que o momento em que ela se encontra hoje tenha sido estabelecido, afinal, tomando emprestadas as palavras de Freud, "[...] toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma só vez" (FREUD, 1917a [1916] /1996 p. 305).

Uma verdade que não pode ser dita por inteiro é esta que a psicanálise busca. Mas a verdade completa, conclusa, fechada, o êxito, a categorização, os padrões, as curas das doenças, a eliminação completa dos sintomas, evitando o sofrimento, a angústia, a despeito dos sacrifícios aí empreendidos, é o que busca a civilização. Assim, existem aqui dois paradoxos. O primeiro diz respeito à relação das instituições com seus objetivos específicos, sejam eles quais forem, já que elas, direta ou indiretamente também são criadoras dos problemas que visam solucionar. O segundo trata do paradoxo da instituição com a psicanálise, porque a psicanálise tem um objetivo diferente do proposto pela instituição, visa algo que vai além da demanda, seja ela institucional ou a própria queixa do sujeito que vive essa instituição em suas formas variadas.

E do que trata a escuta psicanalítica nesse contexto? Tentando responder essa pergunta, esta pesquisa volta aos fundamentos que delimitam o campo da

psicanálise, para que seja possível interrogar sobre as possibilidades e implicações das aplicações da psicanálise ao campo da saúde mental. O que possibilitaria considerar a relação desta prática, que configuraria uma psicanálise aplicada, com a ética que orienta a psicanálise a partir da posição que o analista assume. Para este fim, o percurso seguiu alguns passos.

No primeiro capítulo direcionamos a nossa discussão para o que chamamos de 'A questão do fundamento em Freud'. Com esse intuito, percorremos a obra freudiana na tentativa de evidenciar, a partir deste lugar a que o autor recorreu em diversos momentos da construção do corpo teórico da psicanálise, a distinção de alguns de seus conceitos com a marca de fundamentos. Assim, neste capítulo, trabalhamos os textos, especialmente aqueles voltados ao público leigo, em que Freud se depara com a necessidade de definir a psicanálise, ou seja, de sintetizar. Isso já demarca uma dificuldade que, como vimos, seria, para Freud, contraditória à produção do conhecimento. No entanto, o autor nos deixa claro que o faz com um único objetivo: o de proteger a psicanálise de equívocos que resultariam em prejuízos. Assim, provavelmente pelo fato de os prejuízos atingirem os desavisados que, em determinado momento, pudessem recorrer à psicanálise para darem conta de seus sofrimentos, Freud dedicou tantos textos ao público leigo. Talvez uma tentativa de demonstrar por suas próprias palavras que muito da fama que a psicanálise tinha poderia nada vir a ter a ver com seus postulados.

Uma vez traçada esta especificação, que demonstra ter Freud, de fato, em diversos momentos, referido-se a alguns de seus conceitos a partir do estatuto de fundamento, buscou-se delimitar quais destes conceitos poderiam vir a ser discutidos, em um segundo capítulo, enquanto aqueles que seriam inegociáveis à psicanálise. No primeiro capítulo, no entanto, verifica-se que sequer Freud chegou a uma conclusão a esse respeito. De tal modo que, nas diversas obras em que tentou definir a psicanálise, o fez de formas diferentes. Então, para podermos atender aos objetivos desta dissertação, foi preciso delimitar, dentre tais conceitos, quais atenderiam às nossas expectativas. Dessa maneira, dois conceitos parecem ter se destacado ao longo das exposições do primeiro capítulo. Foram eles o recalque, enquanto pedra angular da psicanálise, e o determinismo inconsciente. Assim, nossas elaborações no segundo capítulo pretendem percorrer a relação existente entre esses dois termos a partir da conceituação que Freud desenvolve em torno de cada um deles a fim de articular seu estatuto de fundamento. Esse caminho foi

traçado, especialmente, através de uma releitura dos textos chamados metapsicológicos e alguns outros cuja importância destaca-se na elaboração do capítulo.

À medida que essa relação foi se construindo, um elemento que já estava presente desde o primeiro capítulo tomou cada vez mais destaque nas elaborações que se fizeram no segundo momento deste trabalho. Localizamos a importância que toma, na obra freudiana, a posição do analista. Freud dedicou-se a esse tema especialmente nos artigos sobre a técnica. Tais artigos foram de fundamental importância, portanto, para encaminharmos, finalmente, a construção do terceiro capítulo desta dissertação.

Questionamo-nos sobre por que, dentre tantas formas de se tomar um sujeito, é pela via da psicanálise que alguns se posicionam. Essa pergunta relaciona-se, portanto, à posição do analista, elemento que se destacou desde o início de nossas elaborações. Foi esta a nossa baliza desde o primeiro capítulo, em que buscamos o posicionamento de Freud quando situa alguns dos conceitos cunhados a partir do desenvolvimento teórico da psicanálise enquanto fundamentais. Se elegemos dois conceitos entre todos os que compreendemos serem importantes para o campo da psicanálise, foi porque a partir deles foi possível escapar da tentativa dogmática de manter inabalável um corpo teórico de conceitos, ao mesmo tempo em que pudemos observar como tais conceitos servem enquanto delimitadores de algo que fundaria a posição do analista. Essa prática manter-se-ia, dessa forma, a partir de uma experiência que faz com que tais conceitos se presentifiquem como fenômenos e não uma crença suscitada pela descoberta de determinado ideal de ciência, equívoco a que a psicanálise jamais pretendeu se reduzir.

Neste capítulo ainda, tentando resguardar os objetivos dessa dissertação de refletir acerca das possibilidades e implicações das aplicações da psicanálise a partir do estatuto de fundamento, recorreremos aos textos em que Freud efetua o que chama de aplicações da psicanálise, em particular aos que entendemos concernir ao contexto clínico. Isso se deu com o objetivo de analisarmos se, também nestes textos, é possível apreender em Freud seu posicionamento ao que considera fundamental na psicanálise. Uma vez mais, a questão que em outros momentos de nosso trabalho colocou-se sem, a princípio, darmos-nos conta disso foi a da posição do analista, que continuou a ser sustentada em sentido estrito, mesmo nos textos em que Freud se colocou favorável à ampliação da psicanálise.

Assim, acredita-se que a formatação final da dissertação atente, finalmente, tanto aos objetivos do que seria uma pesquisa no campo da psicanálise como a uma que será recebida no contexto universitário. Se acreditamos que esta é de fato uma pesquisa feita a partir da psicanálise, é porque essa dissertação foi construída de uma forma muito menos pensada do que experimentada, no sentido de que sua edificação simplesmente deu-se à medida que nossas elaborações se ampliavam. E se acreditamos que ela pode ser recebida dentro do contexto acadêmico, é porque dentro dos limites que a psicanálise abarca, partimos de um questionamento capaz de nos fazer traçar objetivos, abstrações, delimitações, um método de construção e, finalmente, a elaboração de capítulos que se entrelaçam para tentar dar conta do questionamento sobre o qual nos debruçamos.

2 A QUESTÃO DO FUNDAMENTO EM FREUD

O primeiro ponto sobre o qual nos debruçaremos neste trabalho diz respeito a uma investigação na obra freudiana do quê, na delimitação do campo da psicanálise, assume estatuto de fundamento. A contribuição de Freud, em inúmeros de seus textos, demonstra que havia nele uma preocupação que era pungente: aquela de cernir um limite ao que seria fundamental à psicanálise. À medida que esse trabalho se foi construindo e, por isso, à medida que nos dedicamos a buscar os elementos fundantes da psicanálise, diversos foram os momentos em que encontramos a tentativa freudiana de esquadrihar aqueles aspectos que delimitam este campo do qual foi fundador. Por outro lado, parece interessante ressaltar o que, à primeira vista, soaria como uma contradição. É que, muitos também foram os momentos em que nos deparamos com a perspectiva que Freud nos coloca de que a psicanálise partiria mais de incertezas do que de certezas. Dentre estes momentos, destacamos as elaborações com as quais Freud nos introduz ao artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915a/1996):

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas [...]. Tais idéias [...] são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. (FREUD, 1915a/1996, p. 123)

É, desse modo, partindo da necessidade de as ciências apoiarem-se em *certo grau de indefinição*, que Freud inicia este importante artigo de sua obra, reiterando que esperar definições prontas, exatas e acabadas é um valor do qual não podemos e não devemos dispor quando ainda existem possibilidades de definição em aberto. Revela aí a grande exigência do autor para com o campo cujas bases começou a fundar vinte anos antes da elaboração do citado artigo.

Sabemos que a história da psicanálise ultrapassou os cem anos de criação. Nem por isso dispensamos o valor daquilo que foi construído e aprimorado no

decorrer de toda a vida por Freud. Tamanho é o cuidado do autor em tornar claras suas primeiras abstrações e hipóteses, em dividir suas dúvidas e também os seus recuos, bem como os pontos dos quais não abriu mão, que a construção deste trabalho pode buscar na obra freudiana seu alicerce. Por isso, a partir da tentativa de uma leitura cuidadosa de seus textos é que este trabalho pode existir. Uma existência que se deu a partir de uma característica marcante da leitura da obra de Freud, a sua delicadeza para com o leitor, a mesma com que se dedica à construção de conceitos quando se debruça sobre um determinado tema, conforme continua a pontuar em *O instinto e suas vicissitudes* (1915a/1996):

Só depois de uma investigação mais completa no campo da observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo “conceitos básicos”, [...] estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo. (*idem*)

O desejo por reconhecimento científico está por trás da comparação entre a psicanálise e a ciência física, no alto de sua exatidão. Mas, independentemente desta comparação, cabe ressaltar que a psicanálise existe e se produz continuamente não a partir de suas certezas, mas de suas incertezas. Incertezas estruturantes do campo do inconsciente e que, por isso, exigem um método que contemple a singularidade daquele que com ele se envolve. Assim, quando buscamos, na própria obra freudiana delimitar os conceitos que são a ela fundamentais, estruturantes de sua prática, acabamos por nos deparar com um método que se desenvolveu no próprio contato de Freud com seus pacientes, a partir mais dos fracassos que se apresentaram diante daquilo que a hipnose não abarcava, do que dos sucessos que ela obteve.

Dessa maneira, tanto quanto Freud dedica-se a manter o campo da psicanálise um campo aberto às conclusões daqueles que lhe sucederem, ele teme que o mesmo seja desvirtuado. Assim, também são inúmeros os momentos em que o leitor depara-se com um Freud agarrado às suas descobertas que ele chama de fundamentais. *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996) é um destes momentos, bem como a conferência *Psicanálise e Psiquiatria* (1917b/1996).

No primeiro, além dos dados históricos sobre o desenvolvimento do campo da psicanálise, Freud narra como, a partir do momento em que começaram a se reunir em torno dele homens interessados pelas suas descobertas, as dissidências foram inevitáveis. Conta a história da psicanálise, mostra o porquê de tais dissidências e, assim, esbarra no que chama de pedra angular da psicanálise. Neste texto, Freud nos oferece definições sobre o que é e o que não é psicanálise e também sobre os contornos que esse campo pode assumir. Assim, oferece subsídios para que possamos, recorrendo aos seus ensinamentos, vislumbrar um caminho que se aproxime de uma resposta sobre as possibilidades de aplicações à psicanálise a partir da própria experiência freudiana e, por isso, dos conceitos que a ele são caros. Através deste artigo, Freud apresenta, depois de anos de decomposição, uma síntese parcial do campo que veio a representar, mais do que uma trajetória de trabalho e estudos, toda a sua vida.

O essencial disso começa a acontecer na transição entre o que se identifica como pré-psicanálise e a psicanálise propriamente dita, salto que Freud realiza quando, em 1895, compreende que para chegar à origem da neurose, terá que abdicar da aceitação e do reconhecimento. O autor compreende que o passo realizado em busca do desenvolvimento da psicanálise o afasta de uma concepção de que não há o que ser feito diante da neurose. Ao assumir este posicionamento, Freud declara sua luta pela verdade, sobre a qual tece importantes considerações em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), como se verá adiante.

Em contrapartida às dificuldades que encerra a luta pela verdade, no artigo de 1917, Freud dedica-se à contraposição entre as poucas possibilidades que se apresentam à psiquiatria e as que a psicanálise pode lançar mão. Freud situa tais possibilidades como o que está além do diagnóstico e de um prognóstico incerto que a psiquiatria poderia nos dar. Isso ele atribui, neste artigo, ao fato de ter a psicanálise se estruturado referenciando-se ao que chama de 'descobertas fundamentais', ainda que reitere que o movimento de mudanças neste campo continua, de tal modo que o autor não se deixa acusar de uma rigidez teórica:

[...] não me impedirei de modificar ou retirar qualquer uma das minhas teorias sempre que a progressão da experiência possa exigilo. Com referência a descobertas *fundamentais*, até o momento atual, nada tenho a modificar, e espero que isto venha a manter-se verdadeiro no futuro. (FREUD, 1917b [1916]/1996, p. 292 [grifo do autor])

Quais seriam estas chamadas ‘descobertas fundamentais’? Notamos que a palavra ‘fundamentais’ recebe destaque, ainda que ele não delimite neste texto de que ordem seriam tais descobertas. Mesmo assim, as palavras de Freud nos permitem concluir que, para ele, alguns dos conceitos em torno dos quais se desenvolve a psicanálise adquirem estatuto de fundamento, e é por essa razão que, neste capítulo, nos dedicaremos a esta questão.

No referido artigo de 1917, Freud situa a psicanálise a partir de uma posição de mais poder diante do sofrimento neurótico. Este acolhimento particular do sofrimento por parte da psicanálise desenvolvia-se paralelamente ao que se produzia na nascente ciência psicológica e à maneira através da qual a medicina dedicava-se a estes doentes. O caminho que a psicanálise trilhou também aconteceu de uma maneira ímpar em relação àquela que se admitia dentro dos laboratórios universitários. Cabe, então, questionar de onde veio este acolhimento particular. E é Freud (1910a/1996) quem responde: das observações clínicas de seu colega e amigo Breuer, durante o que se configurou no atendimento da paciente designada Anna O.

Como nosso trabalho nasce do reconhecimento e da importância dos começos, é pelo começo da psicanálise, ou seria melhor dizer pela pré-psicanálise, que este capítulo inicia. Se partimos deste caso clínico tão originário, é porque buscamos demonstrar como a psicanálise construiu-se com a superação de concepções construídas em seus primórdios. Seguiremos, para tal, com o exame de dois artigos datados de épocas distintas, cada um deles voltado para um tipo diferente de público. Essencialmente, ambos tratam de questões muito próximas e, por isso, pareceu impossível ler um desvinculado do outro. Trata-se de *Cinco lições de psicanálise*, de 1910, texto que faz uma retrospectiva do nascimento do saber psicanalítico, a partir do relato do atendimento de Anna O, e de *Psicoterapia da histeria*, a última parte de *Estudos sobre a histeria*, de 1895, tópico a que apenas Freud se dedica, dando margem para compreendermos que algumas de suas conclusões não poderiam mais ser compartilhadas por Breuer.

A escolha por eles não é aleatória. As cinco lições foram conferências proferidas por Freud nos Estados Unidos quase quinze anos depois de *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996) ter sido publicado e rechaçado pela classe médica. As cinco lições, por outro lado, também encerram uma demarcação de início. O convite para essas conferências soou para Freud como um primeiro

reconhecimento, em detrimento de muitas resistências que continuaria a sofrer. De acordo com o editor da Edição Standard (FREUD, 1910a/1996, p. 17), as conferências representaram para Freud a sensação de que não vivia um devaneio isolado, quando tantos se reuniram para ouvi-lo. Assim, a marca destas conferências é a do reconhecimento da psicanálise, ou assim parece ter representado para Freud.

Os insucessos da hipnose – casos em que o método não parecia surtir o efeito desejado –, em vez de rejeitados como não passíveis de tratamento a partir do que começava a se configurar como psicanálise, foram os pontos de sustentação para novos questionamentos e investigações que conduziram a psicanálise a se diferenciar da terapêutica médica e a se configurar a partir de possibilidades muito diferentes desta. Deste modo, é interessante frisar que, muito antes de terem sido elaboradas as cinco conferências introdutórias sobre a psicanálise, tais dificuldades eram questões importantes e dignas de muitas páginas de elaboração já bem no início dos estudos de Freud, a saber, já na quarta parte de *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996). Há que se considerar tais estudos como o momento em que, simultaneamente à apresentação de casos que foram solucionados graças ao auxílio da hipnose, Freud defronta-se com os insucessos, com a impossibilidade de continuar utilizando a sugestão. Enfim, com a oportunidade de adentrar lugares habitados pelo desconhecido, admitindo a existência de uma força viva e atuante: o recalque, acompanhado de seu principal representante clínico, a resistência.

Explica-se que, neste capítulo, antes de abordar os momentos em que, já em 1895, ele começou a se questionar acerca da impossibilidade de continuar utilizando a sugestão como método de tratamento, nos dedicaremos a elaborações posteriores: estas que ele apresentou em solo americano e que dirigiu a um público leigo, estas que Freud considerou como momento de um primeiro reconhecimento dos seus esforços. Enfim, estas através das quais foi possível a um público mais amplo apreender o que define de fato a psicanálise.

2.1 FREUD E A PSICANÁLISE

Em *Cinco lições de psicanálise* (1910a/1996), Freud relata a história de um movimento que se afastou no devido tempo e necessidade do saber médico que,

então, se ocupava do tratamento dos distúrbios emocionais, tomando o que ele chama de rota absolutamente original (FREUD, 1910a/1996, p. 14). A partir dessa rota, interessou-se por tais distúrbios, apesar do desconhecimento e do desamparo que eles evocavam: “[...] diante da histeria, o médico não sabe, do mesmo modo, o que fazer” (FREUD, 1910a/1996, p. 15). Através destas palavras, Freud chama a histeria de transgressora da ciência médica, já que encarna em si o desamparo e algumas das impossibilidades dos tratamentos então empregados.

Ao relatar a história do que se configurou como a pré-psicanálise, a partir do tratamento empreendido por Breuer com Anna O, é deveras interessante quando ele afirma a não pretensão de Breuer em *curar* a paciente e, mesmo assim, *acompanhá-la* diariamente em seu sofrimento, não medindo esforços na busca pela *origem* de seus sintomas. Nessa busca incessante, e através do emprego da hipnose como método neste momento pré-psicanalítico, as conclusões a que chegaram os dois pesquisadores é de que tal origem tem a ver com as reminiscências, restos simbólicos de experiências carregadas de carga afetiva. Assim, se há um sintoma, há um desconhecimento em sua causa: um não saber.

Freud (1910a/1996, p. 24) prossegue dizendo que os doentes *sabiam* de que se tratavam tais reminiscências e, uma vez abandonado o método hipnótico, só precisavam *dizer*, descoberta que fez quando Anna O. começou a chamar o método adotado de ‘limpeza de chaminé’:

“[...] as recordações esquecidas não se haviam perdido. Jaziam em poder do doente e prontas a ressurgir em associação com os fatos ainda sabidos, mas alguma força as detinha, obrigando-as a permanecer inconscientes” (FREUD, 1910a/1996, p. 25).

A esta força que detinha os desejos violentos do paciente, Freud (1910a/1996) deu o nome de recalque, mas em *Estudos sobre a histeria* (1895/1996) a chamara de *processos defensivos*. Tais processos seriam incapazes, no entanto, de aniquilar os desejos violentos, e seu substituto (o sintoma), bem como a idéia recalçada, também traria consigo um tipo de sofrimento quando lançado à consciência. Assim, Freud conclui que a psicanálise desvendaria o trajeto de trás para frente, reconduzindo o sintoma para a idéia recalçada (FREUD, 1910a/1996, p. 28).

Desse modo, para a psicanálise existem conteúdos escondidos, não sabidos, na vida mental do indivíduo. Esses conteúdos podem aparecer através da livre associação, método que desenvolveu em substituição à hipnose e que possibilitou a mudança do momento pré-psicanalítico para a psicanálise propriamente dita. Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, de 1912, Freud atribui à livre associação a função de preceito único do qual parte a técnica psicanalítica. Neste texto, ele também afirma que se deixar abandonar à memória inconsciente não é tarefa apenas do paciente, mas do analista, situando aí a implicação daquele que se propõe a esta práxis, contrapartida essencial ao início de toda análise. Afinal, a comunicação que ocorre entre o inconsciente do analista e do analisante permite a reconstrução das associações livres em conteúdos significantes.

Isso só é possível, diz Freud no texto já referido, quando o analista não está sujeito às próprias resistências, ou ao menos, não se encontra por elas dominado. Através destas palavras podemos conceber a importância e a preocupação de Freud com a formação do analista, formação essa que começaria com a análise pessoal, somente a qual poderia preparar alguém para superar as próprias resistências, de modo a não permitir que elas interferissem no processo analítico. Denota, então, ser a formação do analista algo que principia a partir de uma experiência, a experiência analisante. Do contrário poderá selecionar e deformar os conteúdos apresentados, tanto através das associações do paciente, como também a partir dos sonhos, dos chistes e dos atos falhos que ele pode vir a manifestar. E o analista, para Freud (1910a/1996, p. 36), retomando as Cinco Lições, seria alguém com “[...] rigorosa fé no determinismo da vida mental [...]”, cujos conteúdos não se manifestam de forma arbitrária, mas estão agrupados de modo a dizerem algo sobre o sujeito: esse algo desconhecido.

As palavras de Freud nos conduzem a pensar a análise a partir daquele que analisa porque ele define a importância que adquire, para ser possível sustentar essa posição, uma fé que apenas nasce porque se vivenciou estes que buscamos, os conceitos fundamentais à psicanálise, enquanto experiência que apenas uma análise possibilita. Do contrário, a fé na psicanálise não seria em nada diversa da fé religiosa. Tratar-se-ia, desse modo, de um dogma, diante do qual as argumentações mais racionais apenas resvalariam.

A necessidade para o analista desta rigorosa fé no determinismo da vida mental pode ser reconhecida em muitos outros textos em que Freud faz menção à

técnica da psicanálise. Um deles é *Análise terminável e interminável* (1937a/1996), em que o autor discute os possíveis resultados de um tratamento mais breve e profilático. É na sétima parte deste artigo que ele afirma:

Entre os fatores que influenciam as perspectivas do tratamento analítico e se somam às suas dificuldades da mesma maneira que as resistências, deve-se levar em conta não apenas a natureza do ego do paciente, mas também a individualidade do analista (FREUD, 1937a/1996, p. 264).

Pensar a individualidade do analista, conforme pontuado no trecho acima, remete-nos imediatamente àquilo que em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996), Freud chama de a contrapartida do analista ao preceito único do qual parte a psicanálise – a associação livre. Quando deitamos nossa atenção para o que seria isso que o autor chama de ‘individualidade do analista’, pensamos de que maneira poderia essa individualidade influenciar num processo que, a priori, não existe na forma de uma relação dual. Assim, o eu do analista, não poderia influenciar nenhum aspecto, uma vez que todo aquele que se voltaria à escuta analítica não se deixaria influenciar pelas próprias questões e dificuldades.

No entanto, quando pensamos dessa maneira, estamos nós, como também fazem os opositores da análise, orgulhando-nos dos atributos da nossa consciência, e assim, desconsideraríamos que existe uma força que não está exatamente sob o controle do que o eu considera apropriado ou inapropriado. Se a individualidade do analista pode apresentar-se como um dos fatores que oferece resistência ao tratamento, isso apenas é possível por um posicionamento que, dominado por ideais, não está pronto para assumir a mudança radical que implica a abertura do inconsciente.

Freud, ainda em *Análise terminável e interminável* (1937a/1996) prossegue dizendo que “[...] o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e que inclui qualquer tipo de impostura ou engano” (FREUD, 1937a/1996, p. 265). A partir dessas palavras, Freud situa a psicanálise como a terceira das profissões impossíveis, junto com governar e educar. A impossibilidade da psicanálise sustenta-se no fato de que esta nunca se realizará de forma total, concluída e fechada, nunca se faz toda, portanto. De tal modo que ocupar este lugar implica deparar-se com uma tarefa que jamais é

completada, ou seja, continuamente encarar o aspecto interminável que toda análise encerra. Há, portanto, sempre um resto, e esse resto faz parte da verdade que é a verdade do inconsciente, de modo que um analista qualifica-se especialmente a partir de sua análise pessoal, somente esta poderá lhe possibilitar

[...] uma convicção firme da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material reprimido surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis (FREUD, 1937a/1996, p. 265).

Nota-se que esta frase retirada de *Análise terminável e interminável* (1937a/1996) faz eco àquela proveniente de *Cinco lições de psicanálise* (1910a/1996), sobre a necessidade de o analista possuir uma “[...] rigorosa fé no determinismo da vida mental” (FREUD, 1910a/1996, p. 36). Fé que, sem dúvida, animou Freud a permanecer no intento de tornar a psicanálise um método de investigação do inconsciente e uma prática clínica. Não obstante, certamente houve obstáculos ao caminho da psicanálise quando admitiu como objeto de estudo o campo que abarca o inconsciente. Apesar dos percalços, Freud construiu o percurso da psicanálise, concluindo que:

O orgulho da consciência que chega, por exemplo, a desprezar os sonhos pertence ao forte aparelhamento disposto em nós de modo geral contra a invasão dos conteúdos inconscientes. Esta é a razão porque tão dificultoso é convencer os homens da realidade do inconsciente e dar-lhes a conhecer qualquer novidade em contradição com seu conhecimento consciente (FREUD, 1910a/1996, p. 37).

O primeiro obstáculo certamente apresenta-se a partir do desafio representado pela tentativa de ir além da hipnose, dificuldade que começa a se tornar presente na obra através do que identificamos como sendo o papel da transferência enquanto veículo da ação terapêutica. Freud começa a perceber a importância deste veículo já em *Estudos sobre a histeria*, quando se dedica às dificuldades que a hipnose encarnava. O método de Breuer não era efetivo com todos os pacientes, o que não só levou Freud a uma alteração da técnica como do que ele chama de ‘visão dos fatos’ (FREUD, 1895[1893] /1996, p. 272). Assim, Freud começa a questionar-se e “[...] a tomar uma posição quanto à questão do que, afinal, caracteriza essencialmente a histeria e do que a distingue das outras

neuroses” (idem). Assim, a partir do momento em que começa a investigar a base sexual das neuroses, Freud toma uma posição a partir da qual se tornou impossível continuar o percurso da psicanálise ao lado de Breuer.

O momento de reflexão que encarna este capítulo dos estudos é bastante interessante. Freud exprime uma a uma as dúvidas e razões que o levaram a concluir que o método de Breuer não poderia ir além, já que “[...] não consegue afetar as causas subjacentes da histeria, assim, não consegue impedir que novos sintomas tomem o lugar daqueles que foram eliminados” (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 277).

Quando Freud afirma que a hipnose não podia ir além, ou seja, não podia chegar às causas da histeria, essa insatisfação demarca a virada de posicionamento que foi imprescindível para a transição entre esse momento pré-psicanalítico e o que se seguiu a ele. A virada aconteceu porque Freud notou que, em alguns pacientes, o método catártico não eliminava nem mesmo os sintomas que já se notavam, causadores de sofrimento. Essa inacessibilidade, Freud atribui às próprias características dos pacientes, admitindo que nem todos eram sugestionáveis e que isso só poderia dizer respeito às peculiaridades da neurose, aquelas que ele veio a empreender tanto esforço em descobrir a razão de ser. A inacessibilidade não tira o valor do método hipnótico, mas impõe-lhe limites: “[...] um médico não pode atribuir-se a tarefa de alterar uma constituição como a da histérica” (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 278).

A citação acima demarca um entre tantos momentos de *Psicoterapia da histeria* em que Freud demonstra, à medida que o texto se constrói, que muitas reflexões acerca da posição do médico já vinham sendo por ele feitas. Mesmo tendo a medicina como base de formação, e mesmo neste momento ainda demonstrando sofrer forte influência dos ideais científicos médicos, o que Freud apresentava ia além da compreensão complacente e buscou atingir níveis profundos que, no decorrer do desenvolvimento da teoria, ele percebeu que existiam. Trata-se dos níveis inconscientes, daqueles conteúdos que precisam ultrapassar alguns obstáculos para que, só então, possam ser lançados à mão.

Freud situa a ‘fé’ no determinismo da vida mental como um quesito *sine qua non* ao psicanalista. Não foi sem dificuldades que Freud adentrou as profundezas que abarcam o campo do inconsciente com vistas a tornar a psicanálise um método

e uma prática clínica. Em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923a[1922]/1996), Freud aponta:

A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria (FREUD, 1923a[1922]/1996, p. 264).

A partir do trecho acima, vemos Freud nos apresentar seu posicionamento quanto aos conceitos que considera fundamentais. À medida que avançarmos em nossa discussão, outros momentos que Freud nos oferece serão destacados, no sentido de possibilitar o acesso às definições acerca disso que buscamos, ou seja, quais os aspectos da psicanálise considerados por Freud como tendo sido fundantes deste campo. Esta citação destaca dois pontos que serão discutidos no próximo capítulo como sendo bases sobre as quais repousa o corpo teórico da psicanálise: a existência dos processos mentais inconscientes e o reconhecimento da teoria do recalque. No entanto, é importante salientar que, quando procuramos quais seriam os elementos da psicanálise que seriam inegociáveis, o que buscamos não se trata de definições sentenciosas, mas de compreender que conceitos articulam-se de forma indissociável da experiência analítica, uma vez que é apenas através dela que a psicanálise pode se sustentar.

Todos os pontos abordados por Freud no trecho acima podem ser encontrados pela primeira vez em *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996), momento em que ele salienta que uma das características essenciais da histeria é que, nela, o eu encontra-se subjugado pelos sintomas. Diante desta situação, ainda no mesmo texto, Freud lamenta a inexistência de uma terapia que chegue à raiz dessa subjugação e, diante da dificuldade em continuar empregando o método de Breuer, coloca a si mesmo a questão de ou desistir das pacientes inacessíveis à técnica, ou ampliá-la e ir além dela. Momento que é, talvez, aquele em que Freud começa a descolar-se do saber médico e pensar sobre a criação de algo totalmente novo, que se constitui como a psicanálise. Esse questionamento, que representa uma mudança de posição, interessa a esta pesquisa: “Assim, eu era obrigado a desistir da idéia de tratar tais pacientes, ou a me esforçar por promover essa ampliação de alguma outra forma” (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 282). Que esforço

é esse a que Freud se refere? O esforço que realizou uma mudança da medicina para a psicanálise.

Mas o que parece importante a esta altura é que Freud já se refere neste texto tão introdutório, tão precoce no que diz respeito ao desenvolvimento da psicanálise, ao que se constituíram como pontos fundamentais à clínica psicanalítica, os mesmos aos quais faz menção em *Cinco lições de psicanálise* (1910a/1996) e em muitos outros textos bastante posteriores na obra e que também serão apresentados adiante.

Em *Psicoterapia da histeria* (1895[1893] /1996), ele utiliza pela primeira vez o termo *transferência*, ainda que não conceituado, e também nesse momento tão inicial, faz as primeiras relações da transferência com a resistência e o recalque. Freud se apercebe da resistência justamente por ter que *insistir* em que as recordações dos pacientes viessem à tona, de modo que deveria haver ali um obstáculo que teria alguma relação com a força inicial que originou o sintoma, ou seja, o recalque:

E visto que essa insistência exigia esforços de minha parte, e assim sugeria a idéia de que eu tinha que superar uma resistência, a situação conduziu-me de imediato à teoria de que, *por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas)*. Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos, quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente. Que espécie de força poder-se-ia supor que estivesse em ação ali, e que motivo poderia tê-la posto em ação? (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 283)

A citação acima nos permite inferir se Freud, tão cedo no desenvolvimento de sua teoria, ao afirmar que ele mesmo teria que realizar um *trabalho psíquico* a fim de superar a resistência dos pacientes, já percebia aquilo que recomenda nos artigos sobre a técnica, ou seja, a importância de ser o analista alguém conhecedor das próprias resistências, caminho trilhado apenas a partir da análise pessoal. Esta afirmação soa como mais um exemplo de uma mudança de posicionamento, de uma queda do discurso médico, necessária à possibilidade de assumir-se enquanto analista. Alguém que, por ter sabido de suas angústias e resistências, encontra-se apto a enfrentar aquelas que se apresentam, do lado do paciente, durante o

tratamento, reconhecendo, também pela própria experiência analítica, a natureza aflitiva de tais conteúdos, “[...] capazes de despertar afetos de vergonha, autocensura, e dor psíquica [...]; eram todas de uma espécie que a pessoa preferiria não ter experimentado, que preferiria esquecer.” (FREUD, 1895[1893] /1996, p. 283).

A força psíquica é representada pela aversão por parte do eu, que tira tais representações da cadeia de associação: “[...] o ‘não saber’ do paciente histérico seria, de fato, um ‘não querer saber’ – um não querer que poderia, em maior ou menor medida ser consciente” (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 284). Foi a partir deste *não querer saber* que se alicerçaram as bases da psicanálise a partir do recalque, da resistência que resulta deste recalque e da transferência. Freud afirma que as representações inconscientes estão disponíveis desde que seja retirado um obstáculo, o que ele associa com a *vontade* do paciente, já que a mudança exige muito *trabalho* (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 292). O que Freud denomina como *vontade do sujeito* e complementa falando sobre o que há de *trabalhoso* em uma análise representa mais uma indicação que, já em 1895, havia no autor um reconhecimento, uma presença de compreensão de que a psicanálise não está para todos. Simultaneamente, quando nos apresenta a análise como algo que exige trabalho, importante dizer que é um trabalho que o paciente apenas pode realizar porque existe alguém pronto a receber seus frutos.

Pode-se perceber que já existe, nesse momento do desenvolvimento da psicanálise, o embrião de conceitos sem os quais ela não existiria: como a crença no determinismo inconsciente e o recalque. Tais conceitos desenvolveram-se largamente no decorrer da obra freudiana. Em seus textos posteriores aos *Estudos sobre a histeria*, incluindo *Cinco lições de psicanálise*, podemos ver como eles ganham estatuto de fundamentos para a teoria psicanalítica e se configuram como parâmetros inegociáveis para seu campo.

Tais parâmetros se fazem presentes tanto nos textos técnicos como nos metapsicológicos, e também naqueles que Freud destinou ao público leigo. Ver-se-á, no último capítulo, que também nos textos em que Freud se volta às aplicações da psicanálise ele estabelece, evidencia e denomina aquilo que considera como fundamental à psicanálise. E é sobre isso e a partir disso que, nos dois subcapítulos que se seguem, tentaremos traçar o modo como Freud delimita seu estatuto de fundamentos.

2.2 PODE A PSICANÁLISE IR ALÉM?

Ao se falar em parâmetros inegociáveis, é importante salientar que não se trata de cega convicção. Pelo contrário, Freud, no decorrer de sua obra, não poupou esforços para demonstrar sua teoria e os conceitos fundamentais dela decorrentes, através da observação proveniente de sua prática clínica e de trabalhos exaustivos. Assim, foram muitos anos e inúmeros trabalhos escritos à medida que eram cunhados tais conceitos, as pedras angulares de algo que se configura em teoria, método de tratamento e de pesquisa. No que concernem à obra freudiana, esses três vértices se misturam.

Como vimos, em *Psicoterapia da histeria* (1895[1893]/1996) Freud já começa a se questionar sobre o que fazer com os pacientes para os quais o método catártico parecia não surtir nenhum efeito (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 282). Seria o caso de desistir deles? Ou seria o de reunir *esforços* necessários a fim de promover uma ampliação de outra forma de tratamento? Duas palavras contidas neste trecho chamam a atenção: *ampliação* e *esforços*. Quando Freud utiliza esses dois termos, é possível perceber que suas convicções sobre o tratamento da histeria não *cabiam* mais no que havia até ali. Pensar na possibilidade de ampliação da técnica demonstra uma insatisfação com os resultados até então alcançados, mesmo que tais resultados tenham sido bastante importantes no que diz respeito ao início da psicanálise.

Metaforicamente, uma ampliação, muitas vezes, incorre na necessidade de que paredes sejam derrubadas e algumas fronteiras antigas transgredidas. Mas, essencialmente, uma ampliação realmente requer grandes *esforços*, esforços que devem atuar numa mudança de posição. E essa mudança de posição pode ser verificada quando Freud impõe-se tais reflexões e as comunica para o leitor quando escreve a última parte de *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996), já desvinculado de Breuer.

A mudança de posição de Freud começa a se efetuar quando percebe, já em *Psicoterapia da Histeria* (1895[1893]/1996), que se nem todos os pacientes são acessíveis à hipnose, isso se deve a algo de suas próprias características. Assim ele admite que nem todos são sugestionáveis e, se nem todos são sugestionáveis, ampliar significou ir além da sugestão. Mudar sua posição significou despojar-se do

saber médico e dar ouvidos às representações que, ainda que esquecidas, estavam à mão: o paciente só precisava *dizer*. Se nem todos são sugestionáveis, apenas os que seriam poderiam ser atingidos pela psicanálise? Certamente que não. É aí que a teoria se amplia, é aí que começa a poder existir a psicanálise, é quando Freud faz um corte entre psicanálise e sugestão. E a psicanálise pode ir além.

Com essa frase, vamos retornar a um texto ao qual já recorreremos anteriormente, *Psicanálise e Psiquiatria* (1917b[1916]), em que Freud questiona-se acerca do poder de alcance da psicanálise diante dos casos frente aos quais, a psiquiatria poderia apenas oferecer um prognóstico e diagnóstico incertos (FREUD, 1917b[1916]/1996, p. 298). Então, a pergunta que ilustra o título deste momento de nosso trabalho, e também do seguinte, a tomamos emprestada de Freud: “Pode a psicanálise, porém, ir além, em um caso destes?” (*idem*), respondendo em seguida, “Sim, ela realmente pode.” (*ibidem*).

À medida que o primeiro subcapítulo começou a ser construído, e a partir da leitura dos dois textos essenciais que serviram de base para sua elaboração, compreendeu-se que, mesmo quando ainda não havia a psicanálise, e quando o método empregado era a hipnose, Freud já vislumbrava não a possibilidade, mas a necessidade de ir além. E então, em 1895 esse questionamento já se fazia presente, pungente diante de uma precisão em ultrapassar a sugestão que embasava o tratamento das histerias.

É bom notar que Freud reconheceu os méritos do método catártico com muitos pacientes, mas, por ser sintomático e não causal, novos sintomas tomavam o lugar dos que foram suprimidos. Freud entendia que chegar às causas da neurose e aos seus aspectos distintivos era o caminho. Ao *insistir* que seus pacientes *sabiam* sobre suas neuroses, mas que *queriam não saber*, ele pôde fazer a relação entre recalçamento e resistência, a partir da qual concluiu que a resistência atua em favor do recalçamento e é decorrente deste. Deste modo, pode elaborar, de maneira ainda rudimentar, a relação da resistência com a transferência. Por isso, em 1895, a psicanálise realmente podia ir além, tanto que foi.

As conferências introdutórias foram proferidas entre 1915 e 1917, na Universidade de Viena, local em que, de acordo com as notas introdutórias do editor (FREUD, 1917[1915], 1996b, p. 15), Freud teve uma participação periférica e, às vezes, sem registros. Neste texto, fica claro que o público não é de médicos e não tem familiaridade com os temas da psicanálise. Freud apresenta o tema *Psicanálise*

e *Psiquiatria* afirmando: “Não desejo suscitar convicção; desejo estimular o pensamento e derrubar preconceitos” (FREUD, 1917b[1916]/1996, p. 289). E segue aconselhando os ouvintes: “Deveriam ouvir atentamente e permitir que atue nos senhores aquilo que lhes digo” (*idem*).

A convicção que Freud não desejava impor aos seus ouvintes tratava-se da convicção cega, da ‘conversão relâmpago’ (FREUD, 1917b[1916]/1996, p. 290), do mesmo modo que preferia pacientes mais céticos que os instantaneamente rendidos. Isto porque a psicanálise é fruto de um trabalho atento e investigativo, cujas hipóteses foram exaustivamente trabalhadas (*idem*). Assim, Freud melhor seria ouvido se o público, despojado de preconceitos, permitisse que atuasse o saber, agora mais depurado, que ele apresentava – parece que o autor já compreendia que permitir que atuasse naqueles senhores o que ele dizia seria uma tarefa difícil enquanto o acesso deles à psicanálise se limitasse a assistir às conferências.

Os ouvintes, assim, não deveriam partilhar da mesma convicção na psicanálise que Freud tinha. Afinal, para ele, essa convicção levou anos de construção e nasceu concomitantemente ao trabalho de elaboração dos conceitos juntamente a uma prática clínica diária e a sua auto-análise. A convicção dele era devida a uma vivência cotidiana do quanto podia a psicanálise ir além da sugestão, ir além dos sintomas, e como poderia chegar à causa da neurose. E como sempre no decorrer de sua obra, Freud abre espaço para as modificações que foram necessárias:

[...] após trabalho tão árduo, chegou-se a adquirir uma convicção, ao mesmo tempo adquiriu-se um certo direito de manter esta convicção com alguma tenacidade. [...] no transcorrer do meu trabalho, tenho modificado minhas opiniões em alguns pontos importantes, tenho-as alterado e substituído por outras novas – e, em todas essas ocasiões, naturalmente, tornei isso público. (FREUD, 1917b[1916]/1996, p. 291)

A partir da citação acima, e realizando um retorno àquela já apresentada no subcapítulo anterior, lembraremos, no entanto, que Freud supunha não haver alterações cabíveis no que diz respeito ao que ele, então chamou de descobertas fundamentais (FREUD, 1917b[1916]/1996], p. 292). Um dos objetivos deste trabalho é o de esquadrihar no que consistem tais conceitos fundamentais e o que

isto implica quanto ao que poderia ser modificado com vistas à sua ampliação para diferentes contextos. Vimos, portanto, tratando, até aqui, de delimitar na obra freudiana o que o próprio autor considera como suas ‘descobertas *fundamentais*’, para, no capítulo seguinte, interrogarmo-nos por que, afinal, elas são *fundamentais* à psicanálise a ponto de, se uma delas for desconsiderada, já não estaremos mais falando de psicanálise (embora, provavelmente, não soubéssemos mais sobre o que estaríamos falando).

Vemos serem mencionados dentre os fundamentos da psicanálise, o recalque e o determinismo do inconsciente. Freud também salienta outros elementos, tais como a transferência o papel da sexualidade, que não serão discutidos neste trabalho porque o mesmo atingiria proporções que vão além dos objetivos traçados. Essa é, no entanto, uma questão cuja desconsideração e desvirtuamento levaram a dissidências entre Freud e seus colaboradores. É que, para Freud, admitir apenas partes da psicanálise é não admiti-la de forma alguma. Assim, por mais que *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996) soe como uma defesa, melhor seria não encará-la como sendo dogmática. Freud dedica-se, neste artigo, a explicitar aqueles pontos que não deveriam ser tomados como premissas a partir das quais a psicanálise parte, mas como descobertas que a psicanálise fez (FREUD, 1914a/1996, p. 26). Se essa defesa se fez necessária foi porque as dissidências sacrificaram parte de tais descobertas em troca de aceitação e reconhecimento externos, talvez por isso tenham sido tão duras:

[...] eu próprio sempre havia sustentado que na compreensão da análise, cada indivíduo é limitado por suas próprias repressões (ou antes, pelas resistências que as sustentam) de modo que não pode ir além de um certo ponto em sua relação com a análise. Mas eu não esperava que alguém que houvesse alcançado certa profundidade na compreensão da análise pudesse renunciar a essa compreensão e perdê-la (FREUD, 1914a/1996, p 57).

A rejeição surgiu por aqueles que haviam contribuído para a sua difusão. Ainda que, para Freud, o reconhecimento também fosse caro, ele nunca esteve disposto a abrir mão dos fatos que a prática clínica comprovava pelo reconhecimento público e científico. Ao contrário, colocou-se à disposição de esperar por ele e reconhecia que poderia tardar. Freud nunca esteve disposto a abandonar aqueles fatos que já não poderiam ser interpretados de outra forma. Três excertos desta obra nos indicam a sua posição quanto a estes fatos:

Entre os outros novos fatores que foram acrescentados ao processo catártico como resultado de meu trabalho e que o transformou em psicanálise, posso mencionar em particular a teoria da repressão e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente (FREUD, 1914a/1996, p. 25).

Afirma ainda:

A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial e, todavia, nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem se recorrer à hipnose (FREUD, 1914a/1996, p 26).

E completa em seguida:

[...] a teoria da psicanálise é uma tentativa de explicar dois fatos surpreendentes e inesperados que se observam sempre que se tenta remontar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado: a transferência e a resistência. Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus (*idem*).

Ainda que houvesse hipóteses, tais como o recalque, a resistência e a transferência, completamente arraigadas à psicanálise, Freud esteve sempre disposto a rever suas afirmações mediante novas observações, conforme salientamos em *Os instintos e suas vicissitudes*, de 1915. Ainda em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), bonita é a passagem em que afirma que, ao perceber não ser mais possível continuar a defender a teoria da sedução, afirma ter estado a ponto de desistir (FREUD, 1914a/1996, p. 27). Todavia, àquela altura, ele não poderia mais desistir. Diante desta impossibilidade, completa: “[...] não se tem o direito de desesperar por não ver confirmadas as próprias expectativas; deve-se fazer uma revisão dessas expectativas” (FREUD, 1914a/1996, p. 27).

E Freud realizou uma revisão de suas expectativas em relação à natureza sexual do trauma infantil, alcançando outro ponto essencial à psicanálise: o papel da fantasia na formação dos sintomas. O abandono da hipnose pode ser considerado também uma revisão de expectativas. Sua substituição pela livre associação decorreu do que Freud chama de vago pressentimento (FREUD, 1914a/1996, p. 29). Vago pressentimento que faz par com a impossibilidade em desistir da psicanálise. Assim, observa-se em Freud uma mudança de posicionamento que também representa duas dimensões essenciais a toda e qualquer análise: o impossível que

ele situa em “talvez tenha perseverado apenas porque já não tinha outra escolha e não podia então começar outra coisa” (FREUD, 1914a/1996, p. 27), e o saber não sabido por inteiro presente em “[...] após um vago pressentimento, resolvi substituir a hipnose pela livre associação” (FREUD, 1914a/1996, p. 27).

O que Freud também faz em todo este texto, além de resguardar e esquadrihar os conceitos sem os quais a psicanálise não existe, é falar sobre a importância que adquiriu e que poderia ainda no futuro adquirir este campo, desde que fossem mantidos firmes os alicerces que o estruturam. Então, quando trata desta importância, que começou a se expandir a partir da difusão do saber psicanalítico, Freud fala das possibilidades que à psicanálise começam a se apresentar. Sobre essas possibilidades, discutiremos, a partir dos textos em que Freud trata das aplicações da psicanálise ao contexto clínico institucionalizado, no quarto capítulo deste trabalho.

Assim, quando Freud abre as perspectivas que se apresentam à psicanálise, ele diz não andar atrelado aos limites que alguns poderiam dar a ela e afirma ser possível o interesse a outros campos. Dada a tentativa de responder à pergunta sobre o que podem ser as aplicações da psicanálise, no que tange ao desenvolvimento da psicanálise, muitos são os momentos da obra em que Freud interpõe a possibilidade da mudança. Ele defende a importância das novas observações e as possibilidades de modificações tanto para a teoria, quanto para a técnica, sejam elas efetuadas por ele mesmo, ou por aqueles que o seguirão.

Em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996), Freud retoma os conceitos fundamentais e a impossibilidade de se abrir mão deles no que diz respeito à psicanálise. Neste momento já avançado da obra, Freud entende que muitas das pessoas que afirmam *usar* a psicanálise em suas práticas profissionais não a admitem como um todo. No entanto, salienta que, “embora a estrutura da psicanálise esteja inacabada, ela apresenta [...] uma unidade da qual, elementos componentes não podem ser separados ao capricho de qualquer um” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 137). Caprichos como os motivos pelos quais alguns colaboradores de Freud passaram a prescindir de pontos importantes da psicanálise, de tal modo que os pontos de divergência resultaram em modificações na prática, elemento que, uma vez mais, nos coloca diante da relação entre a posição do analista com os conceitos fundamentais. Se não haveria a possibilidade de continuarem a ser chamadas de psicanálise, foi por terem rejeitado, conforme

Freud salienta em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), partes da teoria – como Jung, diante da natureza sexual das pulsões, ou Adler, em sua visão reducionista da teoria e da prática.

Pensar acerca dessas modificações na prática que levaram Freud a traçar uma linha divisória entre o que é a psicanálise e o que não mais poderia receber esse nome merece destaque em nossas elaborações. Afinal, no decorrer deste capítulo, também nos voltamos para muitos dos momentos em que Freud fala sobre a possibilidade e a necessidade de serem realizadas modificações, tanto na teoria quanto na técnica, que afirma ter sido construída a partir da própria experiência enquanto analista/analisante:

[...] Devo, contudo, tornar claro que o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta (FREUD, 1912a/1996, p. 125).

Assim, desde que se mantenham firmes os conceitos fundamentais, quanto à técnica, variações podem ocorrer, inserindo no processo a individualidade do analista. Grande é a importância atribuída à subjetividade daquele que, a partir da psicanálise, pôde desprender-se do saber conclusivo que anima uma cultura de respostas fechadas. Entretanto, se admite que a técnica foi construída a partir de sua própria individualidade, Freud também situa um preceito do qual ela parte e acentua que ele não cabe apenas ao paciente, mas também ao analista, reiterando a importância da individualidade deste analista e, por isso, da posição que este ocupa frente à análise.

Como evidenciamos, não foi muito tempo depois da data em que estes artigos técnicos foram publicados, diante de rupturas de seus colaboradores, que Freud argumentou que as mudanças teóricas que eles empreenderam levaram a modificações na prática que não mais poderiam coabitar com a psicanálise. Essa posição de Freud não tem o sentido de uma ortodoxia, mas de uma impossibilidade que a psicanálise tem de se manter atrelada a reducionismos, impossibilidade mesma que permitiu que ela se desenvolvesse em torno do que o autor chama, em *Análise terminável e interminável* (1937a/1996), de ‘amor à verdade’; e a que, em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996), ele refere-se enquanto

‘fatores revolucionários que ela encerra’. Dois aspectos que, se analisados em conjunto, remetem-nos à posição que Freud assume enquanto analista, posição que parece evidenciar-se em nossas elaborações como de crucial importância para pensarmos sobre o que é fundamental à psicanálise.

2.3 ELA REALMENTE PODE

Em seus textos, Freud utiliza-se quase sempre da primeira pessoa do singular, demonstrando o quanto se encontra implicado nas concepções que constrói à medida que a psicanálise funda seu campo e se estabelece como uma prática clínica, uma teoria e um método de investigação, formando os três pilares que a sustentam. Esses três pilares constroem-se a partir e em torno dos conceitos que fundamentam a psicanálise. Tomando como ponto de partida textos que Freud escreveu dirigindo-se a um público leigo, podemos perceber que estes escritos, ainda que não digam respeito à prática clínica ou ao método de investigação do qual a psicanálise parte, são trabalhos que refazem o caminho da elaboração da teoria buscando evitar desvios e conclusões equivocadas.

É importante notar que, ao escrever para um público leigo, certamente o intento de Freud não era popularizar a psicanálise, mesmo porque ele compreendia que à verdadeira convicção acerca do determinismo do inconsciente só se pode chegar através da própria análise. Ainda assim, desmistificar o que se falava sobre a psicanálise à luz da incompreensão e da falta de fundamentos lhe pareceu importante. Através destes artigos, Freud nos diz por que a psicanálise pode ir além.

Para seguir os termos em que Freud expôs os fundamentos da psicanálise para o público leigo, este subcapítulo se alicerçará a partir dos seguintes artigos: *A questão da análise leiga – conversações com uma pessoa imparcial* (1926a[1925]/1996), texto de esclarecimento em torno da questão de quem poderia ou não exercer a psicanálise e até que ponto eventuais requisitos seriam prejudiciais ou benéficos para esse campo, e *Psicanálise silvestre* (1910a/1996), um texto curto porém rico, que trata justamente dos prejuízos que podem ser feitos à psicanálise a partir de uma leitura preconcebida dela.

Em *A questão da análise leiga* (1926a[1925]/1996), Freud discute sobre quem pode ou não exercer a psicanálise, enxergando aí, simultaneamente, uma modificação da antiga e completa rejeição externa à psicanálise e uma tentativa de apropriação da mesma, a despeito de suas peculiaridades. Neste texto, Freud enfatiza que a diferença crucial entre psicanálise e medicina, e também entre outras formas de terapia, é que os pacientes que chegam até a psicanálise, e que nela permanecem, são levados por motivações que prescindem de exames e medicamentos (FREUD, 1926a[1925]/1996, p.180).

De fato, a diferença essencial, e que leva à abertura de outro campo pela psicanálise, diz respeito à posição assumida pelo analista frente ao paciente, posição que assume todo aquele que se empreende em um processo analítico, somente o qual lhe garantirá a chamada 'fé no determinismo da vida mental'. Essa diferença entre a psicanálise e outros ramos que tratam dos 'distúrbios mentais' é fundamental no que diz respeito às razões porque a psicanálise pode ir além, quando se respeita os fundamentos que foram por Freud descobertos a partir da posição de analista, quando ele compreende a necessidade de analisar-se para exercer essa função que nunca se faz toda.

A partir dos conceitos fundamentais que dialogaram com sua auto-análise, Freud realiza o giro entre o que foi a sugestão e o que se desenvolveu como psicanálise, tendo sido o descobrimento dos fenômenos que a fundamentam os possibilitadores desta aventura. Por essa razão, em *A questão da análise leiga* (1926a[1925]/1996), Freud retoma cada um destes conceitos, delimitando as possibilidades de intervenção. Falamos em possibilidades porque a psicanálise não está para todos, não é remédio para todos os males e nem todos dela se beneficiariam. Neste texto, Freud entende e enfatiza que o analista, para exercer essa função, não se apóia nos saberes oferecidos pela medicina, porque para a psicanálise a formação médica não oferece os subsídios necessários para o paciente e tampouco para aquele que se propõe a analisá-lo.

A formação médica é também um dos temas debatidos em *Psicanálise silvestre* (1910b/1996), em que Freud busca esclarecer algumas questões referentes a interpretações equivocadas em relação a preceitos e postulados psicanalíticos. Neste artigo, relata o caso de uma paciente a ele encaminhada depois do prognóstico recebido diante da queixa referente à sensação intensa de angústia, o qual recomendava que, ou ela deveria voltar para o marido, de quem estava

separada, ou masturbar-se, ou arranjar um amante. Estas recomendações foram feitas em nome de uma nova ciência: a psicanálise. Freud vê-se obrigado, então, a esclarecer a diferença entre o que é sexual em um sentido popular e o sentido do que é sexual para a psicanálise, sentido este que vai além:

Em psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. [...] nós reconhecemos como pertencentes à 'vida sexual' todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram que trocar esse fim por outro que não é mais sexual (FREUD, 1910b/1996, p. 234).

O autor afirma a importância de se reconhecer e não subestimar o fator mental no que diz respeito à sexualidade, de forma que uma pessoa que tenha satisfações sexuais consideradas normais, ainda pode sentir-se insatisfeita na esfera mental. A compreensão do fator sexual a partir dessa definição é imprescindível para a psicanálise. Esta compreensão corre longe da somatização da sexualidade de forma simplificada, grosseira e literal, levando a concepções errôneas que resultam em toda sorte de críticas infundadas e nas resistências que se apóiam sobre bases sociais, morais e que fundamentam fracamente alguns temores da civilização, tais como:

[...] o temor às vezes expresso de que todos os mais elevados bens da humanidade, como são chamados – a pesquisa, a arte, o amor, o senso ético e social – perderão seu valor ou sua dignidade porque a psicanálise encontra em posição de demonstrar sua origem em impulsões instintuais elementares e animais (FREUD, 1923a[1922], p. 268).

A partir disso, retornemos às afirmações do referido médico que Freud cita em *Psicanálise Silvestre* (1910b/1996). Afirmações que acabam por levar ao que o autor chama de erros técnicos, como o de acreditar que o sofrimento do paciente é decorrente de uma ignorância que pode ser eliminada através da informação, quando “o fator patológico não é esse ignorar propriamente, mas estar o fundamento dessa ignorância em suas resistências internas [...]” (FREUD, 1910b/1996, p. 237), resistências que fazem frente ao que se enuncia através do determinismo do inconsciente. As resistências são responsáveis pela origem da ignorância e pela sua

preservação, mas a informação racionalizada sobre a origem de uma determinada neurose não fornece os pressupostos necessários para sua compreensão do inconsciente. A análise oferece tais pressupostos àqueles que podem dar conta da ausência de subterfúgios, de modo que vai além.

A psicanálise nasce a partir da constatação do lugar que a neurose assume no tempo e na história daquele que a ela recorre, numa tentativa de resgate da verdade contida nesta história. A constatação da psicanálise que a neurose se apresenta através de formas infantis que o eu utiliza para lidar com as diferentes exigências pulsionais que lhe cercam levou Freud (1926b[1925]) a questionar-se por que isso acontece e como seria possível que as fixações características de fases tão arcaicas do desenvolvimento não fossem concluídas à medida que se inicia a conseqüente e que a vida segue (1926b[1925], p. 147). Estas duas perguntas levam Freud a uma mais importante: qual a razão de ser da neurose? É buscando responder a ela que o autor se depara com o que chama de fundamentos da psicanálise, sobre os quais continuaremos a nos debruçar adiante.

A partir da discussão empreendida neste capítulo podemos realizar algumas elaborações em torno do objetivo proposto que foi o de situar a questão do fundamento em Freud, ou seja, por que, na teoria freudiana, diversos são os momentos em que ele situa determinados aspectos dessa teoria como fundamentais a ela. Por isso, a partir desse trajeto, buscamos traçar qual é a maneira que Freud utiliza para realizar esses postulados, postulados que, em diversas situações, se analisados sob um ponto de vista desavisado, poderiam recair em dogmatismos.

Mas ao contrário disso, o que pudemos compreender também, à medida que traçamos estas linhas, foi que, ainda que Freud situe alguns aspectos do desenvolvimento de sua teoria como fundantes do campo da psicanálise, sua postura é contrária à da ortodoxia. Lançamos mão, mais uma vez, das palavras do autor, retiradas do texto *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]), quanto à abertura que ele próprio inaugura acerca das modificações que porventura se apresentem:

À moda antiga, limitamo-nos a apresentar apenas as nossas convicções, expomo-nos ao risco de errar porque não há como evitá-lo, e rejeitamos aquilo que está em contradição conosco. Na psicanálise temos usado muito o direito de modificar nossas

opiniões, se pensamos ter encontrado algo melhor (FREUD, 1933[1932], p. 143)

Percebemos que, quando Freud utiliza-se do direito de falar acerca de conceitos que ele chama de fundamentais à teoria, o faz na tentativa de desmistificar os equívocos. Não apenas para o público leigo, mas especialmente para o público que, por ser detentor de determinado saber, não se considera leigo, mas, ao contrário, considera oportuno fazer usos parciais da psicanálise, causando a ela, prejuízos que atingirão, especialmente e justamente, o próprio público leigo. Podemos apenas suspeitar que esta possa ser a razão pela qual Freud tenha dedicado tamanha atenção na realização de trabalhos voltados para este público.

Assim, nossas elaborações nos permitem conjecturar que, mesmo quando Freud refere-se à importância dos conceitos fundamentais, dentre os quais destacaremos o recalque e o determinismo inconsciente, sua visada acaba sempre voltada para a questão da formação do analista. Esta maneira de se colocar que o autor adota demonstra que, no que diz respeito a esta função, não se trata de poder ou de não poder ser um psicanalista. Mas da possibilidade que existe ou não de assumir esta posição.

É a partir, portanto, da questão da posição do analista que se articulam os fenômenos aos quais nos dedicaremos no segundo capítulo desta dissertação, uma vez que foi ao dar-se conta da existência dos fenômenos que fundamentam tais conceitos, e foi ao perceber que não podia escapar deles, que Freud assumiu a posição de analista. Uma posição que encerra em si uma impossibilidade de transmissão: a da intelectualização, a da informação e a da teorização. Daí, a fala de Freud, diante dos estudantes de medicina, de que estes deveriam permitir que atuasse neles aquilo que ele lhes vinha comunicar. Essa fala denuncia a distância que a psicanálise assume, portanto, do conhecimento obtido pela sua intelectualização.

O tema da posição do analista esteve presente em diversos momentos do primeiro capítulo, demonstrando, sem premeditação, que se tornaria o protagonista dessa discussão. Ele continuará presente em nossas elaborações subsequentes e a ele nos dedicaremos de forma mais consistente no quarto capítulo. Quanto ao capítulo que se segue, nos dedicaremos, justamente a explicitar a importância, dentro do contexto da posição do analista, de dois dos elementos que Freud situa

enquanto fundamentais ao campo da psicanálise: o recalque e sua relação com o determinismo inconsciente.

3 SOBRE ESSAS COISAS PSICANALÍTICAS

Neste capítulo, nos dedicaremos a esquadrihar mais pormenorizadamente aqueles conceitos aos quais Freud atribui o estatuto de fundamento, conceitos que estruturam a teoria psicanalítica e que nos permitiram delimitar este campo. No capítulo anterior, vimos que, quanto a isso, Freud não nos oferece uma lista definitiva de tais conceitos. No entanto, partimos de um objetivo nessa dissertação, o de esquadrihar, a partir da teoria freudiana, quais seriam os elementos a ela caros a ponto de serem considerados inegociáveis em qualquer contexto em que se fale em nome da psicanálise. A partir das considerações tecidas no capítulo anterior, notamos que Freud salienta a importância de muitos elementos como estruturantes da abertura do campo da psicanálise, dentre os quais, por exemplo, a importância do papel da sexualidade e da transferência. Nossas reflexões apontaram, no entanto, para a fertilidade que encontraríamos ao eleger, em consonância com os elementos que julgamos importante destacar na obra freudiana, a relação fundamental com a teoria que dois deles enfatizam: o recalque e o determinismo inconsciente.

Tomar estes conceitos dentro do plano geral desta dissertação, especialmente no que diz respeito a pensarmos acerca da possibilidade das aplicações da psicanálise, concerne a uma delimitação do campo que não é do tipo que impõe a exclusão da psicanálise para as áreas diversas, mas que confere algumas restrições. Nossa tentativa é a de escapar a tais repetições de definições, e de buscar a maneira que os conceitos chamados por Freud de fundamentais – e, em se tratando do recalque, de pedra angular – estruturam a prática da psicanálise. Retornamos, então, mais uma vez, à posição do analista.

A construção destes conceitos, como vimos, foi imprescindível à mudança de posicionamento de Freud de médico a analista, mudança que possibilitou a alteração da técnica, fazendo de Freud o responsável pela abertura do campo da psicanálise. Sobre este campo, em uma das cartas a Oskar Pfister, Freud nos diz o seguinte:

Ora, essas coisas psicanalíticas só são compreensíveis se forem relativamente completas e detalhadas, exatamente como a própria análise só funciona se o paciente descer das abstrações substitutivas

até os mais ínfimos detalhes. Disso resulta que a discrição é incompatível com uma boa exposição sobre a psicanálise. É preciso ser sem escrúpulos, expor-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem alguma destas ações criminosas, não se pode fazer nada direito. (FREUD apud MEZAN, 1991, p. 7).

É sobre isso que, na referida carta, Freud chama de ‘essas coisas psicanalíticas’ que nos debruçaremos de maneira atenta neste momento de nosso trabalho. É a partir delas que Freud, ao inventar a psicanálise abre um campo que opera como uma ação subversiva que nos leva às profundezas, um campo no qual nossa realidade psíquica é determinada por motivos e desejos inconscientes. Ao fazer isso, evidencia a cisão constitutiva do humano. Quando escreve *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), oferece-nos substratos de como a vida onírica comprova tal cisão e vislumbra os postulados principais desta orientação. Nesta operação, vai até as profundezas (MEZAN, 1991, p. 13), eliminando a discrição e, com ela, a terceira pessoa do discurso. Usa a primeira pessoa, revelando (ainda que nunca por inteiro) seus motivos e desejos inconscientes. A partir dos extratos de seus próprios sonhos, revela o caminho empreendido em sua auto-análise e toca naquilo que lhe é mais próprio, pessoal, singular: seu desejo. Desejo que possibilitou a invenção da psicanálise, indo de encontro ao instituído, demonstrando que é “*preciso ser sem escrúpulos, expor-se, trair-se*”, para falar sobre essas “*coisas psicanalíticas*”.

Quando começamos este trabalho a partir da história da psicanálise, dissemos que as dissidências que fizeram parte deste movimento não foram vividas por Freud sem sofrimento. Isso porque os dissidentes, a princípio, contribuíram para a divulgação das ideias psicanalíticas, ajudaram na sua ampliação, portanto. A partir das rupturas, Freud compreende que, assim como na prática clínica, no desenvolvimento de uma teoria os homens só podem ir até o ponto em que as resistências não tornem o encontro com a verdade por demais insuportável, já que este é um trabalho que se opera num ‘submundo’, nas ‘profundezas’ (FREUD, 1914a/1996, p. 73), com as quais nem todos podem lidar.

A trajetória solitária em busca do inconsciente e a trajetória também solitária da abertura do campo da psicanálise demonstram a impossibilidade de Freud em abandonar um dos elementos que evidencia a verdade da neurose. Diante deste elemento, Freud presenciara a oscilação de seus mestres. E esse tema tenha sido

talvez o mais corrompido à medida que os ensinamentos psicanalíticos se popularizavam: a sexualidade, considerada por Freud também sob o estatuto de fundamento, juntamente à teoria do recalque e à do determinismo inconsciente, conforme ele reitera na citação já evidenciada anteriormente de *Dois verbetes de enciclopédia* (FREUD, 1923a[1922]/1996, p. 264). Assim, ainda que não nos vamos deter acerca da teoria da sexualidade, destacamos que esse é um elemento enfatizado pelo autor como uma das fontes de resistência que a psicanálise encontra sempre que tenta ampliar suas fronteiras. Sendo justamente a tentativa de pensar sobre as possibilidades de ampliar suas fronteiras o objetivo desta dissertação, há que se considerar, ainda que minimamente, sua importância na construção da psicanálise.

Sabemos que, anteriormente à teoria da sexualidade, Freud baseou suas primeiras conclusões sobre a origem da neurose na teoria da sedução. Quando esta cai por terra, ele se vê sem escolha, mas prossegue e compreende um dos fatores fundamentais à neurose: é que, nela, a realidade psíquica é mais importante. Assim, antes de tudo, é necessário considerar a abertura deste campo a partir da compreensão da existência de uma realidade psíquica atuante nisso que o indivíduo considera como sendo o domínio de seus atos conscientes. As pacientes de Freud proporcionaram o encontro com essa verdade, a da cisão subjetiva, cisão que se tornou clara quando Freud percebeu que, ainda que a teoria da sedução não se tenha sustentado, suas pacientes não eram mentirosas, mas agiam dominadas por um represamento que Freud logo compreendeu ter a ver com a sexualidade.

Assim, ao situar na sexualidade a questão da origem das neuroses e, especialmente, ao enfatizar a ação contínua na vida neurótica de uma sexualidade sempre infantil, delimitou a importância do complexo de Édipo na constituição da subjetividade, dois temas que se tornaram chavões de uma psicanálise mal falada. Em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), Freud lembra que, ainda que tenha sido o primeiro a abordar o assunto da sexualidade sob o ângulo da formação da neurose, essa ideia não era original. Havia lhe sido transmitida em três ocasiões diferentes por seus mestres: Breuer, Charcot e Chrobak (1914a/1996, p. 23). Os três atribuíram valor à sexualidade no desencadeamento da neurose sem se dar conta.

As razões de tamanhas perturbações causadas pela descoberta da sexualidade infantil; as asserções sobre o papel que ela exerce na realidade

psíquica; e as formas como essa realidade se assume na constituição do sujeito resumem, a partir “[...] da exigência da sinceridade, da recusa de qualquer subterfúgio e de qualquer compromisso com a hipocrisia que caracterizam o tratamento psicanalítico e os escritos de Freud” (MEZAN, 1991, p. 38), a postura não arbitrária do seu autor.

Aquilo que escandaliza aquele que se depara com as evidências da sexualidade infantil, da natureza dos desejos que causam sentimentos de vergonha, de repulsa e de expulsão da consciência, é seu predicado de verdade, verdade conquistada a partir da própria investigação do inconsciente por Freud: observação, refutação, confirmação de ideias, dentro do que ele considerava como ideal científico necessário ao estabelecimento do campo que se constituiu como psicanálise:

Se entendemos encontrar o desejo de Freud quando ele caracteriza o seu trabalho como se traduzindo por uma ausência de escolha, como algo que se impõe, não podemos desconsiderar que o move também um ideal, um ideal de ciência. [...] Fazer as luzes da ciência alcançarem de modo inédito o domínio do sexual era o projeto emancipador de Freud. A sujeição do sexual à razão científica seria uma realização maior da mesma, destinando à psicanálise lugar de honra no rol das grandes contribuições da ciência. Quando, no entanto, Freud deixa de acreditar na possibilidade de superação da condição de desamparo, que passa a ser própria à condição do homem na cultura, ele persiste. Ou seja, seu trabalho segue apesar da não efetivação de seu ideal de ciência. Ficamos, de novo, com seu desejo (DARRIBA, 2008, p. 03).

A partir do texto de Darriba (2008), compreendemos que verificar a impossibilidade de superação do desamparo põe em questão o ideal de ciência, o que marca não ter sido da ordem de uma escolha Freud assumir a verdade que continham essas ‘coisas’ que a psicanálise evidenciava:

A psicanálise assume o ônus da verdade. [...] Freud se viu diante de algo que, não se conformando ao saber, não definiu para o pensamento freudiano um não lugar, teve sim lugar de causa. Foi inconsciente o nome que Freud primordialmente encontrou para designar este além que, se apresentando como uma exterioridade, insiste. No sonho, no ato falho, no chiste, se evidencia uma descontinuidade aos olhos de Freud (DARRIBA, 2008, p.5).

A evidência de uma descontinuidade inconsciente encarna, por assim dizer, esse ônus da verdade diante do qual Freud, diferente de seus mestres, não recua.

Não recua diante do que se apresenta como controverso e alvo de críticas e más interpretações e, principalmente, maus usos da psicanálise.

Na introdução deste trabalho, perguntamo-nos o que implica a escolha pela psicanálise. No decorrer do primeiro capítulo, desdobramos essa pergunta através de uma busca pela história da psicanálise e das formas como Freud foi levado a assumir a posição que possibilitou a abertura do campo psicanalítico, ou seja, de que maneira foram enunciados os conceitos que Freud chamou de fundamentais.

A psicanálise começa a nascer, ou, caberia melhor dizer, começa a ser gestada a partir da pergunta de Freud sobre a razão de ser da neurose. Tentando responder a essa pergunta, Freud inicia o que Mezan (1991) chamou de “jornada solitária em busca de seu inconsciente” (MEZAN, 1991, p. 23). À medida que isso aconteceu, foi possível serem cunhados esses conceitos fundantes da psicanálise, que possibilitaram a Freud que esse caminho em busca da origem da neurose fosse percorrido e, a partir dele, verificamos ter-se evidenciado enquanto um caminho sem volta, uma falta de escolha, marca de todo aquele que entra efetivamente em análise.

No decorrer deste percurso, um campo se abriu e permaneceu aberto às possibilidades. Possibilidades que Freud mesmo tratou de explorar em muitos de seus escritos. Assim, compreendendo a psicanálise como campo de conhecimento, método de pesquisa e prática clínica, ele se utiliza dela para pensar a realidade factual e fantasística de um sujeito que é cindido, para pensar a cultura, a arte, a religião, a psicoterapia, a guerra. Isto foi possível a partir de um posicionamento assumido pela psicanálise, conforme aponta Lacan (1960[1959]/1988):

[...] porque podemos aí [na evolução da metapsicologia freudiana] encontrar o rastro de uma elaboração que reflete um pensamento ético. Esta se encontra no centro de nosso trabalho, quaisquer que sejam as dificuldades das quais teremos, talvez, de tomar consciência, e é ela que mantém coeso todo esse mundo que a comunidade analítica representa, dispersão – que frequentemente dá a impressão de espalhamento – de uma intuição fundamental que é, por cada uma, retomada sob um de seus aspectos (LACAN, 1960[1959]/1988, p. 51).

Assim, será buscando compreender onde reside a elaboração que reflete um posicionamento ético, como chamado por Lacan (*idem*), ou seja, o que fundamenta a psicanálise como uma posição ética, que este capítulo será construído, elencando e debatendo acerca de alguns dos conceitos que são designados por Freud como

inegociáveis à psicanálise. Ou seja, articular estes conceitos – o determinismo inconsciente e o recalque – a partir de uma posição ética. Esse posicionamento, vimos ser evidenciado por Freud quando ele elenca os motivos que levaram às dissidências mais importantes do campo da psicanálise, motivos que conduziram a modificações na prática que o autor entende como inconciliáveis com a psicanálise. A inegociabilidade de tais conceitos reside no fato de não se tratarem de premissas, mas de descobertas feitas a partir da investigação do inconsciente, conforme vimos Freud (1914a/1996) apontar.

3.1 O RECALQUE E SUA RELAÇÃO COM OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Vimos no capítulo anterior que quando Freud escreve *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), refere-se não apenas às dissidências que fizeram parte deste movimento, mas realinha este campo a partir de sua pedra angular, o recalque. Como consequência das elaborações que se seguiram, à medida que o primeiro capítulo tomou forma, compreendeu-se que, dentre as diversas maneiras através das quais Freud definiu a psicanálise, dois conceitos destacam-se na obra freudiana. Foi apenas à medida que nos debruçamos sobre estes textos, com o objetivo de elencar aqueles conceitos que poderíamos afirmar como sendo fundamentais à possibilidade de a psicanálise existir sem prejuízos, que foi possível perceber que o que se delineou no capítulo anterior se deu a partir de uma descoberta que, uma vez realizada, efetivou na vida de Freud a mudança de posicionamento capaz de fazer a psicanálise existir.

Essa mudança, de médico à analista, aconteceu quando da percepção do autor acerca da existência do que chamou, então, de processos defensivos, considerados os primórdios da teoria do recalque. Tais processos atuavam em torno de conteúdos não sabidos. Esse não saber carregaria consigo, menos a marca da ignorância e mais a da que ele chama de um “*não querer saber*”, que poderíamos considerar como as primeiras elaborações freudianas acerca da teoria do inconsciente.

Se situarmos a psicanálise enquanto uma epistemologia, ouviríamos a afirmação de que seu objeto de estudo é o inconsciente. No entanto, essa

declaração não diz muito sobre si mesma, uma vez que a partir dela, aquilo que pertenceria ao campo do inconsciente ficaria muito próximo a uma entidade, diante da qual seria necessário crermos, como o crente. Essa é uma alegoria interessante se pensarmos, como já vimos no capítulo anterior, sobre Freud afirmar ser o psicanalista alguém marcado por uma espécie de fé no determinismo de nossa vida mental. No entanto, a diferença que podemos demarcar entre a fé do crente e a fé do psicanalista é enfatizada pelo predicativo que Freud emprega a esta fé: ele afirma que ela deve ser rigorosa. O rigor, ou rigidez, delimita a peculiaridade daquele que não se permite enganar, ou 'dobrar', como falamos cotidianamente. Quando pensamos sobre o rigor, pensamos sobre a impossibilidade de esta ser uma fé cega, a fé da adoração, a fé parcial.

Desse modo, para podermos afirmar que o campo do inconsciente abarcaria o objeto de estudo da psicanálise, precisamos não mais situá-lo como algo que existe em um esquema tópico e visual, quase concreto. Será necessário abstraí-lo desta posição de entidade e situá-lo enquanto experiência. Experiência que começa em dado momento de nossas vidas a partir da manifestação de outra: a experiência do recalque. Parece ser justamente o fato de, para o psicanalista, sua fé ser rigorosa e, por isso, não abrir mão de sua experiência, que a posição que assume é a de uma ética que perpassa todo o campo da psicanálise. Quando falamos em ética, falamos assim de uma impossibilidade que é a do analista de assumir qualquer outro lugar que não fale em nome dela. A partir destas palavras, justificamos porquê, neste capítulo, nosso objetivo será demonstrar a relação entre o determinismo inconsciente e o recalque, a partir deste último, cuja importância que Freud também salienta em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923a[1922]/1996).

No primeiro capítulo salientamos que o abandono da hipnose denota a fronteira entre um momento pré-psicanalítico e a psicanálise propriamente dita. Quando Freud compreende que certos pacientes não poderiam ser hipnotizados, entre abandonar tais pacientes e ir além, no que diz respeito ao desenvolvimento da técnica, ele se percebe sem escolha. O abandono já não era possível. E, assim, a psicanálise se desenvolve a partir de um novo método, o da livre-associação.

A retomada da quarta parte de *Estudos sobre a histeria* (1985[1983]/1996) ajudou a vislumbrar a mudança do posicionamento de Freud e sobre ela concluímos que foi da ordem de uma consolidação ética. Já exploramos esta transição e, se voltamos a ela, é para lembrar que as resistências enfrentadas por Freud no

atendimento aos pacientes o fez conjecturar que elas deviam ser da mesma natureza do que os levou ao estado patológico, fazendo com que o autor se deparasse com a teoria do recalque. Insistimos na afirmação de Freud, vinte anos depois, quando ele reitera que a teoria psicanalítica tem o objetivo de explicar a transferência e a resistência, experiências que toda análise comporta. Ele reassegura que o reconhecimento dessa experiência e a consideração de ambos delimita o ponto de partida da psicanálise (FREUD, 1914a/1996, p. 26). E completa em seguida:

Eu me oporia com a maior ênfase a quem procurasse colocar a teoria da repressão e da resistência entre as *premissas* da psicanálise em vez de colocá-las entre as suas descobertas. [...] a teoria da repressão é um produto do trabalho psicanalítico, uma inferência teórica legitimamente extraída de inúmeras observações (*idem*).

Tal posicionamento de Freud, extraído de *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), é assumido em relação ao campo por ele fundado. Esse posicionamento indica-nos a possibilidade de partir da teoria do recalque para responder nossa pergunta sobre aqueles que podem ser considerados os preceitos inegociáveis à psicanálise. Faremos, então, nos subcapítulos que se seguem, a tentativa de, a partir do que Freud chama pedra angular da psicanálise, articular a importância para o campo da psicanálise e sua relação com a descoberta do determinismo inconsciente, também fundamental à delimitação da psicanálise.

3.2 UM NÃO SABER QUE É UM NÃO QUERER SABER

Freud inicia o texto *Recalque*, de 1915, afirmando que no caminho para sua realização, a pulsão encontra resistências que a barram. Assim, o recalque é a alternativa utilizada quando o perigo a ser enfrentado é interno, tornando impossível ao eu escapar a si próprio (FREUD, 1915c/1996, p. 151). A rejeição a determinada pulsão passa por um julgamento que a condena, cujo juiz é o próprio eu.

A ideia de *defesa* surge pela primeira vez quando, dada a necessidade de contornar as limitações que a hipnose impunha, Freud vê-se obrigado a ampliar a

teoria e a alterar a técnica. Adotar um método sintomático, como a hipnose, para compreender a histeria não mais cabia no que, então, apenas começava a se configurar como a psicanálise. 'Não mais caber' que conduziu à ampliação que fez com que Freud se deparasse com a *impossibilidade* que a pulsão enfrentava ante a satisfação. Assim, outra impossibilidade, aquela de o tratamento continuar atrelado à sugestão, conduziu Freud à ampliação cuja consequência levou à psicanálise.

Neste percurso em que a hipnose foi substituída pela livre associação, um dos resultados foi a descoberta deste mecanismo ao qual nos dedicaremos. Para este fim, percorreremos essencialmente quatro textos da obra freudiana (ainda que possamos passar por contribuições de alguns outros): *Recalque* (1915c/1996), *O inconsciente* (1915d/1996), *O eu e o isso* (1923b/1996) e *Mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996). O ponto de partida para a escolha de cada um deles foi *Psicoterapia da histeria* (1895[1893]/1996), que nos possibilitou vislumbrar a mudança de posicionamento ético empreendida por Freud e que se mantém.

Uma vez elencados, no capítulo anterior, o conceito do recalque e o determinismo inconsciente como sendo dois dos conceitos fundamentais à psicanálise, a escolha pelos textos metapsicológicos de 1915 foi tomada pela obviedade em se considerar o material em que Freud debruça-se especificamente sobre o assunto. Textos em que define, traça divisões e reporta-se ao conflito vivido entre a força recalçada (a pulsão) e a instância recalçadora (o eu), ainda que, neste momento, o autor ainda não tenha atingido as elaborações da segunda tópica.

O conflito entre a força recalçada e o eu nos apontou para a seguinte direção: entendendo de antemão que o recalçamento associa-se ao eu e que a segunda divisão do aparelho psíquico empreendida por Freud constituiu importante evolução teórica sobre o funcionamento do eu, acercar-nos disto e de sua relação com as outras instâncias nos ajudará a encontrar um caminho pelo qual a importância do conceito de recalçamento, dentro da psicanálise, se evidencia. Assim, a leitura de *O eu e o isso* (1923b/1996) pretende cumprir este objetivo.

É importante salientar que nosso objetivo não é a definição pura do conceito do recalque, o que assumiria uma extensão indevida e desviaria do tema da dissertação. Trata-se de situar sua importância para a existência da psicanálise e sua incidência para a delimitação desse campo, bem como traçar o paralelo entre esse conceito e o do determinismo inconsciente. Ao realizar essa articulação, deparamo-nos com um posicionamento que foi o de Freud enquanto analista e, por

essa razão, com a ética que o orientou quando se deparou com a impossibilidade que restava ao método catártico. Neste sentido é que, ao reler *Psicoterapia da histeria* (1895[1893]/1996), fomos levados a uma leitura bem posterior na obra freudiana. Deparamos com a necessidade de nos debruçar sobre *Mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996), por razões que serão esclarecidas ao largo da exposição.

3.2.1 A impossibilidade do eu em escapar a si próprio

Logo no primeiro parágrafo de o *Recalque*, de 1915, Freud afirma que “para o instinto, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar a si próprio” (FREUD, 1915c/1996, p. 151). Esta frase ilustra o título deste momento do trabalho em que trataremos sobre tal impossibilidade. Em *Psicoterapia da histeria* (1895 [1893]/1996), quando Freud abandona a hipnose, parte do princípio de que os pacientes *sabiam* que determinadas lembranças os conduziram a associações relacionadas ao que ele chamava de *representações patogênicas*. Como isso não acontecia sem certa *insistência* sua, concluiu que, entre a lembrança e tais representações havia um impedimento, uma *resistência* que, por certo, precisaria ser superada (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 283). Mas Freud foi além. Entendendo a necessidade de superar uma resistência, concluiu ainda que a natureza desta seria semelhante à da força psíquica responsável pela geração do sintoma histérico (idem). Questiona-se, então, sobre de que ordem seria a força em questão neste processo de banimento ou supressão de uma representação, e chega a que tais representações compartilhavam de uma mesma natureza: conduziam o paciente a afetos sentidos como aflitivos (ibidem). Eis quando surge a ideia de defesa:

A representação em questão fora forçada para fora da consciência e da memória. Seu traço psíquico foi aparentemente perdido de vista. Não obstante, este traço deveria estar ali. Quando eu me esforçava por dirigir a atenção do paciente para ele, apercebia-me, sob a forma de *resistência*, da mesma força que se mostrara sob a forma de *repulsão* quando o sintoma fora gerado. Ora, se eu pudesse fazer com que parecesse provável que a representação se tornara patogênica precisamente em consequência de sua expulsão e de seu recalque, a cadeia pareceria completa (FREUD, 1895[1893]/1996, p. 284).

Essa ideia pode ser demonstrada a partir de extensa investigação clínica. A ideia inicial, primeiramente admitida na publicação de 1895, seria de que as razões implicadas na necessidade de uma determinada descarga de afeto ter tal destino estariam relacionadas com a sua *finalidade*; ou seja, se sua satisfação geraria desprazer em vez de prazer. Mais tarde, Freud entende que toda pulsão visa à satisfação e, assim, devem existir outras explicações, estas relacionadas ao fato de haver ocasiões em que o prazer é *vivenciado* enquanto desprazer, conforme aponta Freud em *Recalque* (1915c/1996). Mas o que acontece no recalque, então? Freud supôs que a satisfação de uma pulsão recalçada, ainda que pudesse ser experimentada como prazerosa, causaria desprazer em *outro lugar*, de modo que “[...] torna-se condição para a repressão que a força do desprazer adquira mais vigor do que o prazer obtido da satisfação” (FREUD, 1915c/1996, p. 152).

O recalque só é possível quando a pulsão começa a se deparar com impedimentos cuja satisfação geraria tal sorte de angústia ao eu que encobriria o prazer antevisto pela pulsão. Assim, o recalque só começa a acontecer a partir de dado momento da organização mental, a saber, quando do contato premente com as imposições externas, que fazem necessárias ao eu adaptações às vontades do isso, por tal razão, apenas quando o princípio de realidade se impõe.

A importância de nos dedicarmos neste momento a tais elaborações envolvendo o conceito do recalque, bem como os outros conceitos fundamentais elencados anteriormente, é o fato de termos concluído o primeiro capítulo com a promessa de que, no presente, empreenderíamos a discussão sobre as razões pelas quais Freud articula a alguns dos seus conceitos o estatuto de fundamento. Associamos a este estatuto a ideia de algo ‘inegociável’ para a psicanálise. Apresentamos alguns dos momentos na obra em que o teor de inegociabilidade dos conceitos foi asseverado, tendo inclusive como consequência dissidências importantes.

Assim, a tentativa a que agora nos prestamos é a de compreender o porquê desse fator de inegociabilidade estar associado a determinados conceitos e o que neles implicaria uma posição ética. Isto será feito especialmente porque nosso autor situa em diversos momentos o aspecto transitivo e a possibilidade de mudança diante da nova observação dos fatos. Freud respeita e admite o caráter imprescindível de a psicanálise ser um campo que pudesse permanecer aberto à ampliação, já que ele esteve sempre disposto a rever suas afirmações.

Se a descoberta do recalque e seu andar atrelado à resistência compreendem um momento de afastamento da hipnose e da aproximação de Freud com a psicanálise, é no final de *Psicoterapia da histeria* (1895[1893]/1996), através de um diálogo imaginário, que percebemos as razões que conduziram Freud ao abandono da hipnose e que nos permitem eleger o recorte que nos aproximará do critério de inegociabilidade daqueles dois conceitos na obra de Freud:

Ora o senhor mesmo me diz que minha doença provavelmente está relacionada com as circunstâncias e os acontecimentos de minha vida. O senhor, de qualquer maneira, não poder alterá-los. Como se propõe a ajudar-me então? Sem dúvida, o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de sua doença. Mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum. (FREUD, 1895[1893], p. 316).

Freud conclui uma das primeiras publicações psicanalíticas reportando-se a uma ‘infelicidade comum’. A escolha desta expressão permitirá a discussão que pretendemos. Na referida citação, Freud afirma que a psicanálise nos possibilita viver apesar de tal ‘infelicidade comum’, possibilita recursos para enfrentá-la, apontando o caráter inexplicável desta ‘infelicidade comum’ em nossas vidas. A infelicidade – vista através do antagonismo entre as exigências pulsionais e culturais, seria a característica que marca a existência humana frente às exigências relativas à convivência com as outras pessoas, ainda que seja possível passar por elas com mais ou menos sofrimento, conforme Freud aponta em *Mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996):

E bem podemos suspirar aliviados ante o pensamento de que, apesar de tudo, a alguns é concebido salvar, sem esforço, do torvelinho de seus próprios sentimentos as mais profundas verdades, em cuja direção o resto de nós tem de encontrar o caminho por meio de uma incerteza atormentadora e com um intranquilo tatear (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 136).

Vimos que a histeria conduziu à origem da psicanálise a partir da hipótese do recalque, chamado em *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996) de processo defensivo. Mas o que possibilitou o desenvolvimento da psicanálise, ou o que fez com que essa noção de defesa fosse ampliada, foi aludir ao fato que o aparelho mental é constituído por duas partes: uma recalçada e a outra recalçadora (FREUD,

1923b/1996 p. 16), o que *a priori* nos indica que, em psicanálise, é sobre um sujeito cindido que tratamos.

Essa conclusão, que já se fazia presente na abertura do campo da psicanálise, amplia-se à medida que Freud avança em sua prática clínica. Em *O eu e o isso* (1923b/1996), artigo decorrente das primeiras elaborações sobre o narcisismo, o autor realoca a questão entre o que é consciente e inconsciente. Neste artigo, as duas partes, a recalcada e a recalcadora, tiveram sua compreensão ampliada, definindo como ponto de partida da psicanálise o princípio da existência de “[...] uma força reprimida esforçando-se em abrir caminho até a atividade, mas mantida sobre o controle de uma força repressora, e, estruturalmente, um ‘inconsciente’ que se opõe a um ‘ego’” (FREUD, 1923b/1996, p. 17).

Eis onde se estrutura a forte conexão entre o recalque e o inconsciente, apontada por Freud (1915c/1996), e eis o que situa uma igualmente forte conexão entre o eu e o isso, tão forte que contraria o orgulho da consciência¹. Isso se justifica neste capítulo, uma vez que, ao partirmos, juntamente a Freud, do recalque enquanto pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. Vemos que o orgulho que oferece resistência à emersão de conteúdos inconscientes aparece enquanto resistência compartilhada do domínio da racionalidade.

Tal resistência, cuja eficácia é questionável, conforme percebe Freud (1915c/1996), torna a pulsão mais forte pelo fato de que deixá-la no escuro a torna também mais assustadora, quando são lançadas à consciência traduções através das quais ela se expressa no consciente: “essa força falaz do instinto resulta de um desenvolvimento desinibido da fantasia e do represamento ocasionado pela satisfação frustrada” (FREUD, 1915c/1996, p. 154).

Percebemos, então, que a *força* do recalque indica sua importância na vida mental do sujeito e, além disso, sugere este enquanto um conceito que, se não considerado, desequilibra a base sobre a qual se sustenta a psicanálise. Para se chegar ao conceito de inconsciente foi necessária a compreensão da existência de tal dinâmica mental. Em um de seus mais importantes trabalhos, *Mais além do princípio de prazer* (1920/1996), Freud se debruça sobre uma das grandes evoluções teóricas de sua obra, mais de vinte e cinco anos depois das primeiras

¹ Conforme pontua o autor em *Cinco lições de psicanálise* (FREUD, 1910a/1996, p. 37).

publicações psicanalíticas, e realiza a subversão de uma lógica a partir da qual, até então, a psicanálise se havia estruturado².

Ao concluir o artigo, ele retoma seu posicionamento em relação à mobilidade das descobertas psicanalíticas, no que diz respeito à necessidade de guiar-se por outros caminhos a partir do momento em que o anterior não conduz mais a resultados satisfatórios, mesmo que esse abandono leve à transformação de concepções e, assim, afirma: “[...] *ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando [...]. O livro diz-nos que não é pecado claudicar*” (FREUD, 1920/1996, p. 74).

É dessa maneira que, uma vez mais, Freud reitera que o percurso teórico da psicanálise não se fez a passos largos, ao contrário, construiu-se cuidadosamente a partir de hesitações, hesitações que fazem parte do percurso de qualquer análise. Ainda que a frase de Freud tenha sido referenciada a uma mudança de posicionamento conceitual, o que manca em nós, o que insiste em nos fazer tropeçar, não marca em uma análise outro conceito senão o do inconsciente, a partir do qual Freud amplia a teoria e permite a contínua elaboração e reelaboração dos demais conceitos considerados inegociáveis. Assim, se o inconsciente é fundamento, trata-se, então, na psicanálise, de um fundamento que impõe o claudicar. Desse modo, a psicanálise destaca-se, entre os saberes, por aquilo que manca. A psicanálise não é, portanto, manca pela falta de um fundamento consistente. O claudicar é sua marca, é inerente a ela. Se as ideias inconscientes não se tornam conscientes a priori é porque se encontram pressionadas por uma força – o recalque – que se encontra em oposição a elas.

O conceito de inconsciente nasce, então, atrelado ao conceito do recalque. Desse modo, buscando compreender a relação entre recalque e determinismo inconsciente, continuaremos, nos tópicos seguintes, a percorrer este caminho que visará a, essencialmente, a compreensão do recalque para, finalmente, buscar compreender a relação entre ele e as elaborações freudianas acerca do determinismo inconsciente. Portanto, nas linhas que se seguem, o objetivo será o de encontrar os pontos de encontro entre eles e as possibilidades de articulação à tentativa do cumprimento do nosso objetivo de compreender porque Freud os situa

² A retificação em relação à dualidade da vida pulsional leva Freud a acreditar que atuam no eu outras forças que não as de auto-conservação.

como sendo elementos fundantes do campo da psicanálise. Buscaremos também, sobretudo, demonstrar porque, dentre tantos conceitos imprescindíveis ao campo da psicanálise, em nossa pesquisa, estes dois encontraram destaque.

3.3. OS PONTOS DE ENCONTRO: O RECALCADO É O PROTÓTIPO DO INCONSCIENTE

A discussão a qual nos dedicaremos agora é uma tentativa de salientar a importância do recalque, concebido por Freud como a pedra angular da psicanálise. Para este fim, o caminho percorrido passará essencialmente pelos artigos metapsicológicos, em que o autor discutirá especificamente o tema. Assim, o objetivo deste momento da dissertação é apresentar o conceito de recalque a partir da perspectiva do recalque originário, e não do recalque que Freud (1915b/1996) chama de 'recalque propriamente dito'. À medida que essa discussão tomar corpo evidenciar-se-ão as razões pelas quais a correlação entre o conceito do recalque e do determinismo inconsciente se dá através da via do recalque originário.

O título acima foi baseado em trecho retirado do texto *O eu e o isso* (1923b/1996), artigo em que Freud nos apresenta a sua segunda tópica e reitera alguns fundamentos, como o fato de que tudo o que é recalcado é também inconsciente³, ainda que o inconsciente não abranja somente o recalcado. Neste texto compreendemos que a relação consciente-pré-consciente pode ser considerada progenitora do conceito de eu, imprescindível à execução e manutenção do recalque. Deparamo-nos com essa força, a da resistência, pertencente ao eu que, por ser inconsciente, age profundamente e, na maioria das vezes, com eficácia. No entanto, a psicanálise se interessa pelas situações em que essa eficácia rompe com seu bom funcionamento e nos faz tropeçar com os *restos* deste fracasso.

³ É também em *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]) que o editor da Edição Standard afirma aparecer pela primeira vez na obra psicanalítica, o termo "inconsciente", ainda que entre aspas, indicativas, de acordo com Strachey (1996, p. 79), de que Breuer o atribuiria a Freud. Em outra nota (p. 106), no relato do caso da Sra. Emmy Von N., Freud utiliza-se novamente do termo.

Freud supõe a existência de um recalçamento primário que se erigiria em torno de uma representação de determinada pulsão, levando a uma fixação que manteria inalterado o representante em questão, ao mesmo tempo em que manteria ligado a esse representante a pulsão que o representa (FREUD, 1915c/1996, p. 153). Apenas em um segundo momento, *devido a essa fixação originária*, poderá acontecer o “recalque propriamente dito”, direcionado a conteúdos que se vinculariam, por cadeia associativa, à representação ideacional da pulsão primariamente recalcada.

A neurose ensina que o recalque não elimina o representante pulsional do inconsciente, mas permite a reorganização do mesmo e que as associações entre os conteúdos aconteçam (*idem*). Tais associações sustentam-se devido a uma grande quantidade de elos entre o conteúdo que sofreu o recalçamento primário e o secundário. Os sintomas neuróticos têm a mesma função das associações e a manutenção do recalque é onde repousa o incessante sofrimento neurótico. Se o recalque falha em suprimir a idéia e origina desprazer e angústia, ele fracassa. É a *falha* do recalque que interessa à psicanálise, pois através dela vivenciamos o *retorno do recalcado* (FREUD, 1915c/1996, p. 159).

A importância do recalçamento, para a psicanálise, repousa também no fato de “[...] ser antes regra e não exceção, o passado achar-se preservado na vida mental” (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 80), conforme nos situa Freud em *Mal-estar na civilização*, frase que pode também ser expressada pela impossibilidade do eu em fugir de si mesmo, ou ainda através disso que insiste em nos fazer mancar, seja através dos sonhos, dos sintomas ou dos atos-falhos.

Em *O eu e o isso* (1923b/1996), Freud afirma que o eu se diferencia em instância psíquica através do contato com o mundo externo pelas experiências que nos proporciona o sistema perceptivo. Acontecimentos prazerosos ou desprazerosos deixam resquícios, o que permite ao passado continuar vivo e exercendo influências sobre o presente. As razões que nos levam a situar a importância do recalçamento enquanto fenômeno inegociável à psicanálise reside nas razões que conduzem o aparelho psíquico a recorrer a este mecanismo. Afinal, por que determinada representação ideacional da pulsão adquire uma representação afetiva insuportável?

A psicanálise constrói-se, conforme nos apontou Freud (1914a/1996), a partir da hipótese do recalque. A parte recalcada é o afeto vinculado à determinada pulsão, mas os motivos para o recalque devem estar vinculados à parte recalcadora,

função atribuída por Freud ao eu, a partir da influência do mundo externo (1923b/1996), como forma de defesa à sua integridade. De modo que os recalcamientos têm sua origem no eu e excluem a possibilidade de expressão de *tendências inadequadas* (FREUD, 1923b/1996, p.30).

Mas para quem tais tendências seriam inadequadas e por quê? Somos conduzidos ao trecho através do qual Freud conclui a última parte de *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996), aquele em que faz referência à ‘infelicidade comum’. Freud situa o sofrimento neurótico como decorrência do recalque e de sua manutenção. Mas sendo o recalque motivado por *algo*, há que se questionar sobre o quê. Em *Mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996), quando ele se volta para o tema da infelicidade, acredita ser ela constitutiva da vida dos homens, a luta contra a qual resumiria nossa existência, cujo sucesso é constantemente atrapalhado por muitos fatores, dentre os quais o sofrimento neurótico.

A civilização nos apresenta imposições com cujo ônus de sofrimento todos têm de lidar e que se originam de três fontes: “[...] o poder superior, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 93). Dentre tantas parcelas de uma natureza dita inconquistável está nossa própria constituição psíquica. A neurose ameaça a felicidade da vida civilizada, felicidade construída em torno das realizações humanas e de leis que sustentam as relações que se mantêm primeiramente porque existe o sacrifício das pulsões. Mas o abandono da pulsão não pode ser realizado impunemente: “se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso” (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 104).

Freud não atribui às forças sociais a completa responsabilidade pelo recalque. Ele deixa em suspenso um posicionamento sobre até que ponto alcança a interferência cultural na origem e manutenção do mesmo, e até que ponto nossa herança filogenética, envolvida na construção do ser humano durante a evolução da espécie, exerce sua influência sobre o comportamento em relação à satisfação das pulsões, especialmente as vinculadas à vida erótica ou à agressividade do homem.

Como vimos anteriormente, Freud demarca dois momentos constitutivos do recalque, um primário e um secundário, cuja principal característica é exercer sobre o aparelho psíquico uma *pressão posterior*. É sobre essa pressão posterior que vimos falando até aqui. E podemos nos questionar, diante dessa

posterioridade, o que situaria uma anterioridade, ou seja, o que demarca o primeiro recalque, imprescindível não apenas à ação do recalque secundário, mas também à divisão instituída no aparelho psíquico.

É a partir dessa suposição que, em *O inconsciente* (1915d/1996), o autor traça a separação entre os conteúdos que se situariam nos planos consciente e inconsciente. E é também a partir desta suposição que, em 1923, retoma a questão em *O eu e o isso* (1923b/1996), quando reúne as elaborações em torno da segunda tópica, a partir da qual situa a instância psíquica responsável pelo recalque e aquela que seria a instância recalçada, de modo que nos vemos uma vez mais diante da função do recalque originário: a instituição do inconsciente na vida mental, representado pela instância chamada por Freud (1923b/1996) de isso.

Essas elaborações nos permitem concluir que, tanto no que diz respeito ao que é inconsciente e ao que é consciente quanto na constituição do aparelho psíquico em instâncias, compreendemos que tais divisões não ocorrem isoladamente, mas conectadas, evidenciando grande dificuldade de se situar a fronteira entre o momento do nascimento do que na primeira tópica Freud chamou de o inconsciente e, na segunda, da divisão do aparelho mental entre as conhecidas instâncias eu, isso e supereu.

A falta da possibilidade de uma delimitação nítida não foi encarada por Freud sem certa resistência. Por certo, a elaboração do *Projeto* demonstra a tentativa empreendida por ele em adequar-se aos padrões de ciência com os quais comungava até a psicanálise impor-se. O percurso de Freud nesta busca nos coloca diante da questão de por que o recalque é chamado por ele de a pedra angular da psicanálise. Nos dois textos metapsicológicos de 1915, compreendemos como a suposição do recalque originário vem no encaixe da tentativa de compreendermos o recalque propriamente dito. No entanto, em *O recalque* (1915c/1996), Freud não dedica mais do que um ou dois parágrafos a essa elaboração, o que se repete em *O inconsciente* (1915d/1996).

Justamente ao situar a existência de um recalque primário, depara-se com uma dificuldade que se interpõe à própria teoria. Afinal, o recalque, enquanto responsável pelo levantamento dos diques da vergonha, do nojo e da moral, diz respeito a um momento bastante posterior do desenvolvimento psíquico, o da elaboração edípica. Em *Mal estar na civilização* (1930[1929]/1996), para tentar abarcar essa dificuldade, vemos que Freud recorre ao recurso da possibilidade de

haver uma herança filogenética que acompanharia o desenvolvimento humano desde quando os homens começam a se reunir em pequenos grupos, de modo a garantir maiores sucessos de sobrevivência, embora essa convivência grupal também os tenha obrigado a sacrifícios pulsionais.

Em *O inconsciente* (1915d/1996), Freud demonstra que o recalque exerce uma pressão em direção contrária à outra, atuante no inconsciente, um contra-vestimento, cujo objetivo é barrar o acesso ao consciente a uma representação intolerável. Esta busca expressar-se no consciente, aliando-se a outras representações. Em *O eu e o isso* (1923b/1996), Freud situa dois sistemas que atuam em conjunto: um afasta da consciência conteúdos cuja representação ideacional é intolerável à consciência; e o outro busca incessantemente manifestar-se, então, a partir da condensação e do deslocamento, mecanismos que atuam na formação dos sonhos, sintomas, atos-falhos e chistes⁴.

As elaborações acerca do recalque primário e secundário permitem defini-lo como mecanismo de afastamento da consciência daquilo que é intolerável ao eu, de tal modo que partimos da existência de uma divisão mental tanto a partir da existência de um consciente e de um inconsciente, quanto a partir da suposição de uma instância recalcada e de outra recalcadora (o isso e o eu, respectivamente). Anteriormente afirmamos que a importância do recalque enquanto pedra angular da psicanálise reportava-se a um momento anterior, momento em que esta divisão aconteceu, função de um processo que Freud chama de recalque originário. O recalque anterior funda o inconsciente, ou, mais especificamente, funda a divisão entre o consciente e o inconsciente. A partir dessa divisão o recalque propriamente dito encontra as ferramentas necessárias para se constituir: funda-se uma cisão entre os dois grandes sistemas mentais previstos na primeira tópica freudiana.

Desse modo, concluímos que, se Freud situa o recalque enquanto a pedra angular é a partir dos termos que versam acerca do recalque originário enquanto constitutivo da divisão do aparelho psíquico que ele o faz. Uma vez instituída esta divisão, desenvolvem-se as bases para o recalque propriamente dito – enquanto uma *pressão posterior*, conforme nos aponta Freud no texto de 1915. Esta pressão,

⁴ Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1996) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905/1996), encontramos essas três possibilidades de retorno do recalcado ou formações substitutivas do inconsciente.

por ser uma consequência do recalque originário, exerce sua eficácia, desse modo, não sobre a divisão do aparelho mental, esta inerente ao sujeito, mas sobre representações que, vinculando-se a diversas outras, dão notícias do que originariamente foi recalcado durante a constituição do psiquismo.

Em *O inconsciente* (1915d/1996), Freud afirma que o recalque originário atua a partir da retirada de investimento da idéia consciente, investimento que passa a ser dirigido como contra-investimento da representação inconsciente que procura se manifestar. Em *O recalque* (1915c/1996) o autor situa o recalque originário como o fenômeno que:

“[...] consiste em negar a entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele” (FREUD, 1915c/1996, p. 153).

Mas como falar em negar a entrada do representante ideacional no *consciente* se afirmamos que o recalque originário é responsável por uma divisão que ainda não existe? De onde vem esse contra-investimento se não podemos atribuí-lo ao consciente? E se não existe ainda inconsciente, a que está ligado o representante psíquico? Aliás, representante psíquico de quê, se ainda não existe um psiquismo antes do recalque originário? Estes paradoxos nos fazem inferir que, ao mesmo tempo em que o representante ideacional começa a se inscrever a instância inconsciente começa a se constituir: concluímos, assim, que é à medida que se instala o recalque que o inconsciente se constitui. Essa constituição se dá porque, desde o princípio já havia algo de inato em nosso psiquismo, a pulsão.

O recalque originário é responsável pelo estabelecimento de uma fixação que faz com que o representante da pulsão não mude, de modo que a pulsão permanece ligada a ele. Pulsão e representante fixam-se, por assim dizer, simultaneamente. A fixidez de tal representante impede, por parte dele, o deslizamento tão comum aos representantes ideacionais recalcados secundariamente, ao mesmo tempo em que é a condição do inconsciente recalcado. O representante fixado mantém também fixa a pulsão, que não encontra outra maneira de se representar a não ser ligando-se a outros representantes, momento em que o recalque secundário começa a atuar.

Assim, é a fixidez a característica essencial atrelada ao recalque originário e que o mantém, justamente pela dificuldade em se estabelecer, a partir dele, uma cadeia associativa – ou um deslizamento metonímico. Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957[1956]/1998), podemos ver como Lacan situa o lugar do discurso na prática psicanalítica a partir de tal deslizamento que pode ser apreendido da fala do sujeito, deslizamento que só se explica pela localização e explicitação de um inconsciente. É a partir desse deslizamento que não cessa de nos deixar sua marca que situamos a importância da determinação inconsciente na obra freudiana.

A necessidade de continuar vinculando-se a diversas outras representações ideacionais exige do recalque originário um gasto constante de energia para se manter, através da atração incessante que exerce sobre outras representações. O núcleo do recalcado, onde se encontra o representante ideacional fixado, vive uma relação de dependência junto aos representantes ideacionais cujos mecanismos envolvem o deslocamento e a condensação, de modo que um depende do outro para continuar existindo.

Há, no entanto, algo de inassimilável que, em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), Freud chama de umbigo do sonho, isso que é inatingível, que forma uma hiância a partir da qual as formações substitutivas se manifestam. O início da cadeia associativa se dá, então, a partir disso que se constitui no recalque originário como o núcleo do recalcado, e que situa o sujeito enquanto dividido. Existe, então, nesse processo de cisão, um momento de inscrição – fixidez – e um processo de desligamento que pode ser apreendido enquanto *isso* que não cessa de não se inscrever.

O núcleo do recalcado é *isso* que demarca a presença de algo que nunca se esgota, que nunca cessa de não se fazer representar. É *isso* que escapa sempre à cadeia associativa, *isso* que demarca a existência de algo inassimilável e que encarna o modo de funcionamento do inconsciente e sustenta a sua inscrição ao mesmo tempo em que situa a inexistência de um sentido último: enfim, o que Freud denomina em 1923 como *isso*. A inexistência de um sentido último demonstra o quanto às leis do funcionamento do inconsciente articulam-se em torno desta ausência de significado própria ao *isso*.

Portanto, se foi possível a Freud realizar a delimitação do campo da psicanálise, isso se deu a partir da hipótese do determinismo inconsciente. Esta

hipótese, no entanto, é anterior àquela da teoria do recalque originário, responsável, como vimos, pela própria divisão do aparelho mental, seja nos termos da primeira ou da segunda tópica, de tal modo que a teoria do recalque originário veio, então, elucidar, enriquecer e ampliar a do determinismo inconsciente. Assim, parece haver razão suficiente para, a partir do apontamento freudiano de ser o recalque a pedra angular que sustenta todo o corpo teórico da psicanálise, o sustentarmos enquanto o elemento que enreda nossa discussão

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais* (FREUD, 1900/1996, p. 637).

O inconsciente freudiano não é usado, assim, apenas para indicar a diferença com o que é consciente, mas antes designando o que é próprio na constituição do sujeito e para indicar que a vida mental considerada normal não se encontra afastada daquela considerada patológica. Eis uma das grandes contribuições de Freud:

[...] o inconsciente (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados, e de que isso acontece tanto na vida normal quanto na patológica. Portanto, há dois tipos de inconsciente, que ainda não foram distinguidos pelos psicólogos. [...] um deles, que denominamos *Ics.* é também *inadmissível à consciência*, enquanto ao outro chamamos *Pcs.*, porque suas excitações [...] conseguem alcançar a consciência (FREUD, 1900/1996, p. 639).

Parece que, mais uma vez, nos deparamos com o objetivo que nos conduziu até aqui. Queremos saber por que não podemos abrir mão da suposição do inconsciente, e de suas implicações, se identificamos nossa prática em extensão à psicanálise. As implicações e as razões pelas quais não podemos abrir mão, Freud as retoma na conferência *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996), quando reafirma a unidade a partir da qual devemos tratar a psicanálise: “a atividade psicanalítica é árdua e exigente; não pode ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair caminhar. Via de regra, a psicanálise possui um médico inteiramente, ou não o possui em absoluto” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 150). Assim, a posição que Freud assume a partir da psicanálise nos permite

compreender porque agir, falar e produzir conhecimento em nome dela registra o singular e específico daquele que, reconhecendo a própria condição de cisão, desprende-se de um saber conclusivo. Esse é um desprendimento possível a Freud apenas quando ele abandona concepções anteriores às da psicanálise.

A partir do ponto de vista a que chegamos devido às elaborações precedentes, concluímos que, para que Freud pudesse atingir esse nível de elaborações acerca da hipótese do inconsciente, primeiramente teve de se deparar com o conceito de recalque. A suposição do inconsciente, por sua vez, sustenta a elaboração dos demais conceitos da teoria psicanalítica. A suposição da existência de um determinismo inconsciente leva Freud a firmar os pés no campo da psicanálise, ampliá-lo e promover algo novo, original e subversivo.

Lacan (1957[1956]/1998, p. 269) afirma que o estilo de Freud basta para reconhecer seu alcance e que a primeira resistência à psicanálise não foi ao fator sexual, ao contrário do que inclusive Freud afirma. A grande resistência, para Lacan (*idem*), foi a uma compreensão imposta por Freud quando ele situa na dimensão simbólica dos sonhos, dos sintomas, dos atos-falhos, dos chistes, enfim, do determinismo inconsciente, uma estrutura significativa. Ou seja, Freud evidencia que nossos atos mentais, que nossas ações, e que mesmo a nossa vida noturna, quando sonhamos, encontram-se de tal forma conectados que a importância de sua obra assume valor de oposição. Dito de outra maneira, Freud subverte o que ele chama de orgulho da consciência (FREUD, 1910a/1996, p. 37).

Freud, quase ao fim do sétimo capítulo de *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), questiona: “Será que se deve fazer pouco da significação ética dos desejos suprimidos – desejos que, assim como levam aos sonhos, podem um dia levar a outras coisas?” (FREUD, 1900/1996, p. 644). Parece que a resposta só pode ser negativa. Ao menos para Freud, outra resposta não era possível, uma vez que a convicção do inconsciente estava nele presente a partir da configuração de um desejo inédito: aquele que o levou à criação da psicanálise. Caso contrário, isto é, caso não se tratasse de desejo, a psicanálise não teria atingido o patamar a partir do qual a realidade psíquica é diferente da realidade material, não se justificando a relutância das pessoas ante a própria ‘imoralidade’:

Quando o modo de funcionamento anímico é corretamente avaliado e se compreende a relação que há entre consciente e inconsciente,

descobre-se que desaparece a maior parte daquilo que é eticamente objetável em nossa vida onírica e de fantasia (*idem*).

E completa:

[...] é instrutivo tomar conhecimento do terreno tão revolvido de onde brotam orgulhosamente nossas virtudes. É muito raro a complexidade de um caráter humano, impelida de um lado para outro por forças dinâmicas, submeter-se a uma escolha entre alternativas simples, como levaria a crer nossa doutrina moral antiquada (FREUD, 1900/1996, p. 645).

A partir dessa afirmação, somos levados, mais uma vez, às contribuições de Lacan, que nos permite compreender por que o relevo da obra freudiana consta no momento em que ele situa como valor fundamental a importância e a consideração aos significantes e às relações de linguagem:

Freud tornou a encontrá-la em sua prática médica, quando se deparou nesse campo em que são vistos os mecanismos da linguagem dominar e organizar sem o conhecimento do sujeito, fora de seu consciente, a construção de certos distúrbios que se chamam neuróticos (LACAN, 1957[1956], p. 271).

À medida que construímos o primeiro capítulo desta dissertação, e que nos deparamos com o momento crucial, divisor de águas entre a pré-psicanálise e a psicanálise propriamente dita, era desse campo que se tratava: o do inconsciente. Um campo que lhe permitiu apreender a relação das resistências com a formação dos sintomas, enquanto situações de natureza semelhante. Quando Lacan (1957[1956]) retoma a obra freudiana, reconhece a psicanálise a partir da situação do sujeito enquanto vítima de uma razão que também o condena e que faz Freud questionar-se como se efetua este controle que um saber exerce sobre nós (*idem*, p. 275).

Prossegue afirmando que passamos a vida sem nos preocuparmos muito com esta subordinação, não nos atemos a ela até que ela passa a influenciar nossas necessidades, por exemplo, através do sofrimento neurótico, sofrimento que se instala a partir de uma lei, a lei do recalque: “O homem é efetivamente possuído pelo discurso da lei, e é com esse discurso que ele se castiga, em nome dessa dívida simbólica que ele não cessa de pagar sempre mais em sua neurose” (LACAN, 1957[1956], p. 276).

É essa direção que nos indica Lacan (*idem*), a direção de um retorno a Freud, retorno que se faz necessário quando apreendemos que, a partir da instalação do recalque originário e, com ele, da divisão subjetiva, o sujeito paga sempre o preço dessa divisão. O preço que a neurose cobra é a saída pelos ideais, em que o desejo do sujeito é sempre referenciado pelo outro. Foi com vistas a esse retorno à obra freudiana que buscamos, em *O inconsciente* (1915d/1996), argumentos que sirvam ao nosso recorte: por que não podemos abrir mão deste conceito quando falamos em nome da psicanálise? Afinal, o que isso implica? E a resposta, por ora, subdivide-se em duas. Primeiramente, é que abrir mão deste conceito nos faz também prescindir da divisão subjetiva. E, em segundo lugar, tais implicações atuam sobre a possibilidade de pensarmos a aplicação da psicanálise.

Retomando o ponto em que situamos a inscrição do representante ideacional e a divisão entre as duas grandes instâncias psíquicas, concluímos que, no recalque originário, a inscrição desse representante primordial é condição à formação da cadeia associativa. Assim, o recalque originário é premissa do recalque propriamente dito. A primeira inscrição a partir da qual as outras operarão define-se como resto inassimilável em que tropeçamos na própria condição humana de uma divisão elementar. Em Lacan uma explicação possível para tal divisão esbarra no que ele concebe enquanto desejo que nos constitui como sujeitos cindidos e denunciadores de uma ausência que se coloca como condição estrutural do humano.

Lacan (1957[1956]/1998) pontua a obra freudiana como constituinte de um valor de oposição, longe do que alguns fizeram transformando este campo em uma psicanálise selvagem – esta reduzida ao imaginário. Assume, deste modo, uma dimensão que é muito mais abrangente, a do significante: “qual é esse outro que fala no sujeito, e de que o sujeito não é nem mestre, nem semelhante, qual é o outro que fala nele”? (LACAN, 1957[1956]/1998, p. 273). Que outro é esse, Lacan questiona-se, que não é seu desejo e nem seu semelhante? É esse outro cujo discurso me situa enquanto sujeito, ao mesmo tempo em que evita o erro de pensarmos no homem a partir de um dualismo, ou seja, de fazer do inconsciente outro eu, o que nos proporcionaria uma miragem de totalidade, a partir da qual temos a resposta e o controle sobre tudo. O inconsciente como fundamento, portanto, impede tal totalização. Em sua obra, aponta Lacan (1957[1956]/1998), Freud quis evitar a miragem da personalidade total em que o eu constituir-se-ia enquanto ponto de

reunião e instância organizadora do sujeito. Ao contrário, há outro que fala em mim, outro dotado de um automatismo, que vemos atuar na

[...] insistência de uma fala que, no sujeito, volta até que ela tenha dito sua última palavra, uma fala que deve tornar a voltar, apesar da resistência do eu que é defesa [...]. A repetição é fundamentalmente a insistência de uma fala (LACAN, 1957[1956]/1998, p 275).

Essa insistência denuncia o ponto chave para nossa compreensão do recalque enquanto pedra angular sobre a qual repousa toda a teoria psicanalítica. É ele o mecanismo, o fenômeno, o acontecimento necessário para o sujeito referir-se a um ser não unitário.

3.4 A TAREFA É LABORIOSA, MAS NÃO IMPOSSÍVEL

Em *O inconsciente* (1915c/1996), Freud afirma que “[...] o tratamento psicanalítico se baseia numa influência do *Ics.* a partir da direção do *Cs.*, e [...] embora se trate de uma tarefa laboriosa, não é impossível” (FREUD, 1915c/1996, p. 199). No mesmo parágrafo ele afirma ser a psicanálise um processo difícil e lento. Essas palavras, além de servirem como título deste subcapítulo, tratam da peculiaridade do processo de uma análise, ao mesmo tempo em que situa o sofrimento neurótico como algo que se mantém no tempo, dando-nos a dimensão do recalque como uma tentativa de defesa efetuada pelo eu. O trabalho lento que empreende em uma análise é em torno deste sofrimento que aparece como consequência do recalque. Nossas elaborações a partir de Freud, no entanto, não foram conclusivas sobre a origem do recalque e tivemos que buscá-la em Lacan, que a situa a partir da palavra, capaz de nos tornar humanos. A origem da neurose Freud atribui ao recalque. E foi a partir das origens deste último que tentamos encontrar o critério de inegociabilidade que esse assume para Freud.

A leitura dos textos freudianos, à medida que avançou o processo de construção destas elaborações, reportou-nos ao desejo de Freud de, a partir da psicanálise, transformar o sofrimento neurótico em ‘infelicidade comum’; de modo que recorremos a um texto em que ele se ocupa dos percalços que se interpõem à felicidade.

“Um intranquilo tatear”, eis como Freud situa a psicanálise (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 136), um campo que não produz um saber sobre o sujeito, tampouco uma certeza, mas se dirige a uma verdade. Essa verdade advém dos caminhos do que Freud chama de cadeia associativa. Quando apresentamos a noção de recalque em Freud, dissemos que as traduções através das quais a pulsão se expressa no consciente, tornam-se assustadoras, desconhecidas porque comportam em si um elemento recalcado.

A insistência própria à palavra confere ao recalque uma dupla característica: ele vela ao mesmo tempo em que revela algo. A revelação acontece à medida que os significantes associados a determinado fenômeno encontram-se “[...] comprimidos, engatados um no outro [...]” (LACAN, 1958[1957]/1998, p. 54), de maneira tal que nos indicam uma intencionalidade quando pululam uma significação. Lacan (LACAN, 1958[1957]/1999, p. 56) chama todas as possibilidades significantes, que se engendram como em uma rede, de *destroços* do objeto metonímico. A este último, a análise visa encontrar:

Se há uma coisa que a experiência freudiana nos traz, é que somos determinados por essas leis no mais íntimo de nós [...]: somos determinados no nível do que em nós está além de nossas apreensões autoconceituais, além da ideia que podemos fazer de nós mesmos, sobre a qual nos apoderemos [...], à qual [...] nos precipitamos, em dar um destino falando de síntese, de totalidade da pessoa – termos que, não nos esqueçamos, são todos precisamente, pela experiência freudiana, objetos de contestação (LACAN, 1958[1957]/1998, p. 70).

É realmente difícil, conforme aponta Lacan, pensarmos em totalidade da pessoa se é a Freud que nos reportamos, este cujos estudos demonstram uma falta que é perene. As leis a que Lacan se refere são as que Freud chama de condensação e deslocamento e que o primeiro atribui às atividades metafórica e metonímica. Leis que governam o inconsciente e demonstram como continuamente os conteúdos recalcados se interpõem. Podemos por eles passar despercebidos. Podemos não querer dar conta deles. Mas eles estão ali, portando uma verdade que jaz escondida, velada, sob a luz de incertezas para as quais continuamente se procuram saberes ou, então, não procuram, recolhem-se a um contentamento ignorante.

Em *Análise terminável e interminável* (1937a/1996), Freud rebate as críticas ao longo tempo empreendido para a conclusão de uma análise. Para ele, pensar em uma abreviação significa focalizar os sintomas. Freud enfatiza a posição do analista que, diante de todos os revezes que se apresentam durante o tratamento, deve fugir do que ele chama de 'impostura' ou 'engano' (FREUD, 1937a/1996, p. 265). Neste momento tardio da obra, Freud realiza a visada por um posicionamento que, tudo indica, parte de uma ética que vemos evidenciada por Lacan (1958[1957]/2003) quando ele diz que a psicanálise sobrepõe “[...] a relação do homem com a verdade dominante” (LACAN, 1958[1957]/2003, p. 173).

Já afirmamos que o analista é esse cuja fé no determinismo inconsciente é inabalável, pois aí reside a verdade que ele busca. É a esta verdade que Freud se refere. É a verdade do sujeito, a verdade do inconsciente. Os artifícios utilizados para dela se desviar constituem a relação com um saber unitário, que dá a falsa sensação de completude. O psicanalista apresenta-se, por outro lado, a partir de um lugar em que a relação com o saber é outra, dá-se pelo reconhecimento de que ele jamais é todo, nem tampouco parte de um todo.

Aprendemos que a hipótese do inconsciente forneceu à psicanálise sua base fundamental. Isto porque parecia impossível, para Freud, explicar os fenômenos com os quais se deparava sem realizar a suposição de que sua origem não se encontrava atrelada ao pensamento consciente nem à vontade do sujeito. À medida que avança no desenvolvimento de suas primeiras elaborações teóricas, Freud também começa a se deparar com a impossibilidade de atribuir tais processos aos fatos puramente físicos e neuronais, por mais reconfortante que essa explicação pudesse ser para um homem criado dentro dos moldes científicos vigentes.

Em *A psicanálise verdadeira e a falsa* (1958[1957]/2003), Lacan afirma que a psicanálise falsa parte de uma distância, um esquecimento ou desconhecimento cujos efeitos podem ser prejudiciais à psicanálise. Ele reitera que, no que diz respeito à psicanálise, muitos esquecem que “a psicanálise verdadeira tem seu fundamento na relação do homem com a fala” (LACAN, 1958[1957]/2003, p. 173), cujos efeitos não podem ser compreendidos a partir de mudanças benéficas, mas como a revelação de uma verdade. Mais uma vez nos deparamos com essa palavra: *verdade*. Desse modo, o veículo psicanalítico é a fala que, quando não reconhecida, é buscada em seu afeto imediato.

A importância atribuída por Freud à fala evidencia-se no decorrer de seu trabalho e também das elaborações que vêm se seguindo nesta dissertação. Partimos de um objetivo considerável, o de situar em que consistem os elementos da psicanálise a que Freud confere o estatuto de fundamentos inegociáveis. Situamos conceitos fundamentais e buscamos elencar a sua importância na obra freudiana. No que concerne ao conceito do inconsciente, reler os artigos que datam de quinze anos depois da publicação das primeiras elaborações de Freud acerca do assunto⁵ remete-nos com facilidade a isso que Lacan situa como a relação do homem com a fala.

Freud (1915c/1996) afirma ser o recalque um processo que afeta idéias na fronteira entre inconsciente e consciente através dos mecanismos de condensação e deslocamento, que visam desviar-se do recalque para obterem satisfação. Por Lacan, esses dois mecanismos foram comparados aos efeitos da metáfora e da metonímia, processos de linguagem pelos quais o inconsciente se estrutura. Eis, então, o que nos situa em relação ao método da psicanálise e de sua validade diante da elucidação, não dos sintomas, mas da origem da neurose.

Por essa razão, é através da linguagem que encontramos o drama da neurose, conforme aponta Lacan: “querer reduzir esta última em sua veracidade irreduzível só pode conduzir a um recuo do sintoma até as próprias raízes do ser, à destruição daquilo que dava no sofrimento testemunho” (LACAN, 1958[1957]/2003, p. 178). É através do sofrimento do sintoma que encontramos o desejo, que Freud afirma encontrar-se fixado no emaranhado das redes que o sustentam e que sustentam todas as formações substitutivas que o recalco encontra para se manifestar. Formações substitutivas que vemos serem apontadas por Freud, quando se refere aos atos-falhos. Atentar para a forma através da qual Freud (1901/1996) constrói as elaborações em torno deles nos aproxima dos processos de condensação e deslocamento evidenciados:

Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. [...] suspeito que o nome ou os nomes ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido (FREUD, 1901/1996, p. 19).

⁵ A primeira seria *A interpretação dos sonhos* (1900/1996).

Essas palavras ajudam a compreender o que, para Lacan (1958[1957]/2003), são as redes que sustentam as formações substitutivas às quais ele se refere. Elas sustentam-se, desse modo, sobre o determinismo inconsciente, este sobre o qual viemos nos questionando acerca de suas implicações, enquanto fundamento, ao campo inaugurado por Freud:

Essas redes por certo o atravessam e o articulam na interrogação apaixonada que arranca da condição da necessidade esse ser vivo e semideiscente de vida que é o homem. Para elevá-lo à posição da demanda sem objeto a que chamamos amor, ódio e ignorância (LACAN, 1958[1957]/2003, p. 178).

Aprendemos que todas as formações do inconsciente se apresentam a partir do campo da linguagem, denotando a importância da fala e da elucidação dela, essenciais à abertura do campo da psicanálise. No chiste, o contorno do recalque que se evidencia é voluntário e foi produzido para atingir um alvo. Assim, a diferença entre o lapso e o chiste é que o primeiro produz uma falta de sentido e o segundo pode ser entendido como uma medida de sublimação de efeitos dolorosos do sujeito. É por essa razão que Freud nos diz em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905a/1996):

Temos apenas que estudar a peculiaridade de sua forma de expressão para captar o que se pode denominar técnica verbal ou expressiva desse chiste, algo que deve estabelecer íntima relação com a essência do chiste, já que se substituída por qualquer outra coisa, o caráter e o efeito do chiste desaparecem (FREUD, 1905a/1996, p. 26).

Quando nos deparamos com essas características das tiradas espirituosas e do quanto elas evidenciam algo que o recalque busca esconder, percebemos que elas possuem um caráter subversivo. Há outra coisa que também possui esse caráter: a análise. Se nós resgatamos a importância dos lapsos e chistes enquanto maneiras a partir das quais vemos evidentes os efeitos da linguagem atuando, o fizemos a partir de uma diferenciação: o que uma esconde, a outra evidencia. Do que trata? Do sujeito da fala.

A análise, dessa maneira, evidencia algo que designamos por desejo. Entretanto, para que seja possível o advento de uma análise, diz Lacan

(1958[1957]/2003) que é preciso evidenciar-se uma demanda, necessária para compreendermos a distinção que o autor faz entre sugestão e transferência, ponto a partir do qual situamos a mudança de posicionamento de Freud de médico para analista, ou seja, daquele que escuta a necessidade para aquele que escuta uma demanda.

A importância desta distinção se evidencia de tal modo que a confiança no analista implica no princípio de verdade, outra vez ela, que mantém a psicanálise existindo através da fala, capaz também de suscitar o horror, de acordo com Lacan (1958[1957]/2003). Horror identificável na resistência, tanto em relação aos conteúdos recalçados, quanto em relação à transferência e à psicanálise, que os evidenciam. Da necessidade de considerar a verdade que emerge da fala do sujeito nasce a urgência vivenciada por Freud em garantir uma 'guarda'. Quem garante esta guarda? O analista, enquanto assume esta posição.

Assim, da necessidade de uma guarda também emerge um psicanalista, o primeiro, a partir da impossibilidade que vimos, no decorrer dos dois capítulos desta dissertação, ser evidenciada por um caminho que, ainda que difícil, não oferecia possibilidade de retorno, uma vez que “[...] a psicanálise manifesta-se, ela mesma, como uma paixão no ato que a constituiu, suscitando de novo em seu seio o toque de reunir de cuja impostura escarneceu Voltaire: ‘Esmaguemos a infame’” (LACAN, 1958[1957]/2003, p. 182).

Diz Freud que “[...] a psicanálise possui um médico inteiramente, ou não o possui em absoluto” (1933[1932]/1996, p. 150). Se ela se constitui como uma paixão, conforme ensina Lacan (1958[1957]/2003), ela encerra em si mesma algo que também pode ser entendido enquanto sofrimento. Um sofrimento que se explica por um trabalho que exige. Exige do analista e também do analisante, trabalho árduo em que essa atividade não é aleatória e arbitrária, não pode ser comparada a “óculos de leitura”, que usamos apenas diante de necessidades específicas (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 150).

Para concluir as elaborações que deram corpo a este capítulo, retomamos o ponto do qual partimos, ou seja, o objetivo inicial de construir uma reflexão que nos possibilitasse pensar acerca dos fundamentos que sustentariam as aplicações da psicanálise. Neste processo, o caminho empreendido foi uma busca através da teoria freudiana pelos pontos-chave em que o autor delimita conceitos enquanto

fundamentais. A partir das elaborações do primeiro capítulo, vimos que quando Freud debruça-se sobre a questão do fundamento, o faz com o objetivo de resguardar este campo. Tal resguardo se daria em torno dos prejuízos que interpretações equivocadas poderiam causar à psicanálise.

Questionamo-nos, assim, por que, em diversos momentos de sua obra, Freud define este ou aquele conceito como fundamental e, dentre aqueles por ele elencados, entendemos que nossas elaborações seriam frutíferas se discutíssemos o recalque e a sua relação com o determinismo inconsciente. Este foi, então, o objetivo do segundo capítulo, com vistas a pensar porque Freud acredita que a psicanálise não passaria sem acolher as implicações de tais conceituações. Tentamos realizar essas reflexões demonstrando que tal defesa não se apóia em uma ortodoxia, cujo rompimento de preceitos implicaria na fragilidade de um corpo teórico. Ao contrário, tentamos demonstrar que, se Freud apegou-se a determinadas conceituações da psicanálise, é porque antes elas se manifestaram como fenômenos experienciados por ele e apenas posteriormente foram abstraídos na forma de conceitos.

A partir da afirmação de que a apreensão de tais conceitos ditos como fundamentais aconteceram pela experiência de Freud, anterior à formulação teórica, compreendemos um ponto essencial que vem tomando cada vez maior corpo à medida que essa dissertação se constrói. Esse corpo diz respeito ao fato de que se a psicanálise encontra seus alicerces fundados junto a alguns conceitos que a ela são caros, eles só são caros porque encarnam uma posição que nunca é da ordem de uma escolha. A posição a que nos referimos aqui trata da posição do analista, posição que se define pela primeira vez na experiência Freudiana de não recuar diante do que se impunha.

Diante de tal imposição, percorremos o caminho de nossas elaborações na teoria freudiana, esquadrinhando seus conceitos fundamentais para, só então, estruturá-los a partir da perspectiva de fundamento, que se evidencia com grande importância e destaque em diversos momentos da obra, seja nos textos clínicos, técnicos ou voltados ao público leigo. O momento para o qual agora nos dirigimos possibilitará, finalmente, empreendermos a discussão acerca das ditas possibilidades que à psicanálise se apresentam quando dela se fazem aplicações em particular ao campo da clínica, pois é Freud mesmo quem nos evidencia que,

dentre muitas das possibilidades que se abrem à psicanálise, a aplicação à terapêutica, ainda que conste na origem dela, é mais uma.

4 AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE

Nos dois capítulos anteriores, nos dedicamos especificamente a dois assuntos. O primeiro deles disse respeito às razões que levam Freud a tratar a psicanálise sob a perspectiva dos fundamentos. No segundo, buscamos explorar quais seriam, nos termos freudianos, os fundamentos da psicanálise, ou seja, aqueles aspectos dela que chamamos nesta pesquisa de inegociáveis. O método que utilizamos para empreender essa tentativa foi, portanto, o mesmo em ambos os capítulos: recorreremos aos textos freudianos, buscamos neles as bases para a nossa argumentação e para a nossa hipótese, e discutimos os aspectos destes textos que corroboraram na discussão pretendida.

Assim, partindo de uma retomada do início da psicanálise, ou, então, do ponto em que ela, propriamente, ainda não existia, deparamo-nos com o momento em que começava a nascer o primeiro psicanalista encarnado na figura de Freud. Dessa maneira, pudemos compreender a mudança radical entre o que se configurava no momento pré-psicanalítico para o que então se estruturou na abertura do campo do inconsciente, enquanto campo próprio da psicanálise. Essa subversão deu-se não a partir de uma escolha, mas de uma imposição a Freud do que ele começava a vislumbrar.

A decisão de trilhar este caminho para responder à pergunta dessa pesquisa, a saber, quais são as possibilidades e as impossibilidades que se apresentam à psicanálise em sua inserção institucional, foi tomada à medida mesmo em que nosso trabalho começou a se delinear. No decorrer deste percurso, algumas mudanças fizeram-se necessárias, especialmente em relação a algumas respostas, pelo fato que elas traziam consigo a promessa de nos apresentar resultados pautados em palavras de sentido vazio, ou seja, nos prometiam levar a repetições de frases prontas, dando um sentido último ao nosso questionamento e, por isso, indo de encontro a qualquer tentativa de exploração pautada no campo da psicanálise.

Ao dizer que alguns métodos investigativos nos conduzem a sentidos últimos e que isso é contrário àquilo que é próprio da psicanálise, referimo-nos ao fato de que esta empreitada não pretende atribuir à pergunta que realiza uma possibilidade de conclusão. Ao contrário, o caminho percorrido leva a algumas inconclusões, que começam a se apresentar especialmente se levamos adiante uma leitura cuidadosa

da obra freudiana, e foi justamente essa a nossa tentativa. Assim, enquanto buscávamos esquadrihar a psicanálise a partir do estatuto do fundamento, deparamo-nos com momentos da obra freudiana em que ele refere-se às possibilidades de mudança, possibilidades essas evidenciadas em alguns trechos destacados no primeiro capítulo. Simultaneamente, na construção do segundo capítulo, tentando buscar, então, momentos pontuais na obra de Freud em que o autor delimitaria quais seriam aqueles conceitos chamados por ele de fundamentais, o que encontramos foram também variações. Evidencia-se assim a própria tentativa de Freud em não buscar respostas conclusivas às perguntas, de tal modo que qualquer tentativa nossa de fazê-lo descaracterizaria esta pesquisa enquanto algo que se realiza a partir da psicanálise e não sobre ela.

Deste modo, o que buscaremos neste terceiro capítulo é, a partir das discussões empreendidas nos anteriores, articulá-las às possibilidades de aplicação da psicanálise ao campo da clínica. Para esse fim, o método que utilizaremos será o mesmo, ou seja, recorreremos aos textos em que Freud encabeça a discussão sobre o tema, isto é, os textos em que se ocupa das aplicações da psicanálise a este campo. Se esse recorte apresentou-se foi porque já estava presente, ainda que de forma rudimentar, desde o primeiro projeto apresentado antes mesmo de esta dissertação começar a configurar-se no desenho atual.

É preciso também evidenciar que essa é uma pesquisa que começa a delinear-se a partir de uma prática profissional em uma instituição de saúde mental e que os questionamentos e angústias suscitadas por esta prática conduziram à pergunta da pesquisa, pergunta anterior, portanto, à elaboração de um projeto e à tentativa de nos aproximarmos da articulação possível no que diz respeito a ela. Assim, a dúvida já existia balizada por inquietações que se originaram em campo. Foram anteriores, portanto, a qualquer pretensão acadêmica. Dessa maneira, esta pesquisa veio ao encontro a tais inquietações, pode ser considerada uma ferramenta anterior, ou seja, aquilo que possibilitou tais reflexões, reflexões que suscitaram necessidade de esta pesquisa ser realizada com vistas a responder de que maneira se coloca a possibilidade de pensarmos a psicanálise em um contexto diferente daquele no qual Freud funda suas hipóteses fundamentais.

4.1 AS ALTERAÇÕES NA TÉCNICA: O RISCO DE NÃO DESCOBRIR NADA ALÉM DO QUE JÁ SABE

Conforme enfatizado na apresentação deste capítulo, o objetivo neste momento do trabalho é o de tecer reflexões, a partir da obra de Freud, acerca das aplicações da psicanálise. Para este fim, tornamos a recorrer a um dos artigos que muito nos auxiliou nas elaborações realizadas durante o primeiro capítulo. Trata-se aqui de *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996). Neste artigo, além de Freud evidenciar as possibilidades que se abriam à psicanálise, ele discute o tema das dissidências e, a partir das elaborações que o autor realiza em torno delas, evidencia-se o fato de terem sido elas o resultado de alterações que Freud situa enquanto sendo de ordem técnica. Assim, em um mesmo artigo Freud articula as possibilidades de aplicação da psicanálise e delimita um ponto que consideramos ser de restrição. A restrição de que ele fala é essa com a qual ilustramos o título deste subcapítulo, ou seja, ao se prescindir da técnica da psicanálise, o analista corre o risco de “[...] nunca descobrir nada além do que já sabe” (FREUD, 1912a/1996, p. 126). Pensando na restrição que Freud impõe em relação à técnica, o caminho que se apresentou foi propriamente o de recorrermos aos artigos sobre a técnica, escritos entre 1912 e 1915, considerados como contribuições de Freud para este tema.

Alterações na técnica. É a partir deste argumento que Freud elabora suas críticas e também suas reflexões acerca das dissidências ocorridas, entre os anos de 1910 e 1913, entre a psicanálise e dois de seus colaboradores, Adler e Jung. A explanação que o autor realiza, quando se dedica a estas secessões, demonstra quais foram os aspectos dos quais ambos abriram mão e como, a partir disso, alegaram ter rompido com algumas das resistências que, então, atingiam o campo da psicanálise.

Tal alegação, que diz respeito a este rompimento de resistências externas, tem, para Freud, um valor simplório se comparado ao do sacrifício empreendido quando se abandona as verdades que a psicanálise teria arduamente conquistado (FREUD, 1914a/1996, p. 65), valor este que Freud chama de “[...] ajustamento muito exagerado às exigências da realidade” (FREUD, 1914a/1996, p. 66). Completando ainda este posicionamento, no que diz respeito especificamente à teoria de Jung,

Freud afirma: “a fim de preservar intacto esse sistema, foi necessário afastar-se inteiramente da observação e da técnica da psicanálise (FREUD, 1914a/1996, p. 69).

Se esta introdução se fez necessária, é porque justifica o método que utilizaremos para construir esse subcapítulo. Construimos o primeiro capítulo desta dissertação com o auxílio, dentre outras referências, de *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996). Freud não se dedica unicamente à crítica aos dissidentes, coisa que faz apenas na última parte do texto, mas o objetivo principal, nos parece, é resguardar e esquadrihar os conceitos e hipóteses fundamentais da psicanálise. É a eles que dedica toda a primeira parte do texto, definindo que a partir deles é que podemos começar a refletir acerca da temática enfatizada na segunda parte: a importância que adquiriu e que ainda poderia vir a adquirir a ampliação deste campo, com a condição de que fossem mantidos firmes os alicerces que o estruturam.

Assim, parece importante retomarmos este ponto da discussão empreendida anteriormente de que, antes de Freud dedicar-se a explicitar as dissidências, ele delimita um campo, realinha conceitos que considera de fundamental importância e salienta o papel do recalque enquanto pedra angular da psicanálise. Essa discussão constituiu a primeira parte desse trabalho e agora a retomamos porque é ela quem nos faz atentar para a outra, aquela em que Freud afirma que a questão central em relação às dissidências dizia respeito a alterações técnicas que nos impediriam, se realizadas, de observar tais aspectos chamados por ele de fundamentais.

É por esta razão que, para falarmos sobre as possibilidades de ampliação que se apresentam à psicanálise, possibilidades defendidas, empreendidas e difundidas propriamente por Freud, partiremos, para nossas elaborações subsequentes, dos textos em que Freud dedica-se às reflexões sobre a técnica da psicanálise, especialmente *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996) e *A dinâmica da transferência* (1912b/1996). Também, à medida que se fizerem necessários nesta discussão, lançaremos mão das reflexões feitas a partir de outros textos de Freud, sobretudo quando nos servirem de ilustração para o posicionamento aqui defendido, ou seja, o posicionamento de acordo com o qual a questão da aplicação da psicanálise perpassa necessariamente o psicanalista que se aventura nessa aplicação.

É importante apontar que, nas discussões que empreendemos até aqui, aprendemos que, ao mesmo tempo em que Freud ratifica ter a psicanálise seus fundamentos, ele especula acerca das possibilidades de ampliação do campo, enxergando mesmo esta ampliação como algo que à psicanálise trará bons frutos, conforme sustenta em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996): “as aplicações da psicanálise são, também, sempre confirmações dela” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 146). Talvez, justamente o fato de Freud acreditar nesse papel das aplicações enquanto capazes de confirmar o que apenas a experiência analítica proporciona tenha levado o autor a afirmar não estar atrelado aos limites que alguns poderiam dar à psicanálise, identificando, novamente em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), que vasto é o campo e o material de trabalho que se apresentam àqueles dispostos a enfrentar as resistências que se interporão a esta tentativa, resistências que poderão ser externas, mas que, por outro lado, também poderão ser encontradas dentro do próprio movimento psicanalítico (FREUD, 1914a/1996, p. 47).

Tal posicionamento de Freud coloca-nos diante de uma nova perspectiva que pretendemos abordar neste tópico da dissertação. Apresentamos uma dúvida que se faz pungente no seguinte aspecto: no que diz respeito à psicanálise, trata-se de uma ampliação que pode levar à sua aplicação, ou, ao contrário, é a própria aplicação que possibilita uma ampliação? Para tentar responder a essa pergunta, as reflexões realizadas anteriormente em nosso trabalho mais uma vez nos apontam que direção tomarmos. Essa questão também é evidenciada em *A história do movimento psicanalítico* e merece ser analisada em paralelo para descobrirmos um ponto de encontro com nosso primeiro questionamento, a saber, a que Freud se referia quando delimitou as dissidências a partir das alterações técnicas.

Nossas reflexões demonstraram que mesmo a psicanálise nasceu a partir de uma possibilidade que Freud assume de realizar uma ampliação. E essa ampliação, nós vimos associar-se justamente a uma ampliação da técnica. Lembramos que Freud deparou-se com pacientes para os quais o método catártico restava sem resultados, diante do que o autor depara-se com a necessidade de ir além, ou seja, alcançar aqueles pacientes considerados não hipnotizáveis. A partir deste ato freudiano que assume um posicionamento diverso do que se encontrava à disposição da medicina, indicamos a mudança que transforma Freud médico em analista, mudança imprescindível para o abandono da sugestão e para o

delineamento de parâmetros técnicos aos quais Freud vai dedicar-se detidamente mais de quinze anos depois, quando escreve os chamados artigos sobre a técnica.

Dessa maneira, ao identificarmos em Freud os votos de que o campo da psicanálise se amplie, prevendo para ela possibilidades de aplicação por vir, é importante levarmos em conta que, embora, como visto, ele sustente a preservação de seus fundamentos, em muitos outros momentos de sua obra enfatiza a abertura a modificações. Os artigos sobre a técnica são exemplos desse posicionamento em que o encontramos aberto a mudanças. Assim, Freud defende a importância de novas observações e de eventuais alterações, tanto na teoria quanto na técnica, desde que se mantenham firmes aqueles conceitos considerados fundamentais. Por essa razão, é importante considerarmos que o peso atribuído por Freud à questão do fundamento não pode ser confundido, então, com ortodoxia ou arbitrariedade, mas com determinado posicionamento, posicionamento que vemos evidenciado justamente em seus artigos sobre a técnica.

Desde a introdução de *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996)⁶, a postura de Freud evidencia o fato de que, ainda que tenha se disposto a escrever tais recomendações, prioriza que sua técnica foi desenvolvida dentro de uma experiência enquanto analista que é pessoal, que diz respeito, portanto, à sua individualidade. Essa parece ser uma ressalva importante se considerarmos que ela foi feita para indicar o tom de reserva com que Freud constrói os artigos sobre a técnica. De acordo com o editor da Edição Standard, no decorrer do desenvolvimento da teoria, muitos foram os momentos em que Freud, adiou a redação de tais artigos, chegando a expressar o desejo de que esse 'manual' fosse distribuído a poucas pessoas, apenas aos seus colaboradores mais próximos (FREUD, 1912a/1996, p. 93).

A hesitação diante desse tema pode ser apreendida a partir de trechos em que deixa claro que a experiência analítica de cada um leva a caminhos diversos e, por isso, à tomada de atitudes também diferenciadas em relação ao modo como cada analista trabalha. Esse posicionamento mantém, de certa forma, em suspenso a possibilidade de pensarmos em um rigor técnico, rigor que poderia dar os parâmetros do que cada psicanalista deveria, em tese, seguir na sua prática clínica.

⁶ A citação referente a esta afirmação encontra-se no primeiro capítulo, na página 30 deste trabalho.

Ao contrário, o que vemos é Freud orientar-nos em direção oposta, indicando-nos apenas a exigência de encontrarmos um estilo pessoal e intransferível.

Popularmente, dizemos que quanto maior a liberdade, maior a responsabilidade. Talvez por isso não nos pareça contraditório, lendo tais artigos em que Freud abre as possibilidades de cada analista procurar como modo de ação aquele que melhor lhe cabe, que dois anos depois, ao tratar sobre as dissidências, Freud articule que o que afastou seus colaboradores da psicanálise dizia respeito justamente a alterações na técnica. Assim, impossível não nos questionarmos que alterações seriam essas capazes de fazer com que Freud afirmasse que Adler e Jung não poderiam mais falar a partir do que chama de psicanálise. Somos levados a nos questionar justamente que modificações técnicas foram estas empreendidas pelos dois autores que fizeram com que Freud as situasse como uma transgressão do método da psicanálise que ele associa ao seguinte:

A primeira tarefa com que se defrontou a psicanálise foi a de explicar as neuroses; utilizou a resistência e a transferência como pontos de partida e, levando em consideração a amnésia, explicou os três fatos com as teorias da repressão, das forças sexuais motivadoras da neurose e do inconsciente. A psicanálise jamais pretendeu oferecer uma teoria completa da atividade humana em geral, mas esperava apenas que o que ela oferecia pudesse ser aplicado para suplementar e corrigir o conhecimento adquirido por outros meios (FREUD, 1914a/1996, p. 58).

Assim, Freud utiliza-se de uma definição do que é a psicanálise e de que maneira ela atua para situar a diferença, alcançando o fato de que a teoria de Adler afasta-se de alguns desses pontos por ele enfatizados nesta breve definição. Desse modo, este autor pretende definir todas as manifestações de comportamentos humanos a partir de um posicionamento único, teorizado na forma de um sistema que se utiliza de correlações que podem ser verificáveis diretamente e conscientemente. Tais correlações, no entanto, não levam em conta o fator da atuação da resistência, de modo que se constroem como meras racionalizações que ocultam as motivações inconscientes. Trata-se, aqui, de correlações baseadas em uma única explicação que Adler situa enquanto o complexo da inferioridade, ou seja, não há necessidade de se associar livremente para se chegar à raiz da neurose, porque a própria teoria já concluiu as motivações da mesma. É assim que esta teoria afasta-se de pontos que dizem respeito, portanto, à regra fundamental que baseia o

método da psicanálise, entendido por Freud em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996), como o preceito técnico único que o guia.

Jung, por outro lado, criou, segundo Freud, um novo sistema ético-religioso (1914a/1996, p. 69), sistema que ignora a libido sexual, bem como ignora a história passada, colocando a sua ênfase no conflito presente (FREUD, 1914a/1996, p. 70). À medida que a atenção ao passado é secundária, ou que inexistente, não sobra espaço para pensarmos a atuação da transferência e o papel do analista torna-se, ao contrário daquele pretendido pela psicanálise, exigente no que diz respeito às expectativas morais que vinham embutidas no tratamento (*idem*).

Assim, vemos que as duas dissidências realizaram alterações que diziam respeito à consideração que se dava a dois aspectos avaliados por ele essenciais no manejo da técnica da psicanálise, e que ele evidencia em *A dinâmica da transferência* (1912b/1996), *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996), *Sobre o início do tratamento* (1913/1996), *Recordar, repetir e elaborar* (1914b/1996) e quantos outros trabalhos em que Freud se dedica à exploração daquilo que coloca a psicanálise em movimento: a transferência e a resistência.

Dessa maneira, ainda que Freud nos apresente as regras técnicas a partir de um posicionamento que respeita a individualidade de cada um que se propõe a analisar pacientes, há algo que se mantém, e é a respeito deste ‘algo’ que buscamos tratar nessa discussão. Ao retomarmos as palavras de Freud acerca da individualidade daquele que analisa, somos levados à compreensão de que o ato de psicanalisar – e produzir conhecimento neste campo – está condicionado ao singular de cada um que, a partir da psicanálise, desprende-se de um saber conclusivo. Acreditamos que é a partir de tal sorte de desprendimento que encontraremos este ‘algo’ que procuramos.

É de um saber conclusivo que durante todo o texto *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996) Freud tenta escapar. Essa tentativa se realiza a partir do que ele chama de ‘contrapartida da regra fundamental’ (FREUD, 1912a/1996, p. 129). Assim, da mesma maneira que cabe ao paciente evitar censuras, seleções e críticas, o analista deverá colocar-se em ‘atenção uniformemente suspensa’ (FREUD, 1912a/1996, p. 125), essencial para que se evite o risco de não irmos além do óbvio que se apresenta, conforme pontuamos deste o título deste subcapítulo.

Se retomarmos as elaborações feitas no primeiro capítulo, podemos dizer que o campo da psicanálise abre-se a partir de uma descoberta que só foi possível pelo fato de Freud não se ter restringido ao que se apresentava diretamente no tratamento de suas pacientes. Mas também por ter sido capaz de escutar o que se impunha, ou seja, os fenômenos que a psicanálise passou, então, a explicar, fenômenos sobre os quais nos debruçamos no segundo capítulo e que constituíram, a partir da elaboração teórica que se seguiu a sua descoberta, como campo de pesquisa para a psicanálise.

Dessa forma, quando Freud faz referência a um preceito único, do qual partiria toda a técnica da psicanálise, preocupa-se com o que é preciso para, do lado do analista, manter sua sustentação. Isso que se faz necessário partir do analista diz respeito à possibilidade de ele assumir uma:

[...] posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão. Para melhor formulá-lo: ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente (FREUD, 1912a/1996, p. 129).

E Freud prossegue. Ainda no mesmo artigo, refere-se à capacidade do analista utilizar-se das associações do analisante, tornando-se capaz de reconstruir esse inconsciente a partir das próprias associações que ele nos traz (*idem*). Esta é uma questão que merece que nos detenhamos. Tomemos o termo utilizado por Freud: *reconstruir*. Lembremos agora quando, em um de seus últimos escritos, *Construções em análise* (1937b/1996), Freud refere-se às intervenções do analista, menos no sentido de serem *interpretativas*, e mais a partir da perspectiva de serem *construtivas*, construção que se dariam a partir dos variados fragmentos do inconsciente, via livre associação. Não por acaso, é este um dos escritos em que Freud ressalta a importância da experiência analisante para a prática da psicanálise.

A experiência analisante do paciente, Freud prossegue em suas recomendações, depende da condição que tem o analista de assumir essa posição, a de apresentar ao paciente a contrapartida da associação livre, se estiver livre de suas próprias resistências, uma vez que elas podem ser responsáveis por “[...] uma nova espécie de seleção e deformação que seria muito mais prejudicial que o resultante da concentração da atenção consciente” (*ibidem*). A partir desse

fragmento, e de algumas outras elaborações realizadas anteriormente, podemos inferir que, para Freud, a dificuldade e as resistências do paciente em relação ao determinismo da vida mental são menos prejudiciais à análise do que quando essas resistências encontram-se do lado daquele que pretende atuar a partir da psicanálise, e assim ele conclui:

[...] quem não se tiver dignado a tomar a precaução de ser analisado não só será punido por ser incapaz de aprender um pouco mais em relação a seus pacientes, mas correrá também o perigo mais sério, que pode se tornar perigo também para os outros. Cairá facilmente na tentação de projetar para fora algumas das peculiaridades de sua própria personalidade [...]; levará o método psicanalítico ao descrédito e desencaminhará os inexperientes (FREUD, 1912a/1996, p. 130).

Este trecho indica-nos um posicionamento tal que nos remete à questão de a psicanálise estar atrelada à questão do que é um psicanalista. Lembramos que, ainda no parágrafo anterior à citação, dissemos que, para Freud, um psicanalista deveria tomar as precauções necessárias para livrar-se de suas próprias resistências. Essas precauções diriam, então, respeito ao empreendimento pessoal no processo de análise.

Anos mais tarde, essa mesma reflexão tomou algumas linhas das elaborações realizadas por Freud em *Análise terminável e interminável* (1937a/1996), através do que, a partir da psicanálise, a análise pessoal do analista teria um estatuto de verdade. Essa verdade evidenciar-se-ia pela impossibilidade dele comungar com o que o autor chama de 'impostura e engano' (FREUD, 1937a/1996, p. 265). O amor à verdade estaria, portanto, relacionado ao atravessamento da experiência da análise, experiência à qual o autor atribui a qualidade de interminável. Dessa maneira, o posicionamento anterior, aquele que em 1912 era o de que o analista deveria cuidar em ver-se livre de suas próprias resistências, é retomado, muitos anos mais tarde de uma maneira um tanto menos pretensiosa, já que enfatiza a necessidade de ser a análise pessoal uma experiência que continuamente se impõe ao analista que não pretende corroborar com o descrédito e o desencaminhamento dos pacientes que recorrem à psicanálise (FREUD, 1912a/1996, p. 130).

A experiência pessoal da análise, portanto, indica que o analista foi atravessado pelo que, conforme vimos em *Explicações, aplicações e orientações*

(1933/1996), Freud chama de 'fatores revolucionários' (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 149). Este é mais um texto importante, se nós analisarmos o aspecto de, para Freud, a psicanálise constituir-se, justamente, a partir de um atravessamento, atravessamento que não pode ser considerado da ordem de uma escolha. De tal maneira que, neste artigo, como já dissemos, o autor afirma que a psicanálise não poderia ser manejada pelo analista como um par de óculos, que pode ser utilizado ou não, dependendo do contexto. Assim, podemos nos questionar se haveria a possibilidade de um analista, atuando, por exemplo, no contexto institucional da saúde mental, despojar-se dela pelo fato de ali não representar um local adequado, propício ou aberto à psicanálise. Ou seja, é de nos questionarmos se, uma vez atravessados pela psicanálise, poderíamos adequar-nos ao que esteja delimitado pelo instituído.

As palavras de Freud não parecem abrir brechas para isto. Não se atua, portanto, a partir da psicanálise aqui e não ali. Não se coloca a psicanálise e os fatores revolucionários que ela encarna, portanto, em suspenso. E, se isso não se faz, é porque, simplesmente, não é mais possível:

A psicanálise já encerra em si mesma fatores revolucionários suficientes para garantir que todo aquele que nela se educou jamais tomará em sua vida posterior o partido da reação e da repressão (FREUD, (1933[1932], p, 149).

É preciso compreender, também a partir do texto freudiano, que, ao referir-se a esses fatores, Freud não sugere uma revolução da ordem social, tal qual a suspensão das regras e do controle na educação. Ao contrário, esse atravessamento sobre o qual viemos falando nas últimas linhas é tão pessoal que prescinde de tais alterações, não no sentido de que passamos a nos conformar com os fatores repressivos da sociedade, mas no sentido de que passamos, em nossas vidas, a agir a partir de um lugar em que tais fatores são muito menos vorazes e, por isso, nos atingem em menor proporção. Isso porque a psicanálise, ao se impor, impede a própria ação em favor do recalque. Devemos considerar que esta ação, Freud acredita ser ela o ponto comum que rege o comportamento de toda a sociedade, conforme aponta em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910c/1996):

[...] assinalamos-lhe que ela própria desempenha papel importante em causar neuroses. [...] a sociedade não pode responder com simpatia a uma implacável exposição dos seus efeitos danosos e deficientes. Porque destruímos ilusões, somos acusados de comprometer ideais (FREUD, 1910c/1996, P. 153).

Tais reflexões, que sugerem a ênfase atribuída por Freud à formação do analista como um dos fatores fundamentais à garantia da psicanálise, nos permitem apreender que se de um lado Freud preconiza a preservação dos fundamentos, e, de outro, sustenta a abertura a novas descobertas e modificações – no sentido da ampliação do campo –, depreendemos de seu texto que a conexão entre estas duas orientações passa pelo que constitui a posição do analista.

4.2 A POSIÇÃO DO ANALISTA: UM TRABALHO SEM ATROPELOS QUE OPERA NAS PROFUNDEZAS

Para demarcar a baliza que guiará a elaboração deste subcapítulo, recorreremos às palavras com que Freud conclui *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996):

Para concluir, quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas (FREUD, 1914a/1996, p. 73).

A demarcação freudiana que se refere à posição do analista pode ser apreendida a partir de diferentes vieses. É importante salientar que este é um ponto que, a despeito de planejamentos mais evidentes, vimos evidenciar-se na construção de toda esta dissertação. É como se, enquanto buscávamos, sem saber ao certo onde, aquilo que é fundamental à psicanálise, a posição do analista tenha sido a resposta que, imitando um processo analítico, simplesmente deu-se a nós através de um árduo trabalho. Assim, nosso ponto de partida foi uma pergunta e traçamos os objetivos necessários para podermos tecer nossas reflexões a respeito dela, processo comum a toda pesquisa. E, à medida que se desenhava o trabalho, percebemos que desde muito cedo já se evidenciava o ponto sobre o qual nos

detemos neste momento, ou seja, o argumento necessário pra pensarmos a psicanálise em sua inserção nos vários campos.

Um dos aspectos que ficaram evidentes na discussão empreendida no subcapítulo anterior, a partir das elaborações permitidas especialmente pela leitura dos artigos sobre a técnica, sem dúvida foi o aspecto do lugar do analista neste processo, lugar que se delinea, conforme Freud torna evidente, a partir da experiência analisante de cada um.

Dentre os dialetos do inconsciente, evidencia-se a dinâmica transferencial como o aspecto que define a entrada de um paciente na experiência analítica. Assim, dentre os procedimentos técnicos que Freud evidencia nos artigos sobre a técnica da psicanálise, o manejo da transferência é um que ganha destaque, desde o título, em dois deles: *A dinâmica da transferência* (1912b/1996) e *Observações sobre o amor transferencial* (1915b[1914]/1996). Se o aspecto que Freud evidencia no que diz respeito à transferência reside no manejo da mesma, à medida que nos debruçamos sobre esses textos, a posição do analista evidencia-se como parte primordial deste processo. Assim, se retomarmos o objetivo desta dissertação, que é o de delinear aquilo que à psicanálise adquire estatuto de fundamento, uma das maneiras possíveis, em Freud, é pensar a posição do analista a partir do manejo do fenômeno transferencial.

Este é um fenômeno ao qual Freud dedica-se na maioria destes textos trabalhados até o momento. Assim, em *A dinâmica da transferência* (1912b/1996), *Sobre o início do tratamento* (1913a/1996) e também em *Recordar, repetir e elaborar* (1914b/1996), Freud irá, justamente, tratar a transferência enquanto fator *sine qua non* ao tratamento analítico, conforme evidenciamos a partir dos trechos abaixo:

Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com ideias libidinais antecipadas; [...] Assim, é perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, [...] dirija-se também para a figura do médico (FREUD, 1912b/1996, p. 112).

E, neste mesmo texto, completa:

[...] permanece sendo um enigma a razão por que, na análise, a transferência surge como resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto que, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso (*idem*)

Em *Sobre o início do tratamento* (1913a/1996), o autor assevera:

[...] tudo o que é relacionado com a situação atual representa uma transferência para o médico, que se mostra apropriada para servir como primeira resistência. Somos assim obrigados a começar por descobrir esta transferência; e um caminho que dela parte fornecerá rápido acesso ao material patogênico (FREUD, 1913a/1996, p. 153).

E em seguida continua asseverando acerca do papel da resistência que a transferência poderá assumir:

[...] nossa primeira comunicação deve ser retida até que uma forte transferência se tenha estabelecido. E isto, podemos acrescentar, vale para todas as comunicações subsequentes. Em cada caso temos que esperar até que a perturbação da transferência pelo aparente sucesso de resistências transferenciais tenha sido removida (FREUD, 1913a/1996, p. 158).

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914b/1996), Freud apregoa:

O que nos interessa, acima de tudo, é naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência. Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual (FREUD, 1914b/1996, p. 166).

Assim, a transferência atua enquanto aquilo que possibilita um paciente ligar-se à figura do analista e esse fenômeno relaciona-se a determinada parcela de libido que o paciente não dirige para a realidade, mas para figuras arcaicas vivenciadas dentro da relação analítica. Por outro lado, a partir dos trechos destacados acima, é possível apreendermos que a transferência não apenas coloca em funcionamento um processo analítico, mas pode também ser a responsável pelo seu insucesso.

Dedicamos este subcapítulo para pensarmos sobre a questão transferencial à medida que ela relaciona-se à dimensão da posição do analista. Assim, enquanto ela atua possibilitando a uma psicanálise existir, nós devemos pensar a posição do analista em relação também (e talvez especialmente) às dificuldades que esse fenômeno pode oferecer neste processo. Essas dificuldades aparecem mesmo se a face com que se mostra a transferência seja aquela de facilitar o processo. Ora, em *Sobre o início do tratamento* (1913a/1996), Freud afirma que “[...] com bastante

freqüência, a transferência é capaz de remover os sintomas por si mesma” (FREUD, 1913a/1996, p. 157). Tal capacidade, que Freud relaciona aos poderes da sugestão, é apontada em *A dinâmica da transferência* (1912c/1996), como um ‘estado de servidão mental’ (FREUD, 1912c/1996, p. 113).

Direcionemos a nossa atenção ao termo utilizado por Freud. Ele refere-se à servidão e, por isso, evidencia uma posição de subjugação que pode acontecer entre aquele que analisa e aquele que é analisado. Assim, se o autor apregoa que a transferência pode por si mesma eliminar quase que instantaneamente os sintomas, ele retoma o poder de sugestão da capacidade que o paciente tem de estabelecer uma relação transferencial que, em *A dinâmica da transferência* (1912c/1996), Freud chama de positiva. Se retomarmos esse aspecto da capacidade sugestiva da transferência inerente a este fenômeno, nós podemos, portanto, caminhar novamente pelos terrenos que fundaram a divisão entre o que convencionamos chamar de pré-psicanálise e a psicanálise propriamente dita.

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914b/1996), Freud pontua que não devemos esquecer que devemos ter, para com a velha técnica, certa gratidão. E se essa gratidão se faz necessária, é porque a técnica hipnótica permitiu o acesso a determinados conteúdos e à formulação dos processos psíquicos que a psicanálise descobriu (FREUD, 1914b/1996, p. 163), ao que completa: “somente isto poder-nos-ia ter dado a coragem para criar situações mais complicadas no tratamento analítico e mantê-las claras diante de nós” (*idem*). Assim, o que Freud apregoa neste texto, é que a hipnose proporcionou a descoberta do inconsciente e seu determinismo na vida mental do sujeito, de tal maneira que apenas uma evidência deste tipo poderia ter sido capaz de fazer com que o autor fosse levado adiante neste intento que foi o de traçar as primeiras linhas que o levaram ao desenvolvimento da psicanálise.

Dessa forma, ainda que evidenciemos a importância do poder sugestivo que pode assumir o fenômeno transferencial, devemos concentrar nossa atenção na maneira como pode ser mal manejado esse estado que, de tão vulnerável, Freud chama de servidão. Estamos diante do valor que assume a posição do analista diante dela. A questão da servidão é evidenciada por Freud também em outro texto, *Linhas de progresso da terapia psicanalítica* (1919b[1918]), em que se refere justamente ao que para muitos pode ser mesmo uma tentação: a de transformar o paciente a partir de seus próprios ideais. E pontua:

Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe os nossos próprios ideais, e, com o orgulho de um Criador, a formá-lo à nossa própria imagem e semelhança e verificar que isso é bom (FREUD, 1919b[1918], p. 178).

Atuar a partir dos próprios ideais é o tipo de posição que Freud vê como contrária ao exercício da psicanálise. Quando nos propusemos a buscar os elementos que seriam inegociáveis à psicanálise, à medida que essa dissertação foi construída, deparamo-nos justamente com a questão que situa o analista enquanto aquele que não baliza sua escuta e sua práxis a partir dos ideais. Foi dessa maneira que, durante a elaboração dos capítulos anteriores, foi possível correlacionar os conceitos que Freud apregoa serem fundamentais à psicanálise a partir da posição do analista enquanto alguém capaz de abri mão disso que é ilusório, mas que, ainda assim, exaure muitos na tentativa de atingi-lo. Como destacamos nos capítulos anteriores, essa atuação não é incomum e foi base para o tratamento catártico em um momento pré-psicanalítico. O papel da transferência, Freud apregoa, é reconhecido desde tempos remotos, conforme observa em *Tratamento psíquico ou anímico* (1905b/1996), em que se compreende o papel ativo da expectativa do paciente como capaz de influenciar a cura, bem como a influência terapêutica exercida pela figura do médico, o que nos ajuda a vislumbrar porque, neste texto, Freud refere-se ao método que desenvolve a partir da sugestão como a ‘magia das palavras’:

O poder da sugestão confronta-se aqui com a força que criou e que mantém os fenômenos patológicos, e a experiência mostra que esta é de uma ordem de grandeza muito diferente da que caracteriza a influência hipnótica (FREUD, 1905b/1996, p. 287).

Freud considera ainda que elas, as palavras, passam a ser mediadoras na influência que um homem exerce sobre outro homem e, por isso, podem provocar as mudanças nos sintomas. Ainda assim, essa influência encerra em si uma incerteza, pois o que pode eliminar determinadas condições patológicas em um caso, pode ser infrutífero em uma situação diversa e essa questão diz respeito ao “[...] caráter autocrático das personalidades psiquicamente tão diversas que estorva a regularidade dos resultados terapêuticos” (FREUD, 1905b/1996, p. 279).

Em *Sobre a psicoterapia* (1905b/1996), Freud afirma que a disposição mental do paciente exerce influência no resultado dos procedimentos terapêuticos, demonstrando os efeitos da sugestão. As falhas apresentadas pelo método hipnótico permitiram que Freud compreendesse, conforme reitera em *O método psicanalítico de Freud* (1904[1903]/1996), que os sintomas neuróticos originam-se de uma extensa série de impressões traumáticas que passam a ser revisitadas na situação analítica através, de novo ela, da transferência. Nesta dissertação, destacamos que a percepção da existência do fenômeno transferencial, ainda que não conceituado de forma definitiva, fez com que Freud realizasse “[...] mudanças de técnica; estas, porém, levaram a novos resultados e, em seguida, exigiram uma concepção diferente do trabalho terapêutico [...]” (FREUD, 1904[1903]/1996, p. 236).

O abandono da hipnose deixou vago o acesso que esta possibilitava à ampliação da consciência, dando lugar à livre associação. Contudo, as associações apresentam lacunas que seriam da mesma ordem da força mental que conduziu ao recalçamento, o que faz emergir o papel da resistência como ponto fundamental da teoria (FREUD, 1904[1903]/1996, p. 238). Esta compreensão permite a Freud situar a diferença entre a psicanálise e a sugestão através da alegoria que Leonardo Da Vinci faz entre a pintura e a escultura. Assim, Freud afirma que o método da psicanálise, como a escultura, atua *per via de levare*, ao passo que a sugestão, tal qual a pintura, funciona *per via de porre*.

No artigo *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910c/1996), Freud, uma vez mais, debruça-se sobre a poderosa ação exercida pela transferência, enquanto aspecto peculiar dos relacionamentos neuróticos. A existência de um aspecto arcaico da vida do paciente em constante atuação durante o tratamento analítico permite pensar sobre a importância de serem considerados os sentimentos inconscientes do médico enquanto capazes de exercer alguma influência sobre o tratamento, de tal modo que:

[...] nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. (FREUD, 1910c/1996, p. 150)

E ainda que:

[...] o tratamento exige tanto do médico como do paciente: o primeiro necessita de uma formação especial e deve dedicar longo período de tempo à exploração de mente do paciente, ao passo que o segundo deve fazer consideráveis sacrifícios, tanto materiais quanto mentais (FREUD, 1926/1996, p. 254).

Retomando outro trecho que faz alusão a estas considerações, adotemos como objeto de reflexão também uma citação extraída de *Sobre o início do tratamento* (1913a/1996):

[...] mesmo um homem que é muito bem capaz de realizar uma análise em outras pessoas pode comportar-se como qualquer outro mortal e ser capaz de produzir as mais intensas resistências, assim que ele próprio torna-se objeto de investigação analítica. Quando isto acontece, somos mais uma vez lembrados da dimensão da profundidade da mente e não nos surpreende descobrir que a neurose tem suas raízes em estratos psíquicos nos quais o conhecimento intelectual da análise não penetrou (FREUD, 1913a/1996, p. 142).

Esse lugar, representado pela figura do analista, é evidenciado por Freud também em *O interesse científico da psicanálise* (1913b/1996), mais um texto que confirma o posicionamento defendido até aqui de que, a partir da psicanálise, compreendeu-se que um dos caminhos para o tratamento da neurose relaciona-se à influência do analista. Este analista, imbuído da verdade que a análise abarca e atravessado pelo sentido que toma em sua vida o determinismo inconsciente, é aquele capaz de traduzir “[...] um método estranho da expressão para outro que nos é familiar” (FREUD, 1913b/1996, p. 179). Essa é uma citação importante porque a marca que ela nos traz diz respeito a uma função: a função do praticante, função que se evidencia na tradução de uma linguagem que “[...] fala mais que um dialeto” (FREUD, 1913b, p.180).

A diversidade dos dialetos através dos quais se manifesta nosso inconsciente é evidenciada por Freud em sua obra⁷. A defesa implacável dos fundamentos da psicanálise por Freud, a partir de dois dos elementos metapsicológicos, o recalque e o determinismo inconsciente, tentamos evidenciar no segundo capítulo desta dissertação. Neste capítulo, buscamos articular as indicações que revelam a forma não arbitrária com que Freud lida com a técnica da psicanálise, evidenciando, assim,

⁷ Quando realiza a interpretação dos sonhos, dos chistes e dos atos-falhos, por exemplo.

que não se trata de impor regras, mas que, ao contrário, a variabilidade seria própria ao fazer psicanalítico. Essa variabilidade teria a ver, justamente, com a trajetória analítica de cada um que, a partir da psicanálise, estabelece, primeiramente com ela, uma relação transferencial. Desse modo, do lugar daquele que se implica em um processo de análise pessoal, essa relação estaria pautada em uma curiosidade primordial acerca de um saber que, indicamos na fala de Freud, desde o primeiro capítulo, ser da ordem do amor à verdade.

A metapsicologia de Freud traduziria, assim, não estritamente um rigor teórico, mas uma orientação para a sustentação de um campo, orientação referenciada pela análise pessoal. Traduziria o esforço de Freud em transmitir, desde seu caso mesmo, o que fundamenta a experiência analítica e traduziria também o esforço daquele que psicanalisa hoje de não fazer, como Freud apregoa, a psicanálise cair em descrédito. Portanto, quando falamos em *fundamento* damos o sentido mesmo do que funda um campo. É, então, por seu valor de transmissão que Lacan acrescenta em relação à metapsicologia freudiana:

Esta se encontra no centro de nosso trabalho, quaisquer que sejam as dificuldades das quais teremos, talvez, de tomar consciência, e é ela que mantém coeso todo esse mundo que a comunidade analítica representa, dispersão – que frequentemente dá a impressão de espalhamento – de uma intuição fundamental que é, por cada um, retomada sob um de seus aspectos (LACAN, 1960[1959]/1988, p. 51).

Por isso, o que Freud reitera tratar-se de descobertas, e não de premissas, em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), advém da exploração do campo do inconsciente, tornada possível apenas por meio do dispositivo analítico que se impôs, primeiramente, a ele mesmo. Daí ele afirmar que o psicanalista é aquele que “se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental” (FREUD, 1910b/1996, p. 36), conforme nós já ratificamos em outras passagens de nosso trabalho. Novamente, temos aqui a indicação de uma convicção que, seguidamente em sua obra, Freud assenta na experiência da análise.

A ideia de uma convicção, e a correlata referência a um compromisso com a verdade, não são diretamente reportáveis ao ideal de ciência que também move Freud. Não por acaso, o preceito único que vimos dever orientar o analista implica certa suspensão do saber, determina para o analista uma relação não ordinária ao

saber. Esta suspensão seria marcada pela opacidade daquele que escuta: “O médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado” (FREUD, 1912a/1996, p. 131), Freud conclui em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*.

Esta é uma citação que nos permitirá começarmos o próximo e último tópico de discussão desta dissertação. Dando continuidade ao debate aqui empreendido acerca da posição do analista, tentaremos adiante refletir sobre as possibilidades que se apresentam aos psicanalistas que atuam, dentro do campo clínico, em contextos cuja demanda não tem nada a ver com a opacidade recomendada por Freud, tendo, ao contrário, mais relação com aquela postura de tratar o outro a partir dos próprios ideais.

4.3 AS APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE ENTRARAM EM CENA E REQUERERAM DEBATE

Em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]), Freud, através das palavras que emprestamos para o título deste subcapítulo, nos apresenta um posicionamento de acordo com o qual, antes de aceitarmos ou negarmos cegamente determinada proposição, precisamos refletir sobre ela; dar, assim, o espaço para que ela demonstre ou não se poderá manter-se ao longo do tempo. Vimos, em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), Freud afirmar ter tomado a dianteira na realização disto que chamou de as primeiras aplicações da psicanálise. Assim, o autor não recuou diante do que entrou em cena e que permanece até hoje no campo da psicanálise de forma premente, quando pensamos no número de psicanalistas inseridos em diversos contextos institucionais.

À medida que construímos este capítulo e os anteriores, empreendemo-nos em uma tentativa: a de demonstrar que a orientação de Freud com respeito ao que é fundamento na psicanálise. No entanto, neste trabalho, o objetivo proposto apresentou-se a partir de um caminho cujo trajeto tentamos evidenciar nos dois primeiros tópicos deste capítulo. Resta-nos agora questionarmos se, uma vez que Freud sugere que a psicanálise amplie seu campo, e que ele mesmo realiza as

chamadas aplicações, a defesa e o cuidado com isso que ele considera em sua obra como fundamental se mantêm.

Para este fim, o caminho realizado foi o da leitura e o da reflexão em torno de textos em que Freud discute a aplicação da psicanálise ao campo da clínica. Entre os que serviram de apoio principal para a argumentação que se segue, tomaram destaque em nossas elaborações os seguintes: *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919b[1918]/1996), *Prefácio ao relatório sobre a policlínica psicanalítica de Berlim* (1923c/1996), *Resistências à psicanálise* (1925[1924]/1996) e *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996). Para alinhar a reflexão possibilitada por essa leitura, tornamos a buscar apoio em um texto muito enfatizado no decorrer desta dissertação: *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996). Ainda, à medida que vieram ao encontro de nossa discussão, recorreremos, para a elaboração das páginas seguintes, também a outros artigos da obra freudiana.

Conforme reiteramos anteriormente, predominantemente vemos o próprio Freud se ocupando das aplicações da psicanálise, interessado na ampliação e no aprofundamento deste campo, ponto que defende em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996). Neste mesmo texto, ele nos apresenta como partiu dele a iniciativa de introduzir a psicanálise em diversos outros terrenos, sustentando que “as aplicações da psicanálise são, também, sempre confirmações dela” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 146). Essa frase, retirada de *Explicações, aplicações e orientações* nos diz muito do que consideramos viável diante de nosso questionamento sobre as possibilidades e as impossibilidades de vermos a psicanálise inserida dentro do contexto institucional no campo da clínica. É como se os variados contextos nos quais se inserem os psicanalistas, apresentassem-se a eles como campo de investigação acerca do que a metapsicologia freudiana nos propõe e sobre o que discorreremos no segundo capítulo.

Diante das aplicações da psicanálise, Freud posiciona-se enquanto alguém que acredita que são elas justamente as possibilitadoras da ampliação que ele prevê para o campo psicanalítico, justamente por apresentarem-se enquanto local em que as investigações acerca dos conceitos fundamentais podem enriquecer o desenvolvimento da teoria psicanalítica. O autor nos apresenta, assim, uma expectativa das mais favoráveis: “Afora isso, tudo está ainda aguardando trabalhadores, que podem esperar uma colheita particularmente rica neste campo” (FREUD, 1914a/1996, p. 45). Neste mesmo texto, simultaneamente a esse

otimismo, acercamo-nos também de uma compreensão de Freud a partir da qual fica evidente que ele acredita que, uma vez a psicanálise saindo do contexto clínico no qual teve suas origens, ampliará não apenas a pesquisa e a aplicação dela, mas essa extensão ampliará também as resistências.

Desse modo, Freud alerta que é provável que, diante da capacidade de extensão da psicanálise para além do tratamento das neuroses, as resistências que a ela vão se impor serão grandes (FREUD, 1914a/1996, p. 44). Sobre tais resistências, é novamente em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996) que Freud as toma como um objeto que também pode servir como confirmação de alguns elementos da teoria psicanalítica. Assim, a compreensão da própria rejeição à psicanálise configura-se como uma primeira aplicação dela, como vemos confirmado neste trecho: “uma das primeiras aplicações da psicanálise consistiu em nos ensinar a compreender a oposição que nossos contemporâneos nos movem pelo fato de exercermos a psicanálise” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 143).

De tal modo, na tentativa de compreender o porquê das inflamadas reações que se interpunham em relação à psicanálise, Freud lançou mão de conceitos próprios a ela. Compreendeu por que era tão ferrenha a resistência à psicanálise, entendendo-a como a própria resistência ao inconsciente. Um aspecto importante desta interpretação freudiana do conceito de resistência em consonância à resistência que se fez às aplicações da psicanálise para outras áreas de atuação, é que ela não se limita apenas àqueles que sempre ofereceram o papel de oposição. Ao contrário, ela pode igualmente incidir junto aqueles que falam em seu nome, questão crucial quando nos interrogamos sobre a questão das aplicações da psicanálise. Dessa forma, muitas das resistências que se colocam diante das aplicações tornam-se evidentes, conforme pontua Freud em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), dentro de seu próprio campo de origem.

Para pensar tais resistências, estas que se impõem dentro do campo da psicanálise fazendo frente às possibilidades de interlocução com outros campos de atuação, inclusive o da prática clínica no contexto público, Freud parte de um saber advindo da clínica psicanalítica e que tomaremos como ponto de apoio.

Disse-lhes que a psicanálise começou como um método de tratamento, mas não quis recomendá-lo ao interesse dos senhores como método de tratamento e sim por causa das verdades que ela

contém, por causa das informações que nos dá a respeito daquilo que mais interessa aos seres humanos – sua própria natureza – e por causa das conexões que ela desvenda com as mais diversas atividades. Como método de tratamento, é um método entre muitos, embora seja, para dizer a verdade, *primus inter pares*. Se não tivesse valor terapêutico, não teria sido descoberto, como o foi, em relação a pessoas doentes, e não teria continuado desenvolvendo-se por mais de trinta anos (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 154).

É possível concluir, a partir desta citação, que a investigação da neurose culmina em um método de tratamento, e que, à medida que a psicanálise desenvolve-se em seu campo de atuação, é justamente o valor para o âmbito terapêutico que ela evidencia. No entanto, Freud declara que o alcance das verdades a que ela chega ultrapassa este âmbito.

Assim, se a psicanálise nasce a partir de um método de investigação que culmina em método de tratamento, como afirma o autor, nada impede que uma das aplicações que vemos ser possível à psicanálise, justamente pelo fato de ela ter sido a primeira comprovação das hipóteses levantadas por Freud, seja justamente a terapêutica. A aplicação à terapêutica poderia figurar, portanto, como uma das aplicações a que o autor se reporta:

Nosso primeiro objetivo, naturalmente, foi o de compreender os distúrbios da mente humana [...] Depois, no entanto, percebemos as estreitas relações, a própria identidade interna entre processos patológicos e aquilo que se conhece como processos normais. A psicanálise tornou-se psicologia profunda; e uma vez que nada daquilo que o homem cria ou faz é compreensível sem a cooperação da psicologia, as aplicações da psicanálise a numerosas áreas do conhecimento [...] entraram em cena e requereram debate (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 145).

A ideia de que a própria terapêutica já se configuraria, para Freud, como uma aplicação da psicanálise, confirma-se em discussões nas quais ele se propõe a dizer “algumas palavras a respeito da psicanálise como forma de terapia” (FREUD, 1933[1932]/1990, p.185) ou a debater “a aplicação da análise ao tratamento de pacientes” (FREUD, 1926a[1925]/1990, p.288). Assim, neste momento da dissertação, nosso objetivo volta-se para o exame das considerações do autor nos momentos de sua obra em que se detém sobre as possibilidades de aplicação da psicanálise neste terreno, tomando-o como um terreno também estendido por relação à descoberta do inconsciente.

Nossa atenção, neste trabalho, volta-se ao debate de Freud relativo à extensão da terapêutica psicanalítica a contextos públicos e em larga escala, para os quais ele especifica as condições em *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919b[1918]/1996):

No entanto, qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa (FREUD, 1919b[1918]/1996, p. 181).

Ao afirmar que os principais ingredientes para as aplicações da psicanálise devem ser obtidos no que chama de psicanálise estrita, encontramos a mesma orientação a que vimos o autor chegar quando se pergunta sobre a possibilidade do praticante aceder aos fundamentos deste campo e preservá-los. Isto é, aqui também Freud assenta a efetividade da psicanálise em uma ordem de convicção que é indissociável da experiência analítica.

Neste sentido, retomamos o momento de *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910c/1996) em que Freud observa que não podemos ir além, na compreensão da análise, do que nos permite nossa própria resistência, o que justifica, assim, a necessidade de ser o analista alguém que empreende a própria análise com cuidado e continuamente, para melhor exercer sua função (FREUD, 1910c, p. 150).

Às observações acima, associamos a afirmação de Freud de que a psicanálise nasceu a partir de um método de pesquisa que culminou em um método de tratamento cujos alicerces revelam estruturar-se na própria pesquisa (FREUD, 1913b[1911]/1996, p. 225). Desse modo, podemos entender que tomar as aplicações da psicanálise como campo de pesquisa é homólogo ao que funda a experiência analítica em seu sentido estrito. Ou seja, a psicanálise no sentido estrito relaciona-se a uma experiência clínica que é anterior e que possibilita, em um contexto institucional e público, vermos confirmados aqueles conceitos referenciados aqui como sendo inegociáveis à psicanálise. Assim, a psicanálise estrita nasceu, pelas mãos de Freud, em uma tentativa de desenvolver um método de descoberta sobre a neurose.

A partir dessa discussão, podemos depreender que as possibilidades que se apresentam à psicanálise aplicada relacionam-se sim com os fundamentos

psicanalíticos. Conseqüentemente, partiria da própria experiência, somente através da qual aqueles se fariam acessíveis. Trata-se da dimensão da descoberta, a qual vimos o autor frisar ser a que se referem os fundamentos na psicanálise. Ou seja, os fundamentos da psicanálise são incidência da pesquisa, somente na qual o próprio estatuto de fundamento poderia ser verificado. Para pensarmos acerca deste posicionamento, destacamos um trecho de *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/1996) em que Freud faz considerações acerca da verdadeira psicanálise:

Na prática, é verdade, nada se pode dizer contra um psicoterapeuta que combine uma certa quantidade de análise com alguma influência sugestiva, a fim de chegar a um resultado perceptível em tempo mais curto – tal como é necessário, por exemplo, nas instituições. Mas é lícito insistir em que ele próprio não se ache em dúvida quanto ao que está fazendo e saiba que seu método não é o da verdadeira psicanálise (FREUD, 1912a/1996, p. 131).

Busquemos dirigir a atenção para uma segunda e conhecida citação, retirada de *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919b[1918]/1996), que parece fazer oposição à primeira: “É muito provável, também, que a aplicação em larga escala da nossa terapia nos force a fundir o ouro puro da psicanálise com o cobre da sugestão direta” (FREUD, 1919b[1918]/1996, p. 181). Impossível não nos questionarmos se os dois trechos referem-se a posicionamentos opostos. Nossa visão é que não.

Quando Freud apregoa que aquele que se utiliza de partes da técnica da análise e de partes da sugestão não pode enganar-se quanto a estar praticando a verdadeira psicanálise, e, anos mais tarde, refere-se à junção entre o ouro da análise e o cobre da sugestão, não está sugerindo uma diluição da psicanálise. Parece-nos evidente que o que Freud anuncia enquanto a verdadeira psicanálise não tem a ver com a técnica que utiliza, mas com o analista achar-se ou não achar-se praticando a verdadeira psicanálise. Assim, talvez o que Freud, mais uma vez esteja sugerindo, é que o analista dentro das instituições vai enfrentar limitações severas que dizem respeito à técnica da psicanálise, mas que se estiver atravessado pela psicanálise, a partir de sua própria experiência analisante, como evidenciamos anteriormente, não estará enganado em relação ao que verdadeiramente faz. Retomamos, dessa forma, aquela questão que vimos discutindo, desde o primeiro capítulo, exposta por Freud em *Análise terminável e*

interminável (1937/1996), de que o psicanalista não tolera impostura ou engano. Talvez uma impostura seja justamente a de, em sua prática institucional, impor uma tentativa torta de uma psicanálise.

Assim, parece-nos que a atuação do psicanalista no contexto institucional deve partir do posicionamento de que a psicanálise aplicada, inclusive no que concerne à terapêutica, configura-se como um campo de pesquisa ao qual outro é imprescindível: o da experiência analítica estrita, conforme aponta Freud na citação em que ele reconhece o risco de a psicanálise assumir um lugar tendencioso. E se nos questionarmos, mais uma vez, sobre qual seria a natureza dessa tendência, só podemos imaginar que seja a tendência que preconiza a sugestão e a cura a partir de ideais. Portanto, só a partir do que, nos subcapítulos anteriores, convencionou-se chamar de atravessamento pela própria experiência analítica, poderíamos falar de alguma garantia quanto aos fundamentos. Assim, é a partir destes fundamentos que devemos retomar a discussão acerca da psicanálise aplicada, se seguirmos os ensinamentos de Freud em busca de ‘uma psicanálise estrita e não tendenciosa’ (FREUD, 1919b[1918], p. 181).

Cabe questionar qual é o papel que Freud atribui ao valor terapêutico da psicanálise quando faz essa distinção entre ‘estrito’ e ‘tendencioso’. Este valor é referenciado por Freud no *Prefácio ao relatório sobre a policlínica psicanalítica de Berlim* (1923b/1996), delineando este campo enquanto “[...] capaz de fornecer ajuda àqueles que sofrem em sua luta para atender às exigências da civilização [...]” (FREUD, 1923b/1996, p. 319). Essa clínica, inaugurada com vistas a atender psiquicamente a população pobre, teria também o objetivo de formar analistas e, com isso, proteger a psicanálise “[...] contra o dano causado por pessoas ignorantes e não qualificadas [...]” (*idem*). Dessa maneira, Freud evidencia que a aplicação da psicanálise à terapêutica, mesmo em contextos públicos, não deve se afastar do posicionamento defendido por nós no que concerne à formação do psicanalista.

Se, neste prefácio, Freud evidencia o objetivo terapêutico da psicanálise, o mesmo volta a figurar em *Resistências à psicanálise* (1925[1924]/1996), texto em que o autor pontua, dentre as atribuições dela, aquela de nos possibilitar o acesso a uma visão menos restrita de nossa vida mental. Ao pensarmos na ampliação de uma visão, mais uma vez somos levados a concluir que, para Freud, a psicanálise, além de um método terapêutico, carrega consigo predicados que lhe conferem as condições para servir como método de pesquisa e instrumento auxiliar no trabalho a

outras áreas de conhecimento. Essa ampliação, em que as outras áreas e os fenômenos que são a elas inerentes servem como campo de pesquisa, enfrentaria, de acordo com o que Freud pontua em *A história do movimento psicanalítico* (1914a/1996), e em *Resistências à psicanálise* (1925[1924]/1996), duras oposições, que partiriam tanto daqueles profissionais referenciados nas diferentes áreas nas quais se inseriria a psicanálise quanto dos próprios psicanalistas.

De acordo com o que Freud (1925[1924]/1996) pontua, as oposições que se configuraram a partir daqueles que transitam fora do campo de origem da psicanálise teriam relação com o medo causado pelo desconhecido, pela verdade que a psicanálise encerra e, por isso, pelo temor que a sociedade expressa sempre quando vê ameaçada algumas das suas construções sociais caras. Freud afirma que tais realizações humanas, quase sempre amparadas por um rígido ideal de moralidade, representam, para alguns, um peso psíquico maior do que os recursos subjetivos disponíveis, e daí decorreria o sofrimento neurótico. Dessa forma, o peso de tais restrições, e não as restrições em si, que acabam sendo o objetivo de atuação da psicanálise aplicada à terapêutica a partir do que pontua Freud em *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919b[1918]/1996). Este objetivo seria, então, o de possibilitar ao paciente conhecimento acerca de seu inconsciente e das pulsões recalçadas a partir da revelação das resistências.

Qualquer analista que, talvez pela grandeza de seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber do outro, comete o mesmo erro econômico de que são culpadas as nossas instituições não-analíticas para pacientes nervosos (FREUD, 1919b[1918]/1996, p. 177).

A partir desse posicionamento, fica explícita a recusa de Freud no que diz respeito a se tomar a psicanálise enquanto filosofia ou visão de mundo, resultado que se poderia esperar de uma doutrina ou de um sistema ético-religioso, em que chegar o mais próximo possível do ideal do mestre torna-se um objetivo a ser alcançado. Essa é uma posição que a psicanálise jamais pretendeu assumir.

Concluimos, finalmente, este capítulo, acreditando termos cumprido aquilo que nos propusemos. Compreendemos a importância dos capítulos anteriores enquanto fundamentais para essa pesquisa ter sido conduzida até aqui. Apresentamos as motivações que tornaram possíveis os questionamentos com os

quais nos deparamos nesta dissertação desde o seu princípio, motivações estas que diziam respeito, essencialmente, à própria experiência profissional dentro de uma instituição de saúde mental. A partir dessa síntese, pudemos estabelecer como objetivo deste capítulo a demonstração de que, no que se referem às ampliações e às aplicações da psicanálise, os conceitos indicados anteriormente por nós como fundamentais, para Freud, encontram-se em estrita relação com a posição que toma o analista em sua prática a partir de um atravessamento pela psicanálise que só pode se efetivar em sua análise pessoal.

Se situamos, na obra freudiana, o cuidado que o autor teve em ressaltar a importância da formação do analista é porque verificamos a estrita relação que a análise pessoal tem com os fundamentos. Compreendemos, assim, que com relação ao questionamento do qual partimos, em referência àquilo que seria inegociável à psicanálise, o caminho apontado por Freud vai além do que ele pontua como descobertas que a psicanálise fez, ou seja, dos chamados conceitos metapsicológicos.

Não se trata, logicamente, de destituir tais conceitos de importância. Ao contrário, aprendemos a partir de toda a discussão empreendida no decorrer destas páginas, a ênfase de Freud quando os situa em importância no desenvolvimento do campo da psicanálise. Não é à toa, afinal, que Freud utiliza-se de alegorias de linguagem que demonstram o peso que tais conceitos adquirem na estruturação da teoria e na técnica psicanalítica.

No entanto, nossas reflexões desde o primeiro capítulo apontaram para uma direção que tomou conta deste trabalho sem que nos déssemos imediatamente conta disso. Tomar os conceitos ditos fundamentais apenas pelo fato de terem estado presentes desde a fundação dos alicerces do desenvolvimento deste campo retira deles o valor de transmissão que adquiriram para Freud no que diz respeito à experiência analítica, esta pela qual ele foi o pioneiro tanto na posição de analista quanto na posição de analisante. Ousamos dizer, então, que a própria experiência freudiana em relação ao recalque e, especialmente, ao determinismo do inconsciente, este concebido enquanto fundador daquele, é que possibilitaram que a psicanálise se tornasse um campo de conhecimento distinto de qualquer outro.

Desse modo, se foi a experiência analítica de Freud a possibilitadora da abertura do campo do inconsciente, a manutenção deste campo reside na experiência analítica daquele que não pode fazer uma escolha que não pela

psicanálise no que diz respeito ao atendimento e tratamento dos que se inserem em contextos de atendimentos em instituições de saúde mental. Assim, o analista, a partir da posição que assume, toma aquele que se insere em tais contextos por uma perspectiva que, conforme Freud pontua em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996), parte de uma possibilidade revolucionária; não porque pretenderia uma subversão social, mas porque atuaria no sentido de uma mudança que diz respeito ao sujeito, e essa mudança seria da ordem de uma radicalidade.

Assim, assumir o recalque e o determinismo inconsciente enquanto conceitos que se estruturam na obra freudiana a partir do estatuto de fundamento apenas se realiza se localizarmos o sentido que assumem para o sujeito da psicanálise; seu estatuto de fundamento parte, primeiramente, portanto, de uma experiência que é pessoal e que, por isso, permite que as aplicações da psicanálise aconteçam enquanto algo que demonstra e confirma as descobertas fundamentais da psicanálise.

5 CONCLUSÕES

Não é tarefa fácil terminar um trabalho que se estendeu pelo período de dois anos. Mas se esta dificuldade existe, é menos pelo tempo que ele tomou e mais porque este capítulo, que é convencionalmente chamado de ‘conclusões’, encerra a marca da despedida de uma experiência que foi das mais positivas, como costumam ser aquelas que trazem consigo a característica de promoverem um encontro. E neste trabalho, o encontro traçado, certamente, foi com a psicanálise.

No processo que levou ao resultado final deste trabalho, é surpreendente ver como o anteprojeto de pesquisa transformou-se em um propósito que está aqui, em vias de ser concluído. Parece ser nostalgia o sentimento que envolve este momento em que é preciso olhar para trás, vermos de onde se partiu, que caminho se percorreu e como se chegou aqui de uma forma muito diferente do início. Vale dizer que não se trata de um ‘diferente’ ocasionado por uma mudança drástica de objetivos. Pelo contrário, o cerne deste trabalho está presente desde o princípio, quando foram necessárias muitas mãos onde segurar para poder sair do lugar.

Essas mãos pertencem a cada um dos autores pesquisados antes do momento em que este trabalho efetivamente deveria tornar-se uma dissertação. Foram autores cuja inquietação em algum momento de seus próprios percursos – acadêmicos e na psicanálise – foi parecida com aquela colocada aqui. De diferentes maneiras, quando escreveram sobre esse tema que nos norteia, o da aplicação da psicanálise a diferentes campos, e quando se reportam à importância que adquire a pesquisa a partir da psicanálise na universidade, cada um deles estendeu a mão.

Quando uma criança ainda engatinha precisa de uma mão ou duas para começar a se colocar em pé. Se essa alegoria parece apropriada, é porque remete à insegurança presente, desde o começo deste trabalho, quando o questionamento que apareceu, de repente, parecia ser muito ingênuo. A pergunta que parecia almejar ser respondida, afinal, era o que é a psicanálise. Assumindo o risco de fazê-la, o objetivo deste trabalho foi encontrar um meio de respondê-la. Mas, para isso, foi necessário fazer o sacrifício de soltar das mãos daqueles que haviam permitido que esta pesquisa começasse a existir. É porque, a maneira como cada autor chegou a respostas variadas era a sua própria, que não poderia ser a mesma adotada por nós, neste trabalho. Por outro lado, tais autores haviam ensinado que é

assim mesmo que deve ser quando se realiza uma pesquisa em psicanálise, implicando, assim, a subjetividade daquele que se arroja neste intento.

Uma vez admitido o fato de que o caminho seguinte deveria ser traçado sem a facilidade de interpretações e leituras anteriores, foi preciso ficar em pé, mas não sem apoio. Foi preciso encontrar um lugar para se segurar, porque andar sozinho não é o objetivo que se almejou aqui. Assim, se a questão versava sobre o que à psicanálise é inegociável, ou seja, o que a define, mais por experimentação e menos por planejamento, encontramos este apoio, que quase se personifica nesta dissertação, através da obra de Freud. Quando se firmou como o melhor caminho para a realização desta pesquisa utilizar-se, em toda ela, das contribuições freudianas, o trabalho como foi apresentado aqui pôde crescer e, com este crescimento, pretende ser uma contribuição, mesmo que singela, ao campo da psicanálise e, sobretudo, àqueles que se questionam sobre as possibilidades das aplicações dela. Um questionamento merecedor de atenção, uma vez que nasceu junto com a própria psicanálise e pelas mãos de Freud, conforme salientamos neste trabalho.

Foi por essa razão que o primeiro tópico abordado nesta pesquisa diz respeito à questão do fundamento em Freud, pois ele nos apresenta a psicanálise a partir de alguns conceitos que explicita serem fundamentais. É pelo fato de a psicanálise possuir um alicerce, portanto, que nos questionamos sobre as possibilidades de ela ir além do que é feito em outras direções de atuação, como aquela da qual ela partiu. Dessa maneira, buscou-se compreender por que, ao definir a psicanálise, Freud elegeu alguns de seus conceitos a partir do estatuto de fundamento, e compreendemos que essa dimensão começou a ser percebida pelo autor através da própria experiência analítica com pacientes, e também a pessoal, o que elimina a concepção de que existe uma arbitrariedade dogmática na delimitação destes conceitos. Portanto, se a psicanálise pode ir além é porque ela partiu de uma experiência que é sempre pessoal e intransferível, atingindo o que é mais particular de cada um.

Uma vez que Freud situa este campo a partir da questão do fundamento, restou saber, na tentativa de cumprir o objetivo a que nos propusemos, que conceitos são esses dos quais não podemos abrir mão quando falamos em nome da psicanálise e por que seriam fundamentais. Mas Freud, sempre tentando escapar das sínteses que, como vimos, são contrárias à construção do conhecimento, em

diferentes momentos da obra, define a psicanálise a partir de distintos vieses. Que critério utilizar, então, para escolher, já que seria humanamente impossível discorrer a contento sobre cada um deles neste espaço?

Outra vez, a peculiaridade do método de pesquisa da psicanálise veio ao encontro deste trabalho. Não havia um critério pré-definido para tanto e não poderíamos criar um arbitrariamente. Assim, à medida que o texto se construía, entendemos que algo nele parecia tomar vida própria. Enquanto avançávamos no primeiro capítulo, destacou-se um elemento que parecia repetir-se a cada página. Esse elemento dizia respeito à posição do analista, posição primeiramente assumida por Freud, ao perceber-se incapaz de tomar outro partido que não o das origens dos sintomas de suas pacientes. Assim, no primeiro capítulo, voltamo-nos aos *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996), para apreender mais sobre o momento em que tal mudança de posicionamento aconteceu, compreendendo que esta modificação encontra-se associada à descoberta dos elementos que encerram consigo a marca de fundamento. Neste intento, percebemos que dois deles já se faziam presentes desde então, e foram de fundamental importância para o novo posicionamento freudiano: a existência dos processos mentais inconscientes e a teoria do recalque.

São, portanto, estes dois aspectos da teoria psicanalítica que pudemos vislumbrar tomarem forma na última parte de *Estudos sobre a histeria* (1895[1893]/1996), momento em que Freud começa a ter de se desvincular de Breuer para adentrar sozinho o caminho que o levou ao desenvolvimento da psicanálise. Esta necessidade de ir além se presentificava na impossibilidade da medicina diante dos sintomas histéricos, ao mesmo tempo em que a hipnose demonstrava limitações. Mas o que são o determinismo inconsciente e o recalque? Teorias? Fenômenos? Conceitos?

É difícil dar nome a isso que Freud experienciou. Mas sendo ele o apoio para os primeiros passos desta pesquisa, buscamos em suas próprias palavras uma forma de definição. Isso que chamamos de inegociável são *coisas psicanalíticas*. E não é fácil sintetizá-las. É igualmente difícil fazer a correlação entre elas, porque as fronteiras são inexistentes. Ainda assim, ousamos tentar. Partimos, então, do recalque originário pelo fato de, à medida que as leituras foram se desenvolvendo, compreender-se que o campo do inconsciente se dá a partir dele. Freud tomava o recalque como um não saber que é, na verdade, um não querer saber, e

continuamente reafirmava sobre a impossibilidade de fugirmos de nós mesmos, impossibilidade evidenciada, justamente, pelo recalque.

A questão que norteou o primeiro tópico deste trabalho voltou-se, portanto, ao fato de que tanto a conceituação do recalque quanto do determinismo inconsciente, não se baseou em uma abstração arbitrária feita por Freud, mas baseou-se no contato dele com as suas pacientes e, especialmente, no início de sua auto-análise. A psicanálise, dessa forma, sustenta-se apenas a partir de uma experiência e, quando nos voltamos para as tais coisas psicanalíticas, compreendemos o peso dessa experiência para todo aquele que se propõe a atuar a partir da psicanálise. O analista, então, não é aquele cuja convicção é cega, mas aquele que permitiu que tais coisas atuassem em si mesmo. Tais conceitos, então, têm o valor de transmissão.

Parece-nos, a partir das reflexões a que este trabalho nos levou, que é justamente pelo fato da importância de tais conceitos residir no valor de transmissão que encerram que Freud afirma ser a tarefa da psicanálise laboriosa, ainda que não impossível. É laboriosa porque é exigente, exige do analista e também exige do paciente. Por parte do analista, nos interessa saber que seu processo de formação leva o tempo necessário para que parte de suas resistências sejam derrubadas. Tais resistências atuam contra o próprio inconsciente. Freud afirmava que o orgulho da consciência é caro à civilização, mas que tal orgulho também a torna cega a muitas manifestações que, em última instância, conduzem ao sofrimento.

Pensar sobre este sofrimento remete-nos a um dos objetivos desta pesquisa, àquele de nos voltarmos para as aplicações da psicanálise ao campo da clínica e de que maneira Freud se situa no que diz respeito a este tema. Como resultado, uma vez mais, deparamo-nos com a posição do analista enquanto fator imprescindível para se pensar qualquer tipo de aplicação da psicanálise. Essa posição, Freud a evidencia como a possibilidade de não correr o risco de se descobrir nada além do que já se sabe. Isso é muito interessante se pensarmos que, comumente, aqueles que se posicionam a partir de determinado campo de conhecimento, partem de um saber. Porém, Freud afirma que se contentarmos com o que sabemos, não descobriremos nada mais. Não nos diferenciaremos, portanto, daqueles campos de conhecimento que se apóiam nas próprias certezas.

Ir além do sabido, no entanto, não se faz sem sacrifícios. A importância da formação do analista é repetida inúmeras vezes e não apenas nos artigos sobre a

técnica. É um pré-requisito que vemos presente também nos textos metapsicológicos, nos que Freud escreve ao público leigo, e também nos mais ulteriores, como se evidencia em *Análise terminável, interminável* (1937a/1996) e *Construções em Análise* (1937b/1996). A importância desta formação presentifica-se porque a posição de que estamos aqui tratando precisa acontecer sem atropelos, sem ideais pré-concebidos, sem exigências morais. Enfim, o analista é alguém que se coloca à parte disto que comumente enxergamos nos requisitos culturais.

A questão que, por fim, evidenciou-se neste trabalho, é que, se o analista não responde a tais condições, não o faz porque não quer, mas porque não pode. Porque foi tocado pelo que Freud chamou, em *Explicações, aplicações e orientações* (1933[1932]/1996), de fatores revolucionários da psicanálise. Então, se o analista pretende atuar em campos considerados passíveis de aplicação da psicanálise, dentre eles o da saúde mental, não se sustentará nas exigências institucionais.

No momento em que a atuação no campo da saúde mental suscitou as primeiras reflexões acerca do que poderia ser feito a partir da psicanálise em espaços diversos, a primeira tentativa foi a busca por trabalhos que tratassem de um tema que inquietava. Teses, dissertações, artigos; o que buscamos, enfim, foi segurança. Afinal, a informação de que os psicanalistas atuam em diferentes instituições era conhecida. Essa busca foi frutífera uma vez que, conforme salientamos, muitos foram os trabalhos que nos permitiram vislumbrar a maneira através da qual distintos psicanalistas posicionavam-se em relação às suas práticas em contextos passíveis à aplicação da psicanálise. Se o acesso a esse material foi um primeiro passo importante, seria possível pensar, então, que a pesquisa levou ao encontro de algumas soluções vindas tanto da experiência em tais campos como a partir da psicanálise. Este primeiro apoio que encontramos foi, no entanto, bastante diverso daquele que aponta para as melhores soluções.

A atuação junto a instituições das mais diversas naturezas demonstra que, na grande maioria das vezes, o objetivo delas é semelhante. Se fôssemos generalizar, poderíamos dizer que esse objetivo versa em torno do encontro do melhor remédio. Remédio para um sofrimento, para uma incapacidade, para um limite, sendo cada uma dessas características definidas a partir de um padrão preestabelecido. Então, quando a demanda é a do pedido para que os problemas sejam resolvidos, a busca

por aqueles que, mais experientes, já estiveram ou encontram-se em um local semelhante, parece natural.

Não foi surpresa, no entanto, que as primeiras orientações sobre a inserção da psicanálise no campo da saúde mental, e também em outros, em vez de nos apresentarem receitas, diretrizes e regras, apontavam-nos algo que mais parecia tratar sobre a essência do que a psicanálise encerra. A partir deste caminho, foi possível compreender que aquele cujo comprometimento é com a transmissão da psicanálise, em vez da resposta, nos oferece uma direção que passa longe da exatidão. Curioso é o fato de que esta direção, nada tem a ver com o caminho pessoal trilhado, mas com a capacidade de reconhecer-se produzindo algo de valioso a partir de um campo de conhecimento sem que o resultado final seja aquele que oferecerá a melhor resposta.

Ao contrário, o que se apresentava é que, no que diz respeito à produção de conhecimento a partir da psicanálise, as diferentes conclusões não são mais que considerações que, via de regra, conduzem a novas dúvidas, de tal modo que o assunto não se esgota nunca, sendo sempre abordado e renovado a partir do que é singular naquele que se propõe a um movimento que não se finda em si. Dessa maneira, quando elegemos dois conceitos sobre os quais poderíamos direcionar a nossa atenção para que esse trabalho pudesse chegar aonde chegou, foi porque eles encerram, na abertura do campo da psicanálise, o momento em que ela começa a ser vivenciada como experiência freudiana jamais ensinada pelas vias formais e muito menos avaliada através de provas, trabalhos ou dissertações de mestrado.

O campo acadêmico, como o campo da saúde mental, oferece-se como lugar em que o conhecimento pode reproduzir-se, serve como um local em que é possível atuar a partir deste posicionamento que aqui atribuímos como próprio do analista. Como aqueles autores dos quais partimos, tivemos o cuidado para não sermos reducionistas, para não dogmatizar a conceituação tanto do recalque quanto do determinismo inconsciente, compreendendo ambos como elementos indissociáveis tanto entre si, como da experiência da análise. Se o consideramos como fundadores é que eles apresentam-se como a primeira constatação freudiana que o afasta de uma ciência ideal. Esta oposição afasta Freud de Breuer e delinea a oposição com a técnica empreendida por ele:

Eu via a questão de uma forma menos científica; parecia discernir por toda parte tendências e motivos análogos aos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como efeito de um processo de repulsão que naquela época denominei de “defesa”, e depois de “repressão” (FREUD, 1914a/1996, p. 21)

É, portanto, essa experiência que permite que um analista empreenda sua prática a partir da psicanálise em campos variados. É pelo fato de os conceitos sobre os quais nos debruçamos aqui, e também outros, não se apresentarem enquanto elementos cuja definição se deu artificialmente para que servissem a uma teoria. Ao contrário, conforme nos ensinou Freud, aquilo que faz parte do cotidiano denuncia a atuação disso que foi elaborado tornando-se, assim, um campo de saber, de pesquisa e de prática.

Os diversos campos passíveis de atuação para o psicanalista, ainda que vinculados a objetivos terapêuticos, apresentam-se, a partir da psicanálise, portanto, enquanto campo de pesquisa. A experiência analítica se faz imprescindível justamente aí, na pesquisa, quando o que se amplia é um conhecimento a partir da psicanálise e não sobre ela. Conhecimento que será resultado, portanto, de um atravessamento que não tem a ver com uma escolha. Essa é uma questão evidenciada quando Freud afirma que a psicanálise não pode ser manejada como um par de óculos, de acordo com a necessidade, o que indica que, uma vez atravessados pela psicanálise, não mais podemos adequar nossa atuação de acordo com o contexto instituído.

Pensar na psicanálise não como uma escolha, mas como um posicionamento assumido a partir de uma experiência, nos faz rever a questão da aplicação da psicanálise ao campo da saúde mental sem tornar esta uma prática tendenciosa por amaciar a psicanálise e apropriar-se de partes dela. Assim, tal aplicação da psicanálise continuará comprometida ao posicionamento defendido por Freud, neste trabalho, de acordo com o qual, a única maneira possível de manter firmes os alicerces que estruturam o seu campo é a manutenção dos mesmos, de forma que se prioriza aqui a importância que adquire para a psicanálise estrita, a formação do psicanalista. Essa formação permite que a transmissão da psicanálise se dê em diferentes campos sem adquirir a coloração dos ideais. Não se compila a psicanálise em manuais e definições fechadas. Não se artificializa situações para vermos comprovados os conceitos e a técnica. A psicanálise estrita se dá, assim, pela não necessidade de vermos sustentados os ideais, porque o que sustenta a psicanálise

vai além deles, que serão deixados de lado, pelo menos em parte, pela experiência analítica.

É por estas razões que Freud afirma que as aplicações da psicanálise requerem debate. Um debate de fundamental importância que nós buscamos aqui realizar, para que sejam mantidos firmes os fundamentos sobre os quais tratamos. Assim, é a garantia àquilo que Freud situa enquanto alicerces da teoria psicanalítica a partir de um posicionamento assumido por aquele que atua nessa práxis que permite pensarmos na aplicação da psicanálise em termos freudianos. Sendo freudianos, chamamos tais elementos de inegociáveis porque não precisamos, na prática ou na pesquisa, eleger uma ou outra coisa psicanalítica. Elas se misturam porque nos atravessam e, uma vez atravessadas, nenhuma negociação será mesmo possível.

Assim, se é realmente necessário sintetizar, contrariando os ensinamentos do autor, diremos que das conclusões a que chegamos sobre o que é inegociável à psicanálise, a primeira é a existência de um analista que, tocado por uma experiência própria do determinismo inconsciente e do recalque, possa assumir uma posição que requer o sacrifício das certezas totalizantes, das curas, dos bens e dos padrões de comportamento a serem atingidos. É uma posição que vai buscar o que há de específico em cada sofrimento que se apresenta, não por capricho, não por imposição externa, não por grandeza moral. Mas porque não pode fazer de outra maneira.

A segunda conclusão é a de que se, porventura realizamos com este trabalho uma colaboração ao campo da psicanálise, que ela poderá levar consigo a marca de não oferecer definições e, especialmente, restrições, mas, ao contrário, carregará consigo a marca de encorajamento na direção das aplicações da psicanálise. Uma perspectiva positiva, portanto, é a que desejamos oferecer àqueles que se acham implicados na transmissão da psicanálise a partir de algumas condições que, se prezadas, abrem o caminho às diversas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARRIBA, V. **A violência na experiência da psicanálise** in Anais do V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_327c.pdf. Acesso em: 15 fev. 2011.

Dolto, F. **Solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. II**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1900). A Interpretação dos Sonhos in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.V**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.VI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1904[1903]). O método psicanalítico de Freud in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905a). Os chistes e sua relação com o inconsciente in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.VIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905b). Tratamento psíquico ou anímico in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910a). Cinco lições de psicanálise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910b). Psicanálise silvestre in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910c). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1912a). Recomendações aos Médicos que exercem a Psicanálise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1912b). A dinâmica da transferência in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1913a). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise) in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1913b). O interesse científico da psicanálise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914a). A História do Movimento Psicanalítico in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914b). Recordar, repetir e elaborar in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915a). O instinto e suas vicissitudes in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915b). Observações sobre o amor transferencial – novas recomendações aos médicos que exercem a técnica da psicanálise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915c). Recalque in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915d). O inconsciente in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917a[1916]). Conferência XXVII in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917b[1916]). Conferência XVI in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1919a). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1919b[1918]). Linhas de progresso da terapia psicanalítica in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1920). Mais além do Princípio do Prazer in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1923a[1922]). Dois verbetes de enciclopédia in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1923b[1922]). O eu e o isso in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1923c). Prefácio ao relatório sobre a policlínica psicanalítica de Berlim in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1925[1924]). Resistências à psicanálise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1926a[1925]). A questão da análise leiga – conversações com uma pessoa imparcial in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1926b[1925]). Inibição, sintoma e angústia in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1930[1929]). Mal estar na civilização in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1933). Novas conferências introdutórias – Explicações aplicações e orientações. in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XXII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937a). Análise terminável, interminável in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937b). Construções em análise in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1957[1956]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1958[1957]) A psicanálise verdadeira e a falsa, In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____ (1960[1959]). **O Seminário livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MEZAN, R (1982). **Freud – a conquista do proibido**. São Paulo: Brasiliense, 1991.